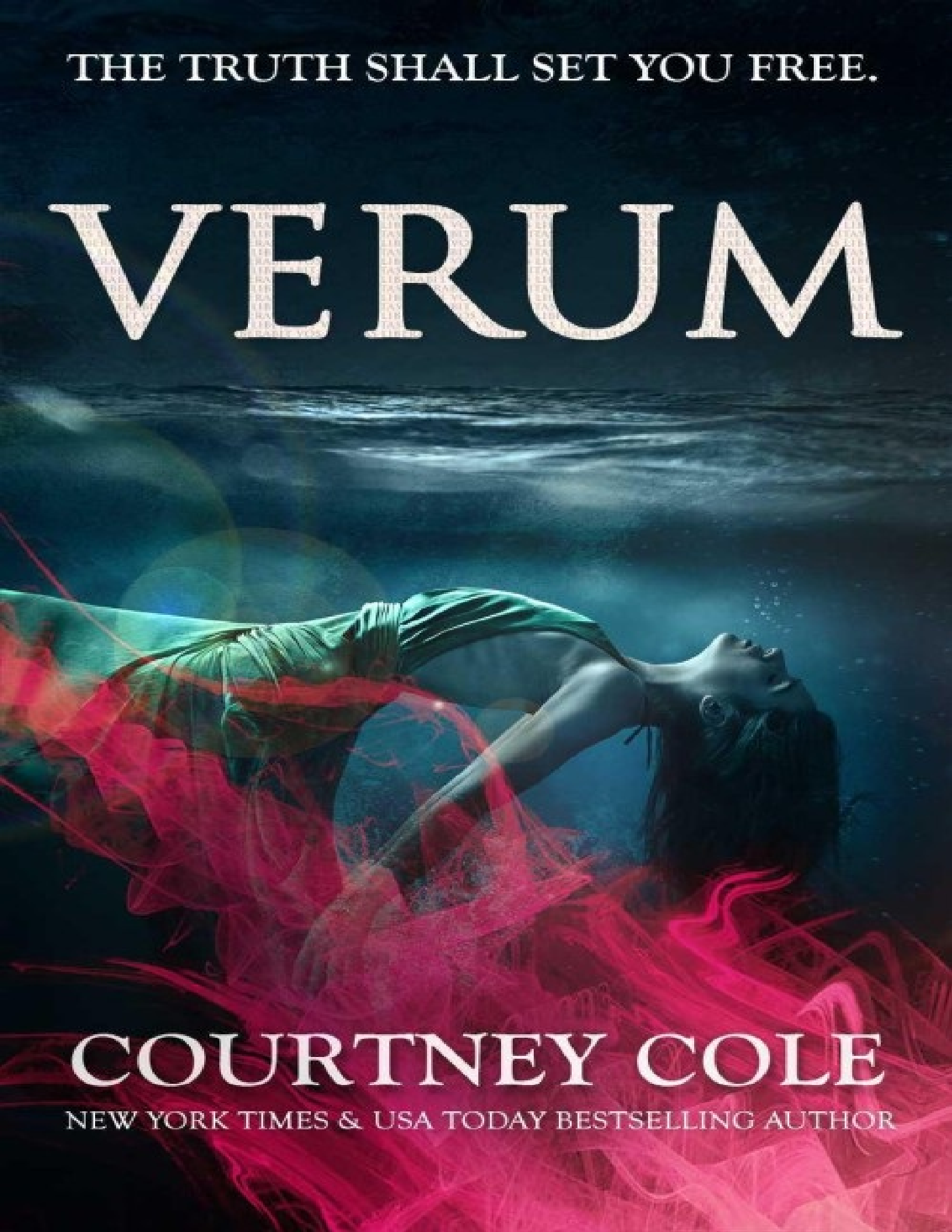
THE TRUTH SHALL SET YOU FREE.

VERUM



COURTNEY COLE

NEW YORK TIMES & USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Verum

The Nocte Trilogy

by *Courtney Cole*

***

A verdade vos libertará.

Verum

Latim;

Substantivo; verdade

Advérbio; na verdade

Para Natasha. Porque você sempre acredita em mim, mesmo quando eu não faço.

Prefácio

Caro leitor,

Dante Alighieri disse, em seu *Inferno:*

— Não tenha medo; o nosso destino

não pode ser tirado de nós; é um presente.

Dante mentiu.

Nosso destino deve ser trabalhado.

Ele deve ser pago.

Com lágrimas.

Com sangue.

Com tudo o que temos.

E não é até o fim,

no fim,

que nós saberemos se valeu a pena.

Prólogo

— Vejo você mais tarde, Cal. Você tem certeza que não quer ir?

Eu olho para cima para ver o meu irmão na porta do salão.

— Eu tenho certeza. — eu respondo rapidamente. — Eu preciso de algum tempo sozinha. Vá em frente e encontre o seu amigo.

— Ele teve que cancelar. — Finn faz uma careta. — Então eu acho que eu levei bolo. Você tem certeza que não quer vir?

Eu gemo internamente, porque eu não sou fã de Quid Pro Quo, mas Finn tem estado ansioso para este show por meses. Não há nenhuma maneira que eu posso realmente dizer não.

Mas depois a minha mãe entra e me resgata.

— Eu vou. — ela é voluntária e Finn tripudia.

— Do-cee! — ele olha para mim. — Bobeou, perdeu, Cal. Vamos explodir aquele lugar.

Eu tenho que sorrir um pouco enquanto se afastam porque esta pequena coisa o faz tão feliz, porque a maioria dos rapazes da nossa idade nunca iria a um show com a sua mãe. Mas Finn não é a maioria dos rapazes.

Eu afundo no assento da janela, inclinando a cabeça contra o vidro enquanto eu assisto suas luzes traseiras desaparecerem abaixo da garagem.

Doce Finn.

Especialmente agora, após o que Dare me disse... depois de sua confissão, eu preciso do meu irmão.

Finn e eu não podemos ser separados. Eu sei disso agora mais do que nunca. Temos que proteger um ao outro. Temos que nos manter sãos.

Eu pego o telefone.

Mamãe tem que saber, e será tarde quando chegar em casa, e isso não pode esperar.

Mas a mãe não quer ouvir isso agora. E então ela grita.

Alto e estridente, em meu ouvido.

— Mãe? — pergunto, o temor de ondulação em torno de minha espinha com os dedos gelados.

Não há uma resposta.

— Mãe! — eu exijo, com medo agora.

Mas ainda não há resposta.

Tudo gira em minha volta, imagens, cheiros e sons, e de alguma forma, eu sei que ela nunca me responderá novamente. Na minha mente, eu vejo seu rosto, e é sangrento e machucado.

Eu não posso respirar e eu sei em meu coração que ela se foi quando eu corro para a varanda, quando eu olho para a fumaça que ondula no céu da noite, apenas um pouco para baixo da montanha.

Eu sei disso quando eu afundo a um amontoado sobre os degraus segurando o telefone.

Eu sei disso quando as náuseas me ultrapassam em ondas irregulares e o mundo gira.

Eu sei disso quando Dare manca pelo gramado, com a testa sangrando.

Eu sei disso quando ele fica na minha frente, machucado e em carne viva.

— Calla, você está bem? — ele sussurra, com a mão no meu ombro.

Há sangue em seus dedos.

— Você está bem? — ele repete.

Eu de alguma forma consegui mover a cabeça, olhar para o homem que eu amo, o homem que eu odeio, o homem que eu tenho medo. Por tudo isso, através de todo o sangue e a fumaça, eu posso apenas concentrar em uma coisa.

Uma pergunta.

— Por que você está aqui? — pergunto-lhe tensa. — Isso não faz nenhum sentido.

— Você sabe por que, Cal. — uma gota de sangue escorre de sua testa.

Eu?

De repente, eu não sei de nada.

Nada mais faz sentido.

Meus pensamentos são peças recortadas.

— Onde está o Finn? — meus lábios se movem.

Dare olha para mim, seus olhos escuros bem guardados e urgentes.

— Nós temos que chamar uma ambulância.

Estou congelada, assim Dare agarra meu telefone e digita os números.

Sua voz combina com a noite quando ele fala com o atendente, mas uma frase penetra a nevoa da minha consciência.

— Houve um acidente.

Eu espero que ele termine, eu espero até que ele desligue o telefone e olhe fixamente para mim antes que eu finalmente fale.

— Foi? — pergunto a ele, minha voz trêmula, frágil e fina. — Foi um acidente?

Ele fecha os olhos.

Capítulo Um

Tudo está em câmera lenta.

As ondas, a boca de Dare em movimento, suas palavras. Eu fico olhando para ele, no restolho escuro em seu maxilar, a forma como ele engole. Na forma em que seus olhos escuros estão me perfurando, me segurando, me assustando.

— Você tem uma pergunta sobrando, Calla. — ele me lembra agora. — Faça.

O ano passado rodopia por minha mente em borrões e trechos. Através de tudo, Dare esteve aqui. Ele esteve comigo, ele me segurou, ele me amou.

Ou ele não esteve?

Meus lábios tremem mais quando eu tento movê-los.

— Por que você estava lá naquela noite? — eu finalmente perguntei, escolhendo as palavras com cuidado. — Você não deveria estar. Mas você estava.

Dare responde a minha pergunta com uma das suas, olhando para mim cautelosamente.

— Que noite, Calla?

Estou sem palavras, quando eu olho para ele.

— Você sabe que noite. *A noite.* A noite que meu irmão morreu.

Algo oscila no olhar de Dare, mas ele se recompõe.

— Você se lembra agora? Você se lembra de como ensanguentado eu estava?

Eu já estou balançando a cabeça de um lado para o outro, lentamente, em estado de choque. Não porque eu não me lembro, mas porque eu não quero.

— Havia um monte de sangue. — lembro-me, pensando na forma como ele tinha escorrido no templo de Dare e pingou sobre a camisa. Ele tinha manchado a camisa de carmesim, espalhando-se em uma piscina aterrorizante sobre o peito. — Eu não sabia se era seu ou... Finn.

E por um segundo escasso, eu tinha esquecido que Dare havia confessado algo para mim.

Eu tinha esquecido que eu tinha pavor dele por causa disso.

Porque em meio a todo aquele sangue, tudo o que eu podia ver era o meu medo de perdê-lo, porque Deus me ajude, eu o amava de qualquer jeito.

— Você me levantou. — meus lábios tremem. — Quando eu estava caindo. Você me segurou enquanto eu esperava... Finn.

Eu esperei por Finn ligar.

Eu esperei e esperei e esperei.

As sirenes soaram no meio da noite, e eu andava.

Finn nunca ligou.

Dare assente. — Eu sempre te segurei, Cal.

— Quando meu pai entrou, e disse... quando ele me contou sobre Finn, todo o resto desapareceu. — lembro-me, olhando para o mar. *Deus, por que o oceano me faz sentir tão pequena?* — Nada mais importava. Nada além dele. Você desapareceu, Dare.

A verdade é gritante.

A verdade é dolorosa.

Eu coloco pra fora, como uma ferida aberta, como um músculo rosado, como sangue.

Dare fecha os olhos, seus olhos negros cintilantes.

— Eu sei. — diz ele suavemente. — Você não se lembra de mim. Há meses.

Nós sabemos disso. Nós dois sabemos disso. É por isso que estamos aqui, de pé na beira do oceano, tentando recuperar a minha mente. Isso está à deriva por muito tempo, ausente de mim, se debatendo.

Eu arrebato para ele agora com os dedos frenéticos, tentando chamar todas as minhas memórias de volta. Elas são teimosas, porém, as minhas memórias. Elas não virão todas.

Mas uma vem.

Meus olhos ardem quando eu fixo meu olhar sobre Dare.

— Você confessou algo para mim. Isso me assustou.

Dare fecha os olhos provavelmente pelo peso da culpa.

Ele balança a cabeça. Um movimento curto, pequeno.

— Você se lembra do que eu disse?

Ele está em silêncio, com o olhar amarrado ao meu, me queimando.

Eu folheio as minhas memórias, rápido, rápido, mais rápido... mas eu venho de mãos vazias. Só emerjo com um sentimento.

Medo.

Dare vê nos meus olhos e olha para longe.

— Eu tentei te dizer, Cal. — diz ele, quase implorando. — Você simplesmente não entendia.

Sua voz diminui e meu coração parece parar de bater.

— Eu não entendi o que? — pergunto tensa. *Apenas me diga.*

Ele levanta a cabeça agora.

— Não é difícil de entender. — ele diz simplesmente. — Se você lembrar tudo o que eu lhe disse. Você pode tentar?

Encaro-o entorpecida. — Eu já tentei. Eu... não está lá, Dare.

A cabeça de Dare cai um pouquinho, quase imperceptível, mas eu vejo isso. Ele está desanimado, decepcionado.

Ele balança a cabeça. — *Está* lá. Apenas relaxe, Calla. Ela virá. Mas você deve saber agora que você não está segura. Você tem que confiar em mim.

— Você estava aqui comigo. — digo a ele. — Lembro-me bem. Você estava aqui comigo o tempo todo.

Dare sacode a cabeça. — Não. Isso não é verdade. Eu vim aqui por uma razão, então isso mudou e *foi você.* Juro pela vida da minha mãe.

— Sua mãe está morta. — eu indico cruamente. — Assim como a minha. E eu tenho que apenas acreditar em você agora?

Dare suspira, um som áspero e quebrado. Ele tenta tocar a minha mão, mas eu arranco fora. Ele não pode me tocar. Não mais.

— Você não entende. — diz ele em voz baixa.

Eu fico olhando para ele. — Não, eu não entendo. — *e você não tem ideia de como me sinto.*

— Você vai. — responde ele, cansado. — Eu juro por Deus que você vai.

Um caroço se aloja na minha garganta, quando a brisa do mar agita meu cabelo. Tomo um gole dela, enchendo os pulmões com o cheiro limpo.

— Alguma vez você me amou mesmo? — eu pergunto, as palavras me sufocam, porque não importa o que, é a coisa mais importante para mim agora.

Flashes de dor atravessam o rosto de Dare, a dor real, e eu me preparo.

Não.

Não.

Não.

Não me machuque.

— Claro que sim. — diz ele com rapidez e firmeza. — E eu ainda a amo. Mesmo agora.

Ele me olha suplicante e eu só quero acreditar nele. Eu quero ouvir suas palavras e arrebata-las ao meu coração e mantê-las lá em uma gaiola dourada.

Mas, em seguida, ele fala novamente. — Você não está segura, Calla. Você tem que vir comigo agora. Há algo que você precisa saber.

Estou congelada, petrificada por minhas circunstâncias. Ir com ele para Whitley? Com uma pessoa que eu nem conheço mais, *com uma pessoa que eu acho que eu deveria ter medo?* Confusão me consome e nada parece real.

Nada além de duas coisas.

Eu tenho que admitir que *eu* sinto o perigo. Ele crepita ao meu redor, em todos os lugares. Está aqui por mim. Eu só não sei o por que.

Você não está segura, Calla.

E claro, Dare. Ele está aqui, ele é real, e eu o amo.

Mas.

Eu não posso confiar nele.

Eu não posso confiar em qualquer coisa.

— Eu não sei o que fazer. — eu sussurro asperamente. — Eu quero te odiar Dare, por ter mentido para mim. Mas eu não consigo. — eu estou muito confusa, e ele é a minha âncora.

Ele agarra meu braço e me puxa para ele, resistindo as minhas lutas, e então eu estou mole.

Porque aqui, cercada por seu cheiro, seu calor e sua força... aqui é onde eu pertenço. Como posso discutir com isso?

— Seu lugar é aqui, comigo. — ele me diz, seus lábios se movendo contra o meu cabelo. — *Você não me odeia, Calla.* Você não pode. Eu não menti para você. Eu tentei te dizer.

Sua voz está amedrontada, apavorada, na verdade, e ele toca um lugar macio em mim, um lugar escondido, o lugar onde eu protejo meu amor por ele. O lugar onde o meu coração costumava estar antes de estar tão quebrada.

— Você é o meu próprio anticristo pessoal. — eu sussurro em sua camisa. Suas mãos acariciam meus cabelos freneticamente, arrastando pelas minhas costas e me agarrando a ele. — Por que você não pode simplesmente me contar tudo agora?

— Porque eu não posso. — ele diz com a voz rouca. — Porque as coisas são complicadas, e a menos que você descubra isso por si, você pensará que eu sou um monstro. Eu te amo, Calla. Eu *vou* te proteger. Você apenas tem que confiar em mim.

Eu arranco para trás agora, agarrando a minha coragem e minha força. — *Confiar em você?* Você deve estar brincando.

Ele está surpreso, e eu estou despedaçada quando eu corro pela praia, meus pés afundando na areia molhada, o vento chicoteando meu cabelo.

Eu amo Dare, mais do que qualquer coisa, mas eu não posso confiar nele. A única pessoa que eu já fui capaz de confiar verdadeiramente está morta.

Eu preciso do meu irmão.

Eu preciso de Finn.

Corro pela trilha, em minha casa e até o quarto do meu irmão.

Está exatamente como ele deixou.

Eu afundo para meus calcanhares dentro da porta.

As paredes fecham-se sobre mim, quatro delas e o teto, chegando mais perto, me engolindo, me esmagando. Eu cubro meus ouvidos e balanço para frente e para trás, porque em meio a tudo, eu ainda ouço a voz de meu irmão.

Vai ficar tudo bem. Vai ficar tudo bem. Vai ficar tudo bem.

Eu não posso continuar a ouvir vozes.

Nem mesmo Finn.

Eu não posso.

Eu não posso.

Eu sou sã, porra.

Estou sobrecarregada pelas mentiras de Dare, pelo meu medo... e pelo fato muito real de que estou muito frágil.

— Seu domínio sobre a realidade é tênue.

É um sopro que corta meu pânico.

Faço uma pausa, parando todo o movimento, nem mesmo respirando. O murmúrio vem do outro lado da porta.

— Não, eu não quero fazer isso. Ainda não. — a voz, silvando e firme, e não pode ser real. Não há nenhuma maneira. Estou congelada quando ela me envolve, enquanto a realidade desliza mais longe.

— Precisamos. Ela não iria querer isso.

Confusa, eu olho para a superfície plana de madeira da porta, para a textura.

Isso está realmente acontecendo?

Ou é a minha mente pregando peças em mim mais uma vez?

Engulo em seco e puxo uma respiração instável.

— Qualquer coisa poderia mandá-la de volta ao limite. — adverte a voz familiar, sua voz cuidadosa, baixa e familiar. Não há nenhuma maneira que possa ser ele. Não há nenhuma maneira.

Mesmo assim, eu quero me envolver no som, me esconder nele, escapar nele.

Mas eu não posso.

Porque a resposta é imediata.

— É por isso que temos que lidar com ela com cuidado.

Lidar comigo?

A porta se abre e eu olho para encontrar três sombras pairando sobre mim.

Meu pai.

Dare.

E alguém que eu não posso ver, uma figura sem nome, sem rosto, à espreita nas sombras. Espio de perto, tentando ver se é ele, mesmo sabendo no meu coração que ela não pode ser Finn.

É impossível.

Eu fujo para trás até que minha coluna está contra a cama do meu irmão. Eu sou uma corça arisca e eles são meus

caçadores. Eu estou presa, porque eu estou em perigo, e eu não sei por que.

Mas eles sabem.

— Calla. — meu pai diz, gentilmente e suavemente. — Você está bem. *Você está bem.* Mas eu preciso que você confie em mim agora.

Seu rosto é grave e pálido. Eu olho para Dare e percebo que suas mãos estão fechadas em punhos, os nós dos dedos brancos. O ar aqui está carregado agora, perigoso, e acho que mal posso respirar.

Eu me abraço.

Porque no fundo, no fundo do meu ser eu sinto que eu não posso confiar em ninguém.

Eu fecho meus olhos com força e empurro o meu rosto no cobertor do Finn. Através do tecido abafado, ouço palavras. Eu sinto a mão de Dare no meu ombro. Eu sinto a vibração de sua voz profunda no meu peito.

E então eu sinto sua ausência.

Abro os olhos.

O quarto está vazio.

Eles haviam desistido.

Seja lá o que queriam me dizer, eu estou segura agora.

Porque eu estou sozinha.

Com passos vacilantes, me levanto e caminho até a mesa de cabeceira do Finn. Eu pego seu medalhão de São Miguel e coloco no meu pescoço.

Segurando-o em meus dedos, eu sussurro a oração, cada palavra rápida e firme em meus lábios.

São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate. Seja nossa defesa contra as maldades e ciladas do demônio. Que Deus o repreenda, nós humildemente pedimos, e tu, ó Príncipe dos exércitos celestiais, pelo poder de Deus, envie para o inferno Satanás e todos os espíritos malignos que andam pelo mundo para perdição das almas. Amém.

Eu digo a oração três vezes seguida, só para ter certeza.

Eu estou protegida.

Eu estou protegida.

Eu estou protegida.

Estou segura agora. Estou usando o medalhão de Finn. Estou segura.

Eu só estou exalando um suspiro de alívio quando a porta range e abre de novo e eu sou confrontada mais uma vez com a minha insanidade.

Meus olhos assustados piscam para cima, encontrando o impossível.

Finn.

Meu irmão morto.

De pé na porta de seu quarto.

Capítulo Dois

— Você está bem. — Finn me diz rapidamente, seu olhar conectado com o meu, e com os lábios que deveriam estar mortos. Ele vê meu pânico, ele vê o meu terror. Porque ele me conhece melhor.

Rapidamente, ele atravessa o quarto e se ajoelha ao meu lado, com as mãos frias quando ele agarra as minhas e as segura.

São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate.

Não pode ser ele. Mas ainda assim, quando olho para baixo, para os dedos brancos de Finn e as sardas pálidas que mancham através de sua falange média, eu sei que é ele. Tem que ser. Eu conheço essas sardas, eu conheço essas mãos.

— Finn. — eu consegui dizer, num sussurro.

Ele balança a cabeça. E ele é quente. Confusa, eu deslizo minha mão contra o peito dele, encontrando o que eu preciso saber. Um coração bate contra a minha mão, forte e verdadeiro através desta caixa torácica fina.

Ba-bump.

Ba-bump.

Ba-bump.

Não.

Isso não pode ser.

— É. — ele acena com a cabeça de novo, e eu percebi que eu tinha falado em voz alta.

Seja nossa defesa contra as maldades e ciladas do demônio.

— Estou louca? — pergunto hesitantemente, e todos os sentimentos fugiram do meu corpo. Eu estou paralisada. Eu sou um pedaço de madeira. Eu sou uma esponja e eu não tenho sentimentos, e eu já absorvi toda essa loucura por tanto tempo que agora eu sou louca mesmo. Essa é a única resposta possível.

Os braços delgados de Finn estendem-se atrás de mim, enrolando em volta do meu ombro, e fico mole contra seu peito, meu ouvido pressionado ao seu coração para ter absoluta certeza.

Ba-bump.

Ba-bump.

Ba-bump.

— Isso é impossível.

Minhas palavras são sussurros. Três delas. Sete sílabas de impossibilidade.

— Você não pode confiar em sua própria mente agora, Cal. — ele diz-me solenemente, seus olhos azuis pálidos tão suaves, claros e familiares. — Então, você terá que confiar em mim em vez disso.

Eu faço. Ele é o único.

Ele sabe disso.

Mas...

A realidade não é essa. A realidade é um carro vermelho esmagado e uma lápide branca. *Boa noite, doce Finn.*

Havia libélulas e luz solar naquele dia. Havia um cemitério e lágrimas.

Que Deus o repreenda, nós humildemente pedimos, e tu, ó Príncipe dos exércitos celestiais, pelo poder de Deus, envie para o inferno Satanás.

— Como é possível? — pergunto tremulamente, com medo de confiar nele, com medo de ter esperança.

Finn olha para longe, com as mãos ainda envoltas em torno das minhas.

E todos os espíritos malignos que andam pelo mundo para perdição das almas. Amém.

— Porque é assim. — diz ele com firmeza. — Eu não posso te dizer. Você tem que se lembrar. Mas você vai, Cal. Você vai.

Oh Deus, estamos de volta a isso. Estamos de volta para a coisa “Eu não posso te dizer por que vai aniquilar você”.

Meu peito esvazia.

Minha respiração sai correndo.

Eu não posso fazer isso de novo.

Não isso.

É demais.

Finn vê minha expressão e me pega quando eu caio contra ele, mole e desanimada. *Ele sempre me pega.*

— Sua mente é uma coisa incrível. — ele me assegura. — É uma dádiva, não uma maldição.

Ele me conhece muito bem. Ele sabia o que eu estava pensando.

— Você é real? — eu pergunto, num sussurro, enquanto meus olhos vibram fechados.

Ele sorri.

Essa é a última coisa que eu vejo.

Então fica felizmente, abençoadamente, preto.

Obrigada, São Miguel.

Quando eu acordo, está escuro. O quarto é sombrio, mas eu percebo muito rapidamente que eu já não estou no quarto de Finn. Eu estou em uma cama diferente, de pijama, com lençóis em volta da minha mão.

Eu fico olhando para o teto, as paredes, as sombras e então eu olho para a figura sentada ao lado da minha cama, escondida no escuro.

— Finn? — pergunto silenciosamente, esperando que seja meu irmão.

Eu não esperava a voz que respondeu.

— Calla-Lily.

Dare.

Claro. Finn não pode estar aqui, porque Finn está morto.

Eu engulo quando Dare se inclina para frente, quando a firmeza de seu maxilar cai ao luar, enquanto seus olhos brilham.

— Você é real?

Eu sussurro.

Ele sorri seu sorriso *Desafie-me*.

— Eu estou aqui, não estou? — ele responde calmamente.

— Isso não significa nada nos dias de hoje. — minha voz é baixa. — Eu não posso aguentar muito mais, Dare. Eu não entendo nada.

— Eu falhei com você. — Dare levanta de sua cadeira e se ajoelha ao meu lado, com o rosto sério, sombrio e torturado. —

Eu falhei com você. Mas eu vou corrigir isso.

— Como? — eu sussurro, e eu nem sequer pergunto o que ele deveria fazer para mim. Acho que eu não quero saber. — Como você falhou comigo? O que você fez?

Eu não posso.

Eu não posso saber.

Eu não posso saber ou pode me matar.

Minha mente é um junco oco e a brisa sopra através dela, soprando todas as peças à distância. Eu quero persegui-las, mas eu não consigo.

Minha mão está ancorada por Dare.

Seus dedos tremem, e de repente, eu sei o que tenho que fazer.

Eu tenho que me afastar do homem que eu amo.

Eu tenho

Eu tenho

Eu tenho.

Porque eu não posso levá-la de outra forma.

Minha mente é elástica e ela se romperá.

— Eu fiz uma coisa terrível. — ele confessa, e cada palavra é destacada. — Eu não espero o seu perdão. Mas eu tenho que corrigir isso. E para fazer isso, eu preciso da sua ajuda. Você tem que me ajudar, Calla. Ajude-me a salvá-la.

Salve-me, e eu vou te salvar.

Certo?

Eu sinto... eu sinto... eu sinto.

Eu sinto uma onda de déjà vu. Eu sinto uma onda de emoção, de sensação, de coisas que eu deveria saber, mas não sei.

— O que você fez? — pergunto a ele por meio de pensamentos fraturados. — Do que eu preciso me salvar? De você? Porque eu acho que não posso ser salva.

— Você está errada. — ele insiste, e seus olhos me imploram. — Eu posso te salvar.

Eu balanço minha cabeça e o movimento é doloroso. — Só há uma maneira. — eu sussurro e as palavras ferem a minha alma. — Você tem que me deixar em paz, Dare. Você tem que me deixar ir. Eu não aguento mais. Eu não posso ter segredos.

— Você me ama. — ele me lembra, seu olhar me corta em pedaços.

— Eu sei. — eu sussurro, jogando as peças à distância. — Mas acho que isso não é o suficiente no momento. Eu vou quebrar, Dare. Eu vou quebrar.

Puxo meus joelhos ao meu peito e olho para longe, dando um suspiro profundo.

— Eu sei que parece loucura. — eu admito. — Eu sei disso. Mas eu não posso evitar o que eu sinto. Eu tenho que me proteger de você. Eu sei que é verdade. Meu coração está me dizendo para ter medo de você.

E está. Ele está me dizendo que há uma razão.

Eu sinto isso em meus ossos, nos meus ossos ocos de junco.

Dare fecha os olhos, e passa minutos antes de ele os abrir, e quando o faz, eles são tão vazios, tão perdidos.

— Tudo bem. — ele diz simplesmente. — Proteja-se de mim. Inferno, *eu vou* te proteger de mim. Mas venha comigo para Whitley. É lá que você encontrará as respostas. Você pode ter seu espaço, você terá paz e sossego, e você vai se recuperar, Cal.

— As respostas estão em Whitley?

Eu encaro Dare, o corpo que eu amo, os olhos que eu posso despencar, o coração que tem me sustentado... e escondido tantos segredos.

Ele assente, e é como se o movimento fosse doloroso para ele. Ele não quer ir para Whitley, mas ele está disposto a ir por mim.

— Seu pai quer que você vá. — ele acrescenta. — Você pode fazer isso por ele?

Eu posso?

Um sentimento avassalador de mau agouro me aleija, quase me enviando de joelhos. Eu não sei. Eu só sei que... se eu não encontrar respostas, eu poderia perder minha sanidade.

As respostas estão em Whitley.

Eu expiro, percebendo que eu estava segurando a minha respiração.

— Está bem. Eu vou.

Para conseguir respostas e pelo meu pai. Porque ele já passou por muita coisa. Ele não deveria ter que me ver desmoronar.

Os belos olhos de Dare vibram fechados. — Eu te amo, Calla.

Dor ondula através de mim a ponto de ser físico, a ponto de parar o meu coração dolorido.

— Eu sei.

Mas eu acho que isso não é o suficiente.

Eu não digo isso.

Porque ele já sabe. Eu vejo isso em seu rosto torturado.

Eu sofro para estender a mão e tocá-lo, para acalmá-lo, abraçá-lo.

Mas eu não posso.

Há algo a temer aqui.

E até que eu saiba o que é, eu tenho que me distanciar.

É a única maneira que sobreviverei.

Capítulo Três

A viagem de avião é longa, apesar de estarmos na primeira classe.

A comissária de bordo dá atenção pessoal para mim, trazendo-me cobertores, panos quentes e bebidas geladas, e todo o voo, eu estou irritada com Dare.

Porque eu o amo.

Porque ele é um estranho para mim agora.

Sentado ao meu lado, no banco de couro largo, ele tenta me envolver na conversa, tenta me tirar da minha concha, mas eu evito todos os esforços.

É tão doloroso, incrivelmente difícil, mas tenho que fazer.

Eu tenho... até eu saber o que ele está escondendo.

Ele está ferido, eu posso dizer. Porque as minhas ações são dolorosas. Elas são dolorosas para nós dois. Mas há algo gigante, negro e assustador sobre a minha cabeça, e eu não posso deixá-lo cair sobre nós.

Tudo depende de mim. Eu sei que é verdade.

Mas o que é *tudo?* Eu não sei.

A aeromoça perfeitamente maquiada se curva ao meu lado. — Apenas alguns minutos até nossa descida em Heathrow. Existe alguma coisa que você precisa?

Minha sanidade, por favor.

Eu balanço minha cabeça e ela se foi, e em pouco tempo, nós estamos caminhando para o movimentado aeroporto. A mão de Dare está no meu cotovelo, e mesmo que eu não queira, eu o afasto.

Sua boca é tensa e ele se inclina em meu ouvido.

— Você não está segura, Calla. Quer você goste ou não, você tem que ficar comigo agora.

Estou estupefata, ele toma meu cotovelo e eu deixo.

Eu não estou segura.

Estou em uma névoa à medida que caminhamos para um homem alto, de uniforme preto de motorista a espera na extremidade do corredor. Ele tem cabelos grisalhos, um nariz bulboso e seu rosto é fino e severo, mas eu vejo um brilho de calor quando ele me vê. Ele olha para Dare, no entanto, e seu rosto esfria.

— Sr. DuBray. — ele acena quando nos aproximamos e por um segundo, eu acho que ele confundiu-nos com outras pessoas. Mas Dare responde.

— Espero que o carro esteja próximo, Jones. Estamos exaustos.

A boca do homem pressiona com firmeza. — Está lá fora, senhor. — e de alguma forma, eu sinto que ele se ressente de Dare. Mas ele ainda leva as malas e vamos seguindo-o para fora onde uma limusine preta elegante espera. É longa e chamativa e eu nunca estive em uma limusine antes. Meus olhos se arregalaram.

Que tipo de família eu tenho?

Até o momento, eu estive solidamente em classe média com um agente funerário como pai. Nós vivemos em uma casa funerária e Finn e eu temos sido alvo de um milhão de piadas na escola. Nós fomos cercados pela morte, isolados no topo de uma montanha, *aberrações.*

Mas aqui... *aqui*... acho que poderia ser diferente.

Talvez.

— Você deve ser Calla. — Jones observa quando ele leva a minha mala. Concordo com a cabeça.

— Sim.

— Você parece com sua mãe. — ele me diz, e há calor por um segundo em seus olhos, e eu engulo em seco, porque eu sinto falta dela, porque eu faria qualquer coisa para que ela pudesse estar aqui comigo agora. — Bem-vinda a Inglaterra.

— Obrigada. — murmuro quando ele abre a porta, em seguida, carrega as nossas malas no porta-malas.

À medida que o carro se afasta do meio-fio, eu fecho meus olhos e pressiono minha testa na janela, tentando forçar tudo desaparecer.

Eu não estou sozinha.

Eu não perdi minha mãe e meu irmão.

Eu não tenho que desistir do homem que eu amo.

Tento arduamente para que isso suma.

Mas eu sei por experiência própria que não vai funcionar, a partir das milhões de vezes que eu tentei na escola, tentando esconder-me de zombarias e provocações.

Isso nunca funcionou, então, não funciona agora.

Eu ainda estou aqui na Inglaterra, ainda estou sozinha, não estou segura de *alguma coisa,* embora eu não saiba de quê. O homem que eu amo está ao meu lado, mas ele poderia muito bem estar a um milhão de quilômetros de distância... porque eu não posso confiar mais nele. Porque minha mente é frágil, e até eu sei disso.

Então, já que eu não posso fazer tudo desaparecer, tenho que focar nos pontos positivos.

Eu estou indo para algum lugar calmo, em algum lugar longe da tristeza. Serei capaz de me concentrar, reparar a mim mesma, conseguir respostas.

Eu estou saindo do aeroporto no luxo. Faço uma pausa nisso.

Se Finn estivesse aqui, ele estaria ansioso com o glamour deste carro, para a água engarrafada disposta no gelo apenas para nós, ou as toalhas enroladas em um pequeno vaporizador. Nós nunca fomos mimados assim antes, e com um nó na garganta, eu decido que não é justo que Finn não esteja aqui.

Porque ele nunca será mimado assim.

Se Finn não pode desfrutar destas coisas, então eu também não posso.

Eu resisto a água, as toalhas e os minúsculos chocolates. Eu não terei nada disso.

Abro os olhos, olhando para fora da janela quando a agitação da cidade transforma-se na calma do campo.

— Pegue o caminho mais longo, Jones. — Dare fala ao motorista. Jones não responde, mas ele se desvia da sua rota, e em pouco tempo, eu vejo vislumbres do oceano aqui e ali entre as árvores e rochas.

— Vivemos em um pequeno trecho de Hastings. É perto de Sussex. — Dare me diz, como se eu soubesse alguma coisa sobre a geografia inglesa. Concordo com a cabeça, como se eu entendesse, porque muito do que dizemos é uma pretensão agora. Nós percorremos o fluxo.

Trinta minutos mais tarde, o nosso carro ainda está deslizando sobre as faixas sinuosas da estrada, mas eu finalmente vejo um telhado à distância, pináculos e torres que perfuram através das árvores.

Dare mexe, abrindo os olhos, e eu sei que nós estamos quase lá.

Eu torço meu pescoço para ver. Quando eu faço, eu estou chocada além das palavras, o suficiente para que a respiração engate em meus lábios.

Esta não pode ser a casa da minha família.

É enorme, é exuberante, é assustadora.

É antiga, é de pedra, é linda.

Um muro alto de pedra se estende em ambos os sentidos, tanto quanto eu posso ver, cercando a propriedade como um cobertor de segurança sinistro. É tão alto, tão pesado, e por um breve momento, eu me pergunto se ele é feito para manter as pessoas fora... ou para mantê-las dentro.

É uma ideia tola, eu sei.

À medida que saímos da estrada, os grandes portões de ferro forjado abrem na frente do nosso carro como por magia, como se eles fossem empurrados por mãos invisíveis. Sopros de névoa e nevoeiro rodopiam do solo e através dos galhos das árvores, meio que escondendo tudo que está por trás do portão.

Mesmo que os motivos sejam exuberantes e verdes, há algo pesado aqui, algo sombrio. É mais do que a chuva quase constante, mais do que as nuvens.

Algo que eu não consigo identificar.

Estou cheia de um medo estranho quando o carro passa pelos portões, à medida que continuamos em direção a coisa escondida. E enquanto a “coisa escondida” é apenas uma casa, parece muito mais, como algo sinistro e quase ameaçador.

Eu tenho vislumbres dela através dos ramos quando nós dirigimos, e cada vislumbre me faz hesitar.

Um íngreme telhado de duas águas.

Colunas, pináculos e musgo.

Pingos de chuva escorrem das árvores, no carro, na entrada da garagem, e tudo brilha com uma luz silenciada.

É molhado aqui e cinza, e a palavra que eu fico pensando na minha cabeça é *gótico.*

Gótico.

Apesar de toda a beleza e a extravagância aqui, ainda parece um pouco assustador.

Contando os batimentos enquanto fazemos o nosso caminho para a casa, eu contei até quinze antes da limusine finalmente parar em cima de uma calçada circular gigante feita de paralelepípedos.

A casa à nossa frente é feita de pedra, e estende-se para fora tanto quanto eu posso ver. As janelas são escuras, em todos os tamanhos, em todas as formas.

Circulando, gramados bem cuidados, uma enorme mansão, jardins exuberantes. Tempestuosas nuvens rolam para trás do ajuste maciço da casa, e uma coisa é clara. Sinistra ou não, esta propriedade é exuberante, para dizer o mínimo.

— A minha família é rica? — pergunto baixinho.

Dare olha para mim. — Não nos caminhos que importam.

Ele faz uma pausa, e há uma corda entre nós, puxando-nos juntos, mas, ao mesmo tempo, enrolando em torno de nós, mantendo-nos afastados.

— Calla, não baixe a guarda. — ele diz-me rapidamente. — Este lugar... não é o que parece. Você tem que...

Jones abre a porta, e Dare para de falar abruptamente.

Eu tenho o quê?

— Bem-vinda a Whitley. — Jones me diz com uma ligeira reverência. Dare e eu saímos, e de repente, estou nervosa.

Estou em um país estrangeiro, me preparando para encontrar uma família composta de estranhos e eu não sei nada sobre eles.

É assustador.

Dare aperta minha mão brevemente, e eu deixo. Porque aqui, estou sozinha.

Aqui, Dare é a única coisa familiar.

Aqui, ele é a única pessoa que me conhece.

Jones lidera o caminho com nossas malas, e antes mesmo de chegar às portas da frente, elas se abrem e uma pequena mulher enrugada fica na porta. Ela está levemente curvada, apenas um punhado de uma mulher, com uma pele morena e os cabelos completamente envoltos em um lenço brilhantemente coberto torcido no topo. Parece que ela tem uma centena de anos.

— Sabine! — Dare cumprimenta a mulher idosa em um abraço caloroso. O pequeno braço da mulher fecha ao redor dele, e sua cabeça mal chega a seu peito.

— Bem-vindo de volta, menino. — diz ela com uma voz gravemente profunda. — Eu senti sua falta.

Dare afasta e olha para mim, e eu posso ver em seu rosto que Sabine é importante. Pelo menos para ele. — Esta é Sabine. Ela era minha babá enquanto eu crescia. E a babá de sua mãe, também. Sabine, esta é Calla Price.

Sabine olha para mim, curiosamente, infelizmente.

— Você é igualzinha a sua mãe. — ela me diz.

— Eu sei. — eu digo a ela e meu coração dói porque minha mãe se foi. — Prazer em conhecê-la.

Eu ofereço-lhe a minha mão, mas ela a agarra em vez de sacudi-la. Inclinando-se, ela examina com o rosto a poucos centímetros da minha palma. Ela segura firme, sem vontade de me deixar ir, e eu sinto meu pulso pulando freneticamente contra seus dedos.

Assustada, eu espero.

Eu não sei mais o que fazer.

A pequena mulher é surpreendentemente forte, seu aperto me segurando firme enquanto ela procura por algo em minha mão. Ela traça as veias e os cumes, seu hálito quente na minha pele. Seu rosto está tão perto da minha palma que eu posso sentir cada vez que ela exala.

Se Finn estivesse aqui, ele estaria rindo tanto agora.

Mas ele não está, e por isso, não há ninguém para compartilhar esta alegria, porque mesmo que ele desejasse que não fosse verdade, Dare se encaixa aqui. Ele é um deles e eu não sou.

Abruptamente, Sabine larga a minha mão e se endireita.

Seus olhos encontram os meus e eu vejo milhares de vidas nos dela. Eles são escuros como obsidiana, e diferentemente da maioria dos idosos, os dela não são nublados com a idade. Ela olha para mim e eu sinto que ela está literalmente peneirando os meus pensamentos e olhando para minha alma.

É inquietante e um frio corre pela minha espinha, me levando ao limite.

Ela olha para Dare e acena com a cabeça levemente.

Se eu não soubesse melhor, eu acho que ele quase se encolheu.

Que diabos?

Mas eu não tenho tempo para refletir, porque Sabine começa a andar, levando-nos para dentro de casa.

— Venha. Eleanor está esperando por você. — Sabine nos diz solenemente por cima do ombro enquanto ela usa muito de sua força para abrir as pesadas portas da frente.

Dare suspira. — Acho que seria melhor refrescar-nos primeiro. Foi um longo voo, Sabby.

A babá parece simpática, mas é implacável. — Eu sinto muito, Dare. Ela insiste em ver vocês dois.

Dare suspira novamente, mas seguimos Sabine obedientemente através de corredores luxuosos. Sobre pisos de mármore e tapetes exuberantes, através de salas de mogno com painéis e cortinas personalizadas extravagantes, sob candelabros de cristal cintilante. Meus olhos estão arregalados conforme absorvemos tudo. Eu nunca vi uma casa assim em toda a minha vida, nem mesmo na TV.

Mas ao mesmo tempo em que é opulenta, é silenciosa.

É tranquila.

É como viver em um mausoléu.

Chegamos a um ponto na frente de portas de madeira maciça, ricamente esculpida. Sabine bate duas vezes e uma voz de mulher chama de dentro.

— Entre.

Estranhamente formal.

Sabine abre as portas e somos imediatamente envolvidos por uma biblioteca esmagadoramente grande, pintada em cores ricas e pátinas, cercada com prateleiras de madeira preenchidas por centenas e centenas de livros encadernados em couro.

Uma mulher senta-se à mesa de cerejeira pesada, de frente para nós, de costas para as janelas.

Seu rosto é severo, seu cabelo está desbotado, mas eu posso ver que costumava ser vermelho. Ele está puxado em um coque severo, nem um fio fora do lugar. O suéter de cashmere está abotoado completamente até o topo, decorado por um único fio de pérolas. Suas mãos sem adornos estão dobradas na frente dela e ela está esperando.

Esperando por nós.

Há quanto tempo ela está esperando? Meses? Anos?

Por uma razão que eu não consigo explicar, eu me sinto sufocada. A sala parece fechar-se sobre mim, e eu estou congelada. Dare tem que literalmente me puxar, em seguida, me puxar mais forte, só para me fazer andar.

Eu sinto que eu não posso respirar, quando eu me aproximar dela, algo ruim vai acontecer.

Algo terrível.

É um pensamento ridículo, e Dare olha para mim com o canto do olho.

Chegamos a um ponto em frente à mesa.

— Eleanor. — diz ele com firmeza.

Não há amor perdido aqui. Eu posso ver isso. Eu posso senti-lo. Eu sinto no ar, na formalidade, no frio.

— Adair. — a mulher acena com a cabeça. Não há abraços, nem sorrisos. Mesmo que tenha, pelo menos, um ano desde que ela o viu, esta mulher nem sequer se levanta.

— Esta é a sua avó, Eleanor Savage. — Dare me diz, e suas palavras são tão cuidadosamente calmas. Eleanor olha para mim, seu olhar me examina da cabeça aos pés. Minhas bochechas ficam vermelhas com isso.

— Você deve ser Calla.

Concordo com a cabeça.

— Você pode me chamar de Eleanor. — ela olha para a porta. — Espere lá fora, Sabine.

Sem dizer uma palavra, Sabine se retira, fechando a porta. Eleanor retorna sua atenção para nós.

— Eu sinto muito pela sua perda. — ela me diz com firmeza, mas sua voz não tem qualquer sinal de emoção, de simpatia ou de tristeza, mesmo que fosse sua filha, que se foi. Ela não conhecia Finn, então eu posso entender isso, mas a própria filha?

Ela olha para mim novamente. — Enquanto você estiver aqui, Whitley será a sua casa. Você não se intrometerá em cômodos que não lhe dizem respeito. Você pode usufruir do terreno, você pode usar os estábulos. Você não se misturará com pessoas desagradáveis, você pode usar o carro. Jones irá conduzi-la onde quer que você precise ir. Você pode se acomodar, se acostumar com a vida no país, e em breve, falaremos sobre a sua herança. Desde que você fez dezoito anos, você tem responsabilidades para com esta família.

Ela faz uma pausa, em seguida, olha para mim.

— Você sofreu uma perda, mas a vida continua. Você aprenderá a seguir em frente, também.

Ela olha para longe de nós, direcionando sua atenção para um papel em sua mesa. — Sabine! — ela chama, sem olhar para cima.

Aparentemente, fomos dispensados.

Sabine reentra e Dare e eu a seguimos rapidamente, aproveitando a chance de deixar esta mulher desagradável rapidamente.

— Bem, ela é agradável. — murmuro.

Dare inclina o lábio.

— Ela não é minha favorita.

Eufemismo.

Nós compartilhamos um momento, um momento quente, mas eu o afasto.

Eu não posso.

Eu não posso.

Sabine para em frente a portas de madeira duplas.

— Esta foi a suíte de sua mãe. — Sabine me diz. — É sua agora. O quarto de Dare está do outro lado da casa. — depois que ela diz isso, ela espera, como se ela estivesse esperando uma reação minha. Quando ela não consegue uma, ela continua. — O jantar será servido as sete na sala de jantar. Fique atenta. Você deve descansar agora.

Ela se vira e vai embora, arrastando pelo corredor seus minúsculos pés.

Dare olha para mim, alto e esguio. — Você quer que eu fique com você?

— Não. — minha resposta é imediata e dura.

Ele está assustado e ele se afasta um pouco, olhando para mim.

— Eu só... preciso ficar sozinha. — acrescento.

Eu não sou forte o suficiente para resistir a você ainda.

Decepção brilha em seus olhos, mas para o seu crédito, ele não me pressiona. Ele engole a sua mágoa e acena.

— Está bem. Estou exausto, então vou tirar um cochilo antes do jantar. Eu sugiro que você faça o mesmo. Você deve estar cansada.

Concordo com a cabeça, porque ele está certo, eu estou completamente exausta. Ele se foi, e eu estou sozinha no longo corredor silencioso.

Dou um passo em direção ao meu quarto, depois outro, mas a vida para em mim, eu não consigo virar a maçaneta. Algo se instala em torno de mim, medo, eu acho, e eu simplesmente não posso fazer isso.

A expressão no rosto de Eleanor surge na minha cabeça, o jeito que ela estava me examinando, e eu não consigo respirar. Algo me esmaga, aquela coisa sombria que eu senti na garagem. Parece que está aqui, empurrando-me, batendo em mim.

Eu sei que não faz qualquer sentido.

Algo me puxa.

Puxa-me para o antigo quarto de minha mãe.

E lá, eu me sento, cercada por suas memórias.

Capítulo Quatro

O quarto da minha mãe é tão exuberante como o resto da casa. Não há cartazes de infância colados nas paredes aqui, nenhum coração adolescente pulsa, não há telefones rosa ou almofadas de pelúcia.

A suíte é cuidadosamente decorada, com móveis off-white pesados e paredes verde sálvia. A cama é enorme, coberta de grossos cobertores, tudo verde sálvia, muito calmante.

Mas não é o quarto de uma criança ou adolescente, ou até mesmo uma mulher jovem.

Falta-lhe energia juvenil.

Mas eu ainda a sinto aqui.

De alguma forma.

Afundo-me na cama, e descubro que estou cercada por janelas.

Ao longo de uma parede, elas se estendem do chão ao teto. Elas permitem entrar a moribunda luz da noite, e eu me sinto exposta. Levantando, eu fecho as cortinas.

Eu me sinto um pouco mais segura agora, mas não muito.

Minhas malas estão empilhadas no interior da porta, e assim começo a desfazê-las. Retiro meus casacos, levo meus produtos de higiene pessoal para o banheiro chique, e enquanto eu estou em pé sobre os ladrilhos de mármore, visualizo minha mãe aqui.

Ela adorava um bom banho, e esta banheira é digna de uma rainha.

Eu imagino sua imersão aqui, lendo um bom livro, e meus olhos lacrimejam.

Ela se foi.

Eu sei disso.

Abro as portas do closet, e por um momento, um momento muito breve, eu juro que eu pego um aroma de seu perfume.

Ela usou o mesmo perfume, durante o tempo que eu a conheci.

Há prateleiras neste closet, e em uma, eu vejo um frasco de Chanel.

O cheiro dela.

Aperto-o e inspiro-o, e isso traz uma tempestade de memórias em minha cabeça. Da minha mãe rindo, cozinhando seus biscoitos, dela sorrindo para mim por cima do seu livro.

Com ardor nos olhos, eu coloco o frasco de volta.

Isto não está ajudando em nada.

Eu penduro minhas camisas e os meus casacos.

Há uma batida na porta e Sabine vem com uma bandeja. Um bule e uma xícara.

— Eu trouxe um pouco de chá. — ela me diz em voz baixa, colocando-o sobre uma mesa. — Isso animará você. Viajar é difícil para uma pessoa.

Perder toda a sua vida é difícil para uma pessoa.

Mas é claro que eu não digo isso.

Eu apenas sorrio e digo obrigada.

Ela me serve uma xícara e a entrega para mim.

— Isso vai ajudá-la a descansar. É calmante.

Dou um gole, e Sabine se vira, examinando minhas malas vazias.

— Eu vejo que você já desfez as malas. Este quarto não foi alterado desde quando a sua mãe foi embora.

Mantenho minha xícara no meu colo, esquentando os meus dedos, porque o frio da noite Inglesa deixou-os gelados.

— Por que minha mãe *foi embora*? — eu pergunto, porque ela nunca disse. Ela nunca disse *nada* sobre sua casa de infância.

Sabine hesita, e quando ela olha para mim, ela está olhando para a minha alma novamente, remexendo com os dedos enrugados.

— Ela foi embora porque ela precisava ir. — Sabine diz simplesmente. — Whitley não podia segurá-la.

É uma resposta que não é uma resposta.

Eu deveria ter esperado nada menos.

Sabine se senta ao meu lado, acariciando minha perna.

— Eu vou engordar você um pouco aqui. — ela me diz. — Você está muito magra, como sua mãe. Você vai descansar e você vai... ver as coisas como elas são.

— E como é isso? — eu pergunto, cansada, e de repente estou muito exausta.

Sabine olha para o meu rosto e repreende.

— Filha, você precisa descansar. Você está desaparecendo na frente dos meus olhos. Venha agora. Deite-se.

Ela me instala em cima da cama, puxando um cobertor até meu queixo.

— O jantar é às sete. — ela lembra-me antes de sair. — Durma até então.

Eu tento.

Eu realmente faço.

Eu fecho meus olhos.

Eu relaxo meus braços, minhas pernas e meus músculos.

Mas o sono não vem.

Eventualmente, desisto, abro as cortinas e olho para fora.

A noite é calma, o céu está escuro. *Escurece tão cedo aqui.*

As árvores farfalham na brisa e o vento está molhado. Está frio. É de arrepiar. Eu posso senti-lo mesmo através das janelas e eu esfrego em meus braços.

Isso é quando eu fico arrepiada.

Eles levantam o pelo no meu pescoço,

E as estrelas parecem zombar de mim.

Virando as costas para eles, eu cruzo o quarto e puxo um livro de uma prateleira.

Jane Eyre[1].

Encaixando-me, considerando Whitley, os pântanos e à chuva.

Eu abro a capa e encontro uma inscrição.

Para Laura. Que você sempre tenha o espírito de Charlotte Bronte e a coragem para seguir seus sonhos. Seu pai.

A tinta está desaparecendo, e eu corro meus dedos através dela.

A mensagem não tem ternura, mas ainda está dizendo.

Meu avô apoiou a minha mãe que desejava ser independente. De alguma forma, eu duvido que Eleanor compartilhasse desse mesmo sentimento.

Eu escorrego em um assento com ele, abrindo as páginas, os meus olhos tentando devorar as palavras que minha mãe uma vez leu.

Mas eu só chego à parte em que Jane proclama que ela odeia longas caminhadas nas tardes frias quando ouço algo.

Eu sinto algo.

Eu sinto um rosnado em meus ossos.

É baixo e ameaçador, e ele vibra em minhas costelas.

Assustada eu fico ereta, olhando ao redor, mas é claro, eu ainda estou sozinha.

Mas o rosnado acontece novamente, baixo e longo.

Minha respiração engata e o livro cai ao chão, as páginas tremulando sobre o tapete.

Um súbito pânico toma conta de mim, rápido e quente.

Eu tenho que sair.

Eu não sei por quê.

É um sentimento que eu tenho no meu coração, algo que me faz deixar o quarto de minha mãe para o corredor, porque alguma coisa está me perseguindo.

Eu sinto isso em meus calcanhares.

Eu sinto isso respirando no meu pescoço.

Sem olhar para trás, eu corro de volta pelo corredor, através da casa e para fora das portas da frente.

Eu tenho que respirar.

Eu tenho que respirar.

Eu tenho que respirar.

Sugando o ar, ando sem rumo em torno da casa, sobre o paralelepípedo e por um caminho. Eu puxo respirações longas, tentando parar minhas mãos trêmulas, tentando me recompor, tentando me assegurar de que estou sendo boba.

Não há nenhuma razão para ter medo.

Estou sendo ridícula.

Esta casa pode ser estranha e desconhecida, mas ainda é uma casa. Ela só não é *a minha* casa. Está tudo bem. Eu me acostumarei com isso.

Eu olho para trás, e não há nada lá.

Não há rosnado, não há vibração nas minhas costelas, não há nada, somente a penumbra e as estrelas doendo para estourar por trás das nuvens.

A casa paira sobre mim e eu dou a volta, apenas para encontrar-me em frente de uma grande garagem com bordas triangulares.

Há pelo menos sete portas de garagem, todas fechadas, exceto uma.

Para minha surpresa, alguém sai daquela porta.

Um rapaz.

Um homem.

Suas calças são cinza escuro e ele está vestindo um moletom com capuz, e ele se move com graça. Ele desliza entre as sombras com facilidade, como se ele pertencesse aqui, como se Whitley fosse a sua casa também, mesmo que eu não o conheça.

— Olá. — eu o chamo.

Ele para de se mover, congelando em seu passo, mas ele não vira a cabeça.

Algo sobre isso me coloca no limite e eu fico tensa, por que e se ele não deveria estar aqui?

— Olá? — repito, inquieta, e calafrios correm até minha coluna, arrepios formando em meus braços mais uma vez.

Eu recuo, primeiro passo, depois outro.

Eu pisco,

E ele se foi.

Eu fico olhando para o espaço vazio e balanço a cabeça, piscando com força.

Ele ainda não voltou.

Ele deve ter deslizado entre as construções, mas por quê?

Corro de volta para o meu quarto, muito nervosa para descobrir.

Eu ainda estou inquieta quando eu lavo meu rosto, então quando termino, eu coloco minha cabeça para o corredor. Não há nada lá.

Com um suspiro, eu tranco a porta do quarto e estou gelada pelo ar inglês molhado. Olhando para o relógio, vejo que é só seis e meia. Eu posso descansar por mais alguns minutos, e eu sou grata por isso.

Porque, claramente, o jet-lag[2] me pegou de jeito.

Eu fecho meus olhos.

Tudo gira ao redor.

Eu estou nas nuvens e abro meus braços e giroegiroegiro.

Ninguém pode me tocar aqui.

Não é real aqui, mas está lá.

Lá em baixo, está frio e úmido.

É desconfortável lá, silencioso, estranho e severo.

Os olhos são o pior, cada um deles se viram para mim... me olhando, esperando por algo. Pelo quê?

Minha pele arrepia e eu a arranho até sangrar porque eu prefiro não tê-la a deixá-la arrepiar.

Eles não podem chegar até mim.

Eu não deixarei.

Eu não os conheço.

E eu não quero.

Capítulo Cinco

Jantar na Whitley é uma questão formal, desconfortável.

Sinto-me terrivelmente mal vestida quando Eleanor se senta à cabeceira da mesa em um terno com saia sob medida e o mesmo colar de pérolas. Estou inquieta, um sinal de quanto eu me sinto fora de lugar. Se alguém me conhecesse aqui, eles saberiam.

— Diga-me sobre sua escolaridade. — Eleanor ordena de longe abaixo à mesa. A mesa reluzente é tão longa que sinto a necessidade de gritar sempre que eu falo.

Estou no meio de uma explicação sobre a escola pública para ela quando as portas se abrem aos nove minutos após a hora. Eleanor olha em severa desaprovação quando Dare entra na sala silenciosa.

Obrigada, meu Deus, eu exalo. É como se eu prendesse a respiração quando Dare não está comigo, e é um hábito que eu preciso mudar.

Alto e elegante, ele desliza em um lugar perto de mim, vestido com calça social e um paletó, uma camisa cobalto aberta no colarinho. Ele parece tão à vontade no terno como ele faz em jeans, e um pouco de seu cabelo escuro deriva para baixo sobre seu olho. Ele o joga de volta enquanto ele se senta.

Cada pedacinho do meu ser está aliviado que ele esteja aqui, e eu tento ignorar o sentimento.

Ele não é o meu cobertor de segurança, não mais.

Ele não pode ser.

— Que bom que você se juntou a nós. — Eleanor diz rigidamente, antes de voltar sua atenção para mim. É como se ela não quisesse ser incomodada por ele, como se ele fosse um intruso. Mas ele claramente pertence aqui mesmo assim.

Não pude deixar de roubar outro olhar sobre ele e quando eu faço, eu o encontro olhando para mim.

Ele não desvia o olhar, e seus olhos são um ardente céu da meia-noite.

Eu engulo em seco, e Eleanor adverte.

Ela limpa a garganta.

— Adair, esta não é a sua cadeira. Você sabe que seu lugar é do outro lado da mesa.

Atônita, eu olho para ela. Deve haver vinte lugares nesta mesa e apenas três deles estão ocupados. Certamente, não importa onde ele se senta.

— Eu me sentarei aqui esta noite. — sua resposta é calma. Meu alívio é imensurável.

A Eleanor não o pressiona.

— Independentemente de onde você se senta, o jantar é às sete. *Pontualmente* às sete. Você sabe disso. Se você está atrasado, não se incomode em participar.

Dare não parece preocupado. Ele olha para ela.

— Anotado.

Sua voz é profunda, rouca e fria.

Pelo restante do jantar, o único barulho na sala é da prata raspando a porcelana.

É desconfortável e é silencioso.

Se apenas Finn estivesse aqui.

Ele estaria chutando-me debaixo da mesa, revirando os olhos, me fazendo rir.

Mas ele não está.

Estou sozinha.

E eu nunca me senti tão desconfortável.

Com exceção de quando encontrei o homem estranho antes.

— Há mais alguém morando aqui? — pergunto, de repente, e Eleanor olha para cima de sua fruta.

— Perdão? — ela levanta a sobrancelha.

— Mais cedo. — eu explico. — Eu estava inquieta, então fui dar uma volta. Tinha um cara lá fora, com um capuz. Ele parecia fora de lugar.

Dare e Eleanor trocam um olhar.

— Como ele é? — Dare pede-me calmamente, seus olhos congelados nos meus.

Eu dou de ombros. — Eu não consegui ver o rosto dele, ele estava de capuz. Ele era jovem, no entanto. Parecia magro.

Silêncio.

Finalmente, Dare pigarreia. — Não há mais ninguém aqui, Calla. Além de Jones e Sabine, temos um cavalariço para o estábulo, mas ele é um homem idoso. Há uma equipe de jardinagem, mas eles vêm aqui no início da manhã, antes que qualquer um esteja fora da cama.

— Então quem era? — eu pergunto, confusa e com um pouco de medo.

Dare olha para mim. — Talvez você apenas *pensou* que viu alguém.

Eu coro, por causa da minha história recente, não é de admirar que eles não acreditem em mim. O calor se espalha para o meu peito, e eu luto contra o desejo de me abanar.

— Eu... talvez. — eu finalmente concordo.

Estou com jet lag. Estou cansada. Estou sobrecarregada. É bem possível que eu não o tenha visto mesmo. Porque eu também pensei que o meu quarto estava rosnando.

— Eu odeio este lugar. — murmuro para mim quando estamos finalmente liberados. Dare me ouve e aumenta seus passos largos para que ele me alcance.

— Não é tão ruim assim. — ele me diz. — É o que você faz dele, contanto que você nunca baixe a guarda.

Eu olho para ele, e *Deus, eu sinto falta dele.*

Passamos em frente a uma janela e o luar banha o rosto dele, e eu quero tocar seus lábios com meus dedos.

Ele me leva para o meu quarto.

— Diga-me mais sobre o cara que você viu do lado de fora. — diz ele em voz baixa, e seus dedos encontram os meus. Eles envolvem em torno de minha mão, quente e familiar, e eu quero fechar meus olhos.

— Não. — eu finalmente respondo. — Você está certo. Meus olhos provavelmente pregaram uma peça em mim. Eu estava muito cansada.

O olhar de Dare é duvidoso. Preocupado.

— Você quer que eu fique com você? — ele pergunta, e seu tom é esperançoso.

Tudo em mim grita para dizer sim, para deixá-lo me segurar até eu dormir, para absorver sua familiaridade e calor, mas eu balanço minha cabeça, porque meu coração ainda está com medo.

E deve haver uma razão para isso.

— Tudo bem. Você não precisa tomar conta de mim. Estou bem, Dare. Eu prometo.

É uma mentira.

Eu não estou.

Mas ele não pode torná-lo melhor.

Ele inclina a cabeça.

— Dare, eu... eu preciso de um pouco de espaço.

— Um pouco de espaço?

Concordo com a cabeça. — Sim. Eu preciso enfrentar as coisas, para entender... Finn, você e a mim... eu preciso de espaço.

Há um silêncio e o ar está carregado e eu sofro para me aconchegar nele, para que ele mantenha todos os meus medos afastados, mas eu não posso. Eu não posso ser fraca. Algo grande, maior do que eu, depende disso. Eu só não sei o que ainda.

Ele finalmente concorda. — Está bem. Vou dar-lhe um pouco de espaço. Se precisar de mim, me envie uma mensagem de texto e eu estarei aqui em dois minutos.

Concordo com a cabeça e ele se inclina, pressionando os lábios na minha testa. Eu não me afasto.

Depois que ele me deixa, eu entro no meu quarto solitário e sento na minha cama solitária e inalo o ar solitário.

— Eu sinto sua falta, Finn. — eu respiro em voz alta. Porque ele sempre, “me amparou” não importa o que. Eu nunca tive que explicar, eu nunca tive que elaborar. As coisas poderiam não ser mencionadas.

Era uma coisa de gêmeo.

Mas agora ele se foi e eu estou sozinha.

Não é um lugar confortável, ser metade sem um todo.

Eu olho em volta do meu quarto. É grande e expansivo e a cadeira em frente das janelas acena para mim, e eu me acomodo sobre ela, puxando meus joelhos ao meu peito, pegando de volta *Jane Eyre*.

Abaixo de mim, do lado de fora, o pântano Inglês se estende por quilômetros, sorvendo todo o perímetro de Whitley. Whitley é tão semelhante ao Thornfield Hall que Charlotte Bronte podia ter escrito o livro de minhas janelas.

Enquanto observo, o nevoeiro se levanta do chão, encobrindo tudo em névoa.

É só quando estou desviando o olhar para ler o meu livro que eu vejo o movimento.

Eu foco novamente no pântano.

Focando arduamente, eu espero por isso, quase esperando ver o misterioso homem de mais cedo.

Mas é Dare.

Ele caminha ao longo do caminho dos jardins, deslizando ao longo da noite, seu passo largo e familiar.

Em seguida, ele para.

Ele deve sentir-me olhando para ele, porque ele olha para cima.

Ele vira a cabeça escura e seu olhar me encontra.

É como se ele pudesse me ver o observando, todo o caminho do estábulo.

Seus olhos são mais negros que a noite, e ele me encontra.

Seu olhar é quente e eu fecho meus olhos, minha respiração superficial.

Quando eu os abro, ele se foi.

Mas a estranha sensação, o pensamento bizarro, permanece comigo.

Ele é perigoso.

Estou em perigo.

E ele me encontrou.

Que pensamento estranho.

Por outro lado, eu sou uma garota estranha.

Café da manhã e almoço são tão formais e desconfortáveis em Whitley como o jantar.

Depois de uma manhã sentada desconfortavelmente sozinha, eu consigo escapar sem Sabine perceber. Ela está me observando, e eu temo que ela esteja esperando por sua chance de me encurralar, para falar mais sobre a minha mãe.

Eu não posso fazer isso.

Ainda não.

Quando eu encontro o ar fresco do exterior, eu inclino meu rosto ao sol e puxo uma respiração profunda.

Deus, é bom ser livre.

Assustada, eu percebo que mesmo que eu esteja nervosa com este lugar, ainda é uma pausa bem-vinda da casa da minha realidade.

O cotidiano sufocante de uma garota que vive em uma casa funerária.

Em casa, todo mundo sabe quem eu sou. A garota triste que perdeu a maior parte de sua família e ficou louca. Eu nunca me afastarei dessas coisas, eu nunca serei normal.

Mas eu estou livre disso aqui.

Por enquanto.

Até que eu esteja aqui tempo suficiente e eles descubram tudo.

Suspirando, eu desço o caminho de paralelepípedos para os estábulos, com a intenção de explorar a propriedade, para ver tudo o que há para ver.

Meu pé tritura sobre a pedra, meus pulmões expandem enquanto eu respiro.

Estou assustada quando uma sombra sai do prédio.

Meu suspiro é mais alto do que eu pretendo, e Dare olha para cima.

Ele está vestido com calça jeans escura e uma camisa preta. As peças se encaixam tão bem, elas parecem confeccionadas especificamente para ele. Parece que não importa o que ele veste, ele está perfeitamente à vontade com a roupa.

Ele arqueia a sobrancelha quando ele faz uma pausa no trajeto.

— Você está perdida?

Seu tom é cuidadoso, quase abrupto. Ele está me dando espaço, tentando não me pressionar, assim como eu pedi. Ele está hesitante em se abrir para mim agora, porque eu já o rejeitei.

É uma sensação estranha, como se ele fosse um estranho, e eu não gosto disso, mas eu não paro.

Porque tem que ser assim.

Tem que ser assim *por enquanto.*

Eu embaralho os meus pés nervosamente.

— Não. Estou só dando uma olhada.

— Quer companhia? — pergunta ele, e ele está prestes a se juntar a mim.

Seria tão fácil, é só dizer que sim.

Mas... há algo em seus olhos.

Algo que eu já vi antes, mas eu não me lembro.

O medo expande de volta em meu estômago e eu balanço minha cabeça.

— Não, obrigada. — eu respondo finalmente, e os olhos escuros de Dare estreitam. Ele está cauteloso agora, então, não posso machucá-lo. — Acho que vou explorar por conta própria. Eu não quero desperdiçar o seu tempo.

— Você nunca foi um desperdício de tempo. — ele me diz, e seu tom é estranhamente formal.

Ele caminha, passando por mim, e por um minuto, estou em pânico.

Não me deixe sozinha.

— Espere. — eu chamo, mesmo sem querer.

Ele para, mas não vira.

— Sim?

— Você estará no jantar esta noite?

A minha pergunta é ofegante e eu me chuto internamente. *Pare de agir tão ansiosa. Você está enviando sinais contraditórios.* Mas meu coração está contraditório e eu não consigo evitar.

Dare começa a andar novamente.

— Claro.

Eu o observo ir embora, a forma como seus ombros largos e quadris estreitos se movem.

Ele é tudo para mim, tudo que eu sempre quis e *sempre vou querer.*

Isso me faz querer gritar de frustração, porque há realmente algo tão ruim sobre ele que eu deveria estar o afastando?

Meu coração martela e eu acho que há... eu só não consigo identificar o que é.

Ainda.

Dare desaparece na colina em direção a casa e há poucos segundos antes de eu perceber que estou sendo observada.

Os minúsculos pelos no meu pescoço levantam e arrepios se formam em meus braços. Eu olho em volta, vasculhando meus arredores, mas ninguém está aqui.

Estou sozinha.

Ou não estou?

Parece... parece... parece que há alguém no telhado da casa. Há um movimento, e isso foi um flash de cinza? Mas, então, ele não está lá e eu estou imaginando.

Por um momento, conforme eu sou tolhida pelas sombras e conforme o silêncio me envolve, me sinto mais sozinha do que eu jamais me senti na minha vida.

Não é uma boa sensação.

É realmente assustador.

São Miguel me salve.

Salve-me.

Salve-me.

Meus dedos encontram o colar de Finn, enterrado sob minha camisa. Eu agarro-o em meus dedos, enquanto eu rezo para o Arcanjo.

São Miguel proteja-me.

Proteja-me das ciladas do diabo, porque de alguma forma eu sei que o diabo está aqui.

Ele está aqui e eu estou em perigo.

Eu só não sei qual é o perigo.

Mas você sabe.

Proteja-me até que eu saiba.

Proteja-me.

Proteja-me.

Proteja-me.

Capítulo Seis

Há um sussurro no corredor, e eu coloco a minha roupa, ansiosa para deixar este quarto para trás. Eu abro minhas portas para encontrar Sabine no corredor, falando com Jones.

Ambos olham para mim, surpresos com a minha aparência abrupta.

— Podemos ajudá-la, Srta. Price? — Jones pergunta, seu tom muito formal e rígido.

Ele pertence a isso aqui, eu acho. *Aqui, a esta rigidez, a casa rígida.*

— Não, obrigada. — eu digo. — Eu só estou inquieta.

Sabine percebe o livro debaixo do meu braço.

— Nós temos uma biblioteca magnífica aqui. — ela me diz. — Venha comigo e eu lhe mostrarei.

Passamos pelos corredores tranquilos e os quartos silenciosos, e sempre, sempre, sempre, sinto-me observada. Olhos invisíveis me encaram, através de mim, dentro de mim, e eu odeio isso.

Há algo aqui.

Algo.

— Você se sente segura aqui? — eu pergunto-lhe abruptamente quando ela empurra para abrir as portas da biblioteca. Ela se vira para mim, surpresa.

— É claro, Srta. Price. — ela diz com voz rouca. — Você não?

— Por favor, me chame de Calla. — eu digo a ela, evitando a pergunta, enquanto ela me leva para a sala.

Prateleiras de livros me cercam, revestindo o cômodo, do teto ao chão.

— Vou acender a lareira para acabar com o frio da manhã. — diz ela, atravessando a sala e se ajoelhando em frente à bela pedra.

Eu a deixo o mais rápido que posso, para ficar longe de sua pergunta, e vou de livro para livro, mas é claro que ela não esquece e quando eu me viro, ela está lá.

— Vamos sentar perto do fogo, criança.

É uma sugestão, mas ela está puxando meu cotovelo e assim, me encontro ao lado das chamas oscilantes. Ela se senta ao meu lado, e seu olhar é magnético.

— Por que você se sente insegura aqui? — ela pergunta. — Aconteceu alguma coisa?

Meu irmão e minha mãe morreram.

É isso que eu quero dizer.

Mas eu não digo, porque isso é estranho, e então, em vez disso, eu engulo em seco.

— Você se sente culpada por sobreviver? — ela pergunta, suas palavras diretas e esclarecedoras.

Eu engulo novamente.

— Porque as coisas acontecem por uma razão, da forma como elas foram feitas para acontecer. Você sobreviveu a elas, por uma razão. Não há culpa nisso.

— Eu sinto falta deles. — eu sussurro. E parece uma confissão. Eu sempre senti que tinha que ser forte para o meu pai, não mostrar fraqueza. Para apoiar o Finn.

Mas Finn não era real.

Ele já tinha ido desde o início.

Eu não tenho mais que ser forte.

Sabine acena com a cabeça e olha para as chamas.

— Eu sei. — diz ela. — Eu não conheci o seu irmão, mas eu sinto falta da sua mãe. Ela costumava iluminar o meu dia, minha criança. Whitley pode ser escuro. Sua mãe era uma luz.

Por alguma razão, suas palavras só me deixam mais triste, por que essa luz foi apagada, e só há trevas aqui agora.

O fogo aquece os meus joelhos e meus ossos, e eu coloco minhas mãos em concha no meu peito. Eu bloqueio as minhas emoções, porque as emoções apenas ferem.

Em vez disso, eu quero saber sobre Dare.

— Dare cresceu aqui? — eu pergunto, tentando parecer casual. — Ele deve ter sido uma luz para você, também.

Embora, mesmo agora essas palavras pareçam ridículas. Dare é bonito, Dare é meu coração, mas Dare não é uma luz.

Ele é a minha escuridão.

Sabine sorri e seu sorriso é triste.

— Dare cresceu aqui. — ela confirma. — Ele era meu, tanto quanto Laura. Ele ainda é, criança. Eu não pude ajudá-lo uma vez, mas eu protejo-o agora com a minha vida.

Ela olha para mim, agora na defensiva, como se ela tivesse que protegê-lo de *mim.*

Estou confusa, e eu quero perguntar por que, mas eu não posso.

Porque Dare em pessoa nos encontra.

— Sabby. — ele diz, enquanto atravessa a sala, mas seus olhos estão em mim. — Jones precisa de você.

Ela olha para ele com conhecimento. Ele veio para me salvar mais uma vez, para me salvar dessa situação e Sabine sabe disso. Ela levanta da cadeira com um gemido e sai atrapalhada.

Ela não olha para trás.

— Ela te ama. — eu ofereço, sem olhar para cima.

As chamas são vermelhas e me lambem.

— Sim. — ele concorda de forma simples e senta no lugar que ela desocupou.

Ele pega o meu livro das minhas mãos, olhando para a capa.

— Jane Eyre. — ele observa e folheia as páginas. — Interessante escolha. Você é a minha Jane[3], Calla?

Eu engulo e desvio o olhar.

Porque que isso faria dele o Sr. Rochester.

— Jane salvou Rochester, você sabe. — Dare continua, sua voz suave como a noite. — Eventualmente.

— Eu não posso salvar ninguém. — digo-lhe, impotente. — Porque eu não conheço todos os fatos.

Dare fecha seus olhos e ele parece brilhar, por causa das chamas.

— Você sabe.

Eu só não consigo lembrá-los.

Ele abre os olhos novamente, e a expressão apunhala meu coração, porque eu já vi isso antes.

É machucada, é vulnerável, é ansiosa.

Ele está escondendo alguma coisa.

Algo que eu sei.

Algo que me assusta.

Salve-me, e eu vou te salvar.

— Eu não gosto daqui. — murmuro.

— Eu sei.

Eu escrevo uma carta para o meu pai, e entrego para Sabine.

— Ele vai querer saber que estou bem. — eu digo a ela. Ela concorda com a cabeça, porque é claro que ele vai.

Ela me dá uma xícara de chá.

Na Inglaterra, o chá corrige tudo.

— Dare está aqui? — pergunto casualmente, porque mesmo agora, ele é o sol e eu sou a lua. Eu preciso da sua luz para viver.

Ela balança a cabeça. — Não. Mas ele voltará, criança. Ele sempre volta.

Que coisa estranha de se dizer.

Mas eu não fico pensando sobre isso.

Em vez disso, eu penso na luz.

Penso em como a luz da lua é realmente um reflexo do sol, de como a lua não cria qualquer luz. Então, uma coisa que parece irradiar prateada, luz etérea, é realmente a mais escura das trevas.

Eu sou a lua.

E eu não tenho luz própria.

Preciso de Dare para isso.

Mas se ele é o sol, ele me queimará.

E minhas metáforas estão me fazendo passar mal.

Eu segui para os jardins, onde sou cercada por flores e silêncio.

Tudo o que tenho são os meus pensamentos aqui, e minha mente é um lugar assustador.

Eu fecho meus olhos e estimulo as minhas memórias a voltarem,

Mas tudo o que posso ver é o passado.

O passado que eu conheço.

Não as coisas que eu não sei.

Os gritos da minha mãe me assombram.

Lápide de Finn, minhas lágrimas.

O diário dele, que deixei em casa.

Eu gostaria de ter trazido.

Pelo menos eu me sentiria mais perto dele, mesmo que suas palavras fossem uma loucura.

Eu imagino uma página preenchida com rabiscos, com sua caligrafia familiar e riscada com palavras.

Eu me lembro, com perfeita clareza.

Calla vai me salvar.

Ou eu vou morrer.

Eu vou morrer.

Eu vou morrer.

Serva me, serva bo te.

Salve-me e eu vou te salvar.

Um arrepio percorre-me porque eu não pude.

Eu não pude salvar o Finn.

E nenhuma quantidade de palavras e consolo... do meu pai, de Dare, de Sabine... nenhuma quantidade de argumentos pode mudar isso.

Você sobreviveu a eles por uma razão.

O disparate de Sabine volta para mim, e eu pondero.

Qual razão?

Eu não sei.

A minha razão é salvar Dare, como Jane salvou Sr. Rochester?

Eu não sei.

Tudo que eu sei é que eu tenho que descobrir a verdade dele, se eu quiser salvar alguma coisa.

A verdade nos libertará a todos.

Capítulo Sete

Estou perdida novamente.

Whitley é tão grande que eu acho que estou eternamente perdida. De alguma forma, eu me encontro fora da sala de estudo de Eleanor hoje, e eu ouço a voz dela vindo de dentro.

Estendo a mão para segurar as maçanetas, faço uma pausa, porque ela não parece feliz. Com a porta já entreaberta, eu posso ouvir as palavras, alto e claro.

— Ela não está bem, Eleanor. — Sabine diz em sua voz crepitante. — Ela precisa de descanso e de isolamento, eu temo.

— Então ela conseguirá aqui em Whitley. — Eleanor disse, impaciente. — Eu não vejo o motivo da sua preocupação.

— Ela perdeu tudo. — Sabine oferece. — E você não ofereceu a ela qualquer coisa, além de abrigo. Talvez, se você pudesse apenas dizer a ela...

— Dizer a ela o que? — Eleanor estala. — Lembrá-la que...

— Você não sabia que é falta de educação escutar atrás da porta?

Dare pisa em volta de mim, me estudando com curiosidade. Ele é bonito, ele é enigmático, ele está no meu espaço pessoal. Ele também não quer que eu ouça o que elas estão dizendo.

Eu respiro. — O que todo mundo está escondendo de mim? — pergunto-lhe sem rodeios.

Ele balança a cabeça. — Não é nada.

É tudo. Eu sinto isso.

— Eu preciso saber. — eu insisto. Ele olha para mim.

— Você está aqui para se recuperar, Calla. Para descansar, para voltar a si mesma...

— Mas você disse que eu não estou segura. — eu o lembro. — Eu não deveria saber do quê?

Ele está desconfortável agora, e seus olhos escuros parecem cintilar. — Tanta coisa aconteceu a esta família. Você não precisa pensar sobre isso agora. Você só terá que confiar em mim.

Eu gostaria de poder.

— Isso é loucura. — eu sussurro.

— Somos todos um pouco louco, eu acho. — ele cita Lewis Carroll para o que, presumo, é a falta de uma resposta melhor. Minhas unhas cavam minha mão porque eu estou tão frustrada.

— Eu te amo, você sabe. — ele oferece, e seu rosto de repente está suave. — Deus, eu odeio isso, Calla.

Ele se afasta, como se estar perto de mim fosse doloroso.

Eu faço a única coisa que posso fazer. Eu me retiro para o meu quarto, onde eu estou sozinha e ninguém está olhando. O quarto é solitário e silencioso, e eu não aguento o silêncio.

— Finn, você odiaria esse lugar.

É claro que não há uma resposta, mas isso me faz sentir melhor por falar com ele, para fingir que a minha outra metade ainda está viva, ainda me fazendo inteira.

Eu imagino seu rosto e ele ri.

— Você é uma boba, Cal. — ele me diz, seus pálidos olhos azuis brilhando. — Você sempre foi a melhor metade. Você não

precisa de mim.

— Isso é estúpido. — eu respondo imediatamente. — Eu sempre precisarei de você. Eu provavelmente nunca vou parar de falar com você, está bem?

Ele revira os olhos e fica sob o luar. — Tudo bem. Mas chegará um momento em que eu vou parar de responder. Porque, eventualmente, você tem que me deixar ir, Cal. Para o seu próprio bem.

— Não me diga o que é o meu próprio bem. — eu olho feio, mas ele ri, porque é isso o que Finn faz. Ele ri e ele faz com que cada situação seja melhor.

— Fique comigo. — peço a ele. — Eu me sinto tão sozinha.

Ele assente e se senta na cama comigo, e ele me observa enquanto eu sossego para dormir. Ele cantarola, uma canção sem palavras, uma canção que é familiar, mas eu não consigo identificar.

— Durma. — ele me diz. — Eu estou bem aqui.

Então, eu faço. Eu durmo enquanto a memória do meu irmão morto cuida de mim, porque essa é a única maneira que eu me sinto segura.

Mas, mesmo assim, meus sonhos me atormentam.

— Um por um por um.

Os sussurros parecem vir dos cantos, das sombras, dos corredores. — Um por um, Calla. Um para mim, um para mim.

Ele gargalha e sibila e eu corro em torno dos cantos, para o escuro.

Enquanto eu escapo, eu percebo algo e derrapo em um impasse.

Deixei Finn para trás.

Eles o tem agora.

Não.

Não.

Eu tenho que voltar. Viro, mas não posso me mover. Meus pés estão enredados com o solo.

Eu ouço-o gritando e me obrigo a me mover, mas de repente sou parada por Dare.

Ele agarra meus braços e me restringe, seus braços como bandas de aço, não me deixando ir.

— Você não pode ajudá-lo agora. — ele me diz sombriamente, seus olhos negros brilhando. — Sinto muito.

Meus gritos me acordam e Finn ainda está sentado do lado da minha cama.

— Você está bem? — a voz do meu irmão está ansiosa, e a luz da lua brilha em seu rosto. — Você só está tendo um sonho. Acorde, está tudo bem.

Concordo com a cabeça e agarro sua mão e ele sorri.

— Foi o bicho-papão?

Eu tento sorrir de volta, mas o sentimento de terror e perda ainda é muito grande.

Concordo com a cabeça em vez disso. — Sim. O bicho-papão.

É uma piada privada, porque Finn e eu sempre dissemos que não há bicho-papão em todo o mundo que tenhamos medo uma vez que dormimos em uma casa funerária.

Mas o meu sonho... ele caçava a única coisa que me assusta, a coisa que sempre me assustou mais.

Perder meu irmão.

Mas isso já aconteceu, e eu sobrevivi, e eu ainda estou aqui.

Mas o medo ainda é dono de mim, porque eu não posso deixá-lo ir.

— Eu estou bem. — eu digo a ele com confiança. Porque era apenas um sonho.

Apenas um sonho. O pior já aconteceu.

Ele balança a cabeça e começa a se levantar, mas eu puxo sua mão. — Fique.

Porque talvez tenha sido um sonho, mas era tão real.

Há uma compreensão nos olhos do meu irmão e ele se enrola ao meu lado sem dizer uma palavra. Não há palavras necessárias, apenas sua presença reconfortante. Real ou não, ele me acalma e eu não estou pronta para desistir disso.

Não é muito antes da respiração de Finn ficar suave e uniforme e eu sei que eu o imaginava entrando no sono.

Eu o observo, a forma como o peito puxa respirações profundas, a forma como a boca está relaxada. A maneira como ele é minha outra metade e eu não tenho ideia do que farei sem ele, embora eu saiba que tenho que tentar.

Meu peito ainda está doendo do sonho, meu coração ainda está pulando batidas. Eu nunca tive um pesadelo tão real antes. Ele mexeu comigo profundamente.

Isso me fez nunca querer dormir de novo, por medo de ter o mesmo sonho novamente.

Então eu saio da minha cama e vago pelos corredores de Whitley.

Algo sobre esta casa me perturba. É como se há trevas em seu coração, como se ela tem uma alma, e quer absorver a minha. Eu percebo o quão louco meus pensamentos são, e eu luto para suprimi-los.

Pisando levemente, eu calmamente ando sobre o mármore até chegar às enormes portas de vidro da biblioteca.

Eu só hesito por um momento antes de abri-las e sair.

Eu não sei por quê.

Eu só sei que eu preciso de um pouco de ar. Eu preciso estar longe dos limites prementes da casa. Alguma coisa aqui me sufoca.

Não é até que eu estou na metade do caminho para os estábulos que eu percebo que estou descalça. Eu saí de casa sem sapatos.

Que tipo de louca eu sou?

Eu só estou virando-me para voltar para casa quando dois faróis aparecem abaixo na calçada. Eles brilham em mim, me iluminando através de minha camisola, expondo cada linha e curva que possuo. Eu envolvo meus braços em volta da minha cintura, tentando me esconder em vão. Mas o carro, um Porsche escuro, não para. Ele passa por mim em direção a garagem, e enquanto passa, os olhos escuros de Dare olham através da janela do motorista.

Deve ser 3:00 e ele só chegou em casa agora?

Onde no mundo é que ele estava?

Mas com o coração apertado, eu sei que não é da minha conta, porque eu lhe disse que queria espaço. Porque ele é um adulto e ele pode ir e vir como quiser e é isso que eu queria.

Começa a chover assim que eu pego o ritmo, mas é um esforço inútil. Quando chego aos jardins, está chovendo muito, e eu tenho que parar em um gazebo para esperar. Os ventos úmidos sopram entre os mouros, uivando em um gemido assustadoramente arrepiante, e calafrios correm para cima e para baixo na minha espinha.

Eu pensei que viver em uma casa funerária era arrepiante. Esta propriedade faz com que pareça brincadeira de criança.

Tremendo, eu fico sob o telhado, o vento cortando minha camisola molhada.

O que eu estava pensando quando vim aqui?

— Sabe, a maioria das pessoas usam sapatos. E roupas.

Dare se atira sob o teto para se abrigar, encharcado da cabeça aos pés. Ao contrário de mim, ele está completamente vestido, mas exatamente como eu, ele está completamente molhado.

— Isso não está adiantando muito. — eu indico. — Você está encharcado.

Ele dá de ombros enquanto se inclina contra uma coluna, mal fora do aguaceiro, sacudindo a água do seu cabelo. Ele é longo e fino, e algo sobre ele me lembra uma cobra mortal, enrolada para dar o bote.

— Está bem. Eu não derreto, confie em mim.

Ele me examina, com os olhos tão negros como a noite. — O que você está fazendo aqui no meio da noite, afinal?

Acho que vejo diversão em seus olhos, diversão misturada com preocupação, mas eu olho para longe antes que eu possa ter certeza. Esta situação me perturba, me coloca no limite... acorda cada terminação nervosa.

— Eu não conseguia dormir.

Eu não vejo a necessidade de dizer a ele que eu *estava* dormindo, mas que um pesadelo, estrelado por ele me acordou. Ninguém precisa saber disso.

— Você deveria ir ver Sabine amanhã. — ele me diz, suas palavras úteis, mas seu tom aborrecido. — Ela é uma mestre em ervas. Ela tem um chá que te nocauteará.

De alguma forma, isso não me surpreende. Sabine, com seu corpo torcido minúsculo e seus olhos escuros e misteriosos... parece certo que ela mexeria com ervas.

— Está bem. Talvez eu vá.

Dare me estuda, seus olhos me varrem da cabeça aos pés, vendo meus dentes baterem por alguns minutos.

— Se eu tivesse um casaco, eu ofereceria a você.

Suas palavras são tranquilas no meio da noite, e oferecer um casaco é uma coisa tão cavalheiresca para fazer.

— Não fique tão surpresa. — ele ri. — Eu posso não ser tão bom quanto você, mas eu tenho boas maneiras. — ele endireita o corpo, abrindo os braços. — Vem cá, Calla.

Para seu calor.

Para sua força.

Eu quero.

Eu quero.

Mas eu balanço minha cabeça, determinada.

Os olhos de Dare nublam e os seus braços caem de volta para seu lado.

Ele empurra para longe da coluna e se aproxima de mim, seu longo corpo ágil e esbelto. Engulo em seco com força enquanto ele avança na minha direção, mais perto, em seguida, mais perto.

Por um breve momento, eu me sinto como uma presa e ele é o caçador, até que a realidade me bate e eu sei que ele nunca iria querer me caçar. Eu sou a noite e ele é o dia. Ele é inteiro e eu estou quebrada.

— Você morrerá aqui fora. — ele me diz, com a voz suave agora, e essa coisa de “eu preciso de espaço” está me matando, me matando, me matando.

Eu me pergunto se isso está matando-o, também?

— Venha, siga-me. — ele me diz, avançando. Por alguma razão, eu faço o que ele pede e eu permito que ele me leve pelos jardins, os caminhos, para a casa e para uma enorme lavandaria. Ele abre um armário e pega uma grande toalha macia. Quando ele se vira para mim, ele a puxa em volta dos meus ombros.

— Você não está acostumada com a chuva aqui. — ele me diz enquanto esfrega meus braços vigorosamente. — Não saia à noite novamente. Você não sabe o que está lá fora.

Eu não me incomodo em lembrá-lo que Oregon chove tanto quanto, que ambos os locais são úmidos e cinza e triste, e que eu estou acostumada com isso. Eu não pergunto a ele o que está lá fora, porque eu não quero saber. Ainda não.

— Eu... hum. — eu caio em silêncio. — Por que você está sendo tão bom? — eu digo. — Eu não estou sendo muito boa

para *você*.

— Você está fazendo o que tem que fazer. — ele me diz, um olhar estranho em seus olhos escuros. — As coisas não são o que parecem aqui, Calla. Não se esqueça disso e você ficará bem.

E com isso, ele sai, deixando-me sozinha na lavanderia com uma toalha molhada na minha mão.

Eu faço o meu caminho de volta para o meu quarto, pelos corredores silenciosos, e enquanto eu passo pelas janelas, parece que algo rosna.

Algo espera,

Algo dorme no escuro.

Eu não sei o que é.

Mas ele sabe *de mim.*

Disso, estou certa.

Capítulo Oito

Estou tão solitária.

Eu sei que estou aqui para recuperar, para consertar o que está quebrado, para lembrar o que eu esqueci.

Mas ficar sozinha é solitário.

Eu escrevo outra carta para o meu pai, e entrego para Sabine.

Eu estou bem, eu assegurei a ele na carta. Eu menti, mas talvez ele não descubra isso.

Se Whitley detém quaisquer respostas, eu certamente não encontrei ainda.

Pegando meu medalhão, encontro-me sussurrando.

— São Miguel, me proteja. Proteja-me do que eu não sei. Guie-me para o que eu preciso encontrar.

Eu deixo cair o colar de volta na minha camisa, e o metal é frio na minha pele. A frieza me faz lembrar de Finn, de como ele não está vivo, e eu fico devastada mais uma vez.

Toda vez que eu me lembro disso, arranca o band-aid.

Ficar sem ele é insuportável, e isso me atinge nos momentos mais estranhos.

Há horas até o jantar, então eu rastejo pelos corredores, com a intenção de distrair-me, descobrir alguma coisa. *Qualquer coisa.*

Acho um berçário antigo, com dois berços e um cavalo de balanço assustador. Seu olho de madeira me observa sem vida, enquanto eu, inutilmente encaro os arredores do cômodo.

As paredes são de cor amarela pálida e velhas, o piso é reluzente de madeira, os tetos são altos. Há lustres mesmo aqui, em um lugar onde as crianças deveriam florescer.

Mas os brinquedos são escassos e a formalidade é abundante.

O silêncio é enervante.

Um berçário sem bebês é assombroso.

— Este foi o berçário da sua mãe. — diz Sabine atrás de mim. — E do seu tio.

— A idade deles era próxima? — eu pergunto porque eu não sei nada da minha própria família.

Ela concorda com a cabeça. — Mas eles não eram próximos. Dickie era perturbado e sua mãe não era. Você está com saudades de casa, criança?

É claro que eu estou.

E é claro que eu não estou.

A casa era assustadora.

Mas ainda sinto falta dela.

A babá sorri, seus dentes escuros.

— Vem comigo, então. — ela insiste, e eu vou.

Subimos em uma velha camionete pick-up e nós dirigimos pelo que parecem horas.

Mas, eventualmente, eventualmente, nós paramos e estamos junto à costa, e o sol brilha sobre a água.

Espio para ele, e eu estou despreparada para o alívio que me preenche com a visão da areia e da água.

— Parece um pouco com as fotos que sua mãe me enviou. — Sabine diz calmamente. — Da sua casa nos Estados Unidos. Esses são os penhascos Seven Sisters, e eu pensei que você poderia gostar daqui. — ela me dá uma cesta, contendo um cobertor, meu livro e um pouco de água.

— Eu tenho que fazer compras em algumas fazendas locais. Eu volto aqui em algumas horas para buscá-la.

Eu aceno, tocada por sua atenção e culpada por não esperar isso dela. Sua camionete me deixa sozinha, e eu sou tão pequena ao lado do oceano.

Eu ando para cima e para baixo na praia, meus pés afundando na areia úmida.

A espuma desliza para frente e para trás e eu a contorno, afastando delas, para as bordas brancas irregulares dos penhascos.

Estou em casa aqui, neste lugar acidentado.

Estou em casa na borda, onde a qualquer momento eu posso cair.

Eu subo e subo, e quando eu estou em cima, eu olho para baixo no mundo.

Eu sou grande e ele é pequeno, e o oceano é o meu amortecedor.

Eu estico meu cobertor, abro o meu livro e me perco nele.

Eu me perco em um mundo que não é meu, e por um tempo, isso é melhor.

Eu sugo meu fôlego no final, quando Jane finalmente salva o Sr. Rochester.

Ela o salva da solidão e desespero.

É disso que Dare precisa ser salvo?

Eu largo o livro na cesta e levanto o rosto para o sol.

Ele me assa, aquece-me, acalma.

É quando meus olhos estão fechados que eu as vejo.

As visões.

As memórias.

Finn grita.

Vidro quebra.

Pneus derrapam.

A água bate na costa.

Metal dobra e guincha.

— Você está bem? — Dare pergunta, e sua voz é assustada.

Ele não deveria estar lá.

Eu não posso fugir desse fato.

Mas eu não consigo, de jeito nenhum, descobrir isso.

Eu não consigo chegar à verdade.

Uma parede está na minha mente, me bloqueando,

Protegendo-me.

Mas eu não posso ser protegida para sempre.

Eu tenho que te contar uma coisa.

É nova.

Uma memória nova.

De antes do acidente.

Eu assusto e concentro.

Calla, eu tenho que te contar uma coisa. Você não entenderá. Por favor, ouça antes de decidir que eu sou um monstro.

Minha respiração... não virá, e eu tento e tento inspirar, e eu tento e tento me lembrar mais.

Mas isso é tudo.

O rosto de Dare desapareceu.

Ele tem medo de ser um monstro, e talvez ele seja.

Eu não sei.

Mas estar aqui, no vento e no ar, talvez mesmo em Whitley, está me libertando para lembrar. Todo mundo estava certo, as respostas estão aqui.

Eu sinto isso.

Eu só não gosto.

A água bate abaixo de mim e é como uma canção de ninar ou uma música, até que se transforma em uma espécie de grunhido... então o meu nome.

Calla.

É um sussurro carregado pelo vento.

Abro os olhos, e alguém está olhando para mim.

O rapaz com o capuz.

Ele está na beira da água, com os pés enterrados na espuma, e eu não posso ver seus olhos.

Hesito, em seguida, levanto a mão.

Ele está na minha mente.

Mas por quê?

Ele é uma memória?

Ele inclina a cabeça e eu não tenho medo, e, em seguida, ele se afasta em direção ao sol.

Capítulo Nove

— Calla!

É Dare gritando, e quando eu olho, ele está parado abaixo na praia.

As calças enroladas para cima e há sol em seu cabelo.

Eu sorrio antes que possa me parar,

Porque mesmo que eu não deva,

Eu o quero.

Eu o quero agora.

Eu o quero sempre.

Ele sobe até mim e senta-se no cobertor e quando ele olha para mim o seu olhar é preto.

— Sabine me enviou. — explica ele. — Ela chegará tarde e não quero você aqui sozinha.

Concordo com a cabeça, e eu sou tão grata que ele esteja aqui, porque eu estou cansada de estar sozinha.

Minha mente é um oceano profundo e eu estou me afogando.

— Você estava com medo que eu achasse que você é um monstro. — digo-lhe em voz baixa, e observo seu rosto cuidadosamente. Sua boca tensiona, mas esta é sua única reação.

— Sim. Você se lembra do por quê?

Eu peneirei um punhado de areia por entre meus dedos, observando cada pedaço minúsculo.

— Não. Ainda não.

Ele suspira e é alto aqui em cima, no topo desse penhasco junto ao mar.

— Onde eu devo procurar as respostas? — pergunto-lhe, e ouço o desespero em minha voz, porque eu estou cansada da agitação.

Estou cansada dos segredos.

Estou cansada de nada ser claro.

Ele pisca.

— Você deve procurar em Whitley. — ele finalmente diz. — Mas você tem que ter cuidado. Você não vai gostar do que vai encontrar.

Concordo com a cabeça, porque sei que eu não vou.

Porque isso pode me fazer pensar que Dare é um monstro.

Ele segura minha mão, enquanto caminhamos para o carro, e eu deixo.

Porque eu preciso de sua luz para viver,

Porque um monstro vive em todos nós.

Isso é o que eu digo a Finn mais tarde, quando eu estou sozinha no meu quarto.

Meu irmão me olha com olhos azuis pálidos imaginários.

— Talvez. — ele brinca. — Mas isso não tira o fato de que Dare estava na nossa montanha, naquela noite, Calla.

— Na noite em que você morreu. — eu aceno. Ele olha para o lado e sei que ele não gosta de estar morto.

— Ele *estava* lá? — Finn pergunta, e eu posso dizer pelo seu tom de voz, que ele sabe. — Ou você está confusa?

Eu suspiro, longo e alto, porque eu estou tão cansada de ser a única escondida da verdade.

— Apenas me diga. — eu exijo.

— Eu não posso. — sua resposta é simples.

— Mas você quer.

— Sim.

Ele se levanta e anda pelo quarto, um leão delgado em uma gaiola. — Pense, Calla. Você sabe isso.

Eu faço.

Eu sei isso.

Está na ponta da minha mente, morrendo de vontade de encontrar o seu caminho.

Eu fecho meus olhos.

Falei com Dare naquela noite. Eu posso ouvir suas palavras.

Ansioso, com medo.

Concentrando-me, eu vejo o penhasco, a funerária, a lua.

Eu vejo o meu irmão,

E ele está vivo,

Então, ele não está.

Minha mãe,

Meu pai,

As luzes piscando.

A praia.

E, em seguida...

Há algo.

Um lampejo.

Eu estico meu pescoço, tentando ver mais.

Um flash de cabelo escuro,

E um nome.

Abro os olhos.

— Quem é Olivia? — pergunto hesitante.

Finn sorri.

— Agora estamos chegando a algum lugar.

Capítulo Dez

Se eu ficar dentro de casa por muito tempo, as paredes começam a se aproximar de mim.

Eu odeio o silêncio, eu odeio a altura do teto, eu odeio que eu estou sozinha.

Eu odeio que eu demoro a chamar Dare, para dizer-lhe para me encontrar neste lugar esquecido por Deus, para me levar embora... porque para ser honesta, eu realmente não tenho para onde ir.

Eu não posso ir para casa.

Eu não posso enfrentá-la sem Finn.

Mas Deus sabe que eu não posso ficar nesta casa.

A brisa é um pouco fria quando eu faço o meu caminho profundamente pelo terreno. Eu passei a acreditar que nunca realmente aquece aqui. A chuva faz os gramados verdejantes, no entanto. Verde e cheio e colorido. Como Finn teria dito em sua busca sem fim de aprender latim... é viridem. E verde significa vida.

O caminho de paralelepípedos se transforma em seixos conforme fico mais longe da casa, e depois de um minuto, eu venho a uma literal bifurcação na estrada. O caminho se divide em dois. Um leva em direção a uma área arborizada e outro leva a um belo edifício de pedra à beira do horizonte, envolto em névoa e árvores gotejantes.

É pequeno e misterioso, belo e antigo. E é claro que eu tenho que dar uma olhada mais de perto. Sem pensar duas vezes, eu vou por esse caminho.

Quanto mais me aproximo, mais a minha curiosidade cresce.

Eu posso sentir o cheiro do musgo quando me aproximo, aquele cheiro de mofo, úmido, que vem com um cômodo fechado ou um espaço molhado. E com aquele cheiro escuro vem um sentimento muito opressivo. Eu sinto isso pesando sobre os meus ombros enquanto eu abro a porta pesada, quando eu olho para a palavra SAVAGE inscrita na madeira, conforme dou o meu primeiro passo hesitante em um cômodo que não tem visto a vida humana no que parece ser anos.

Mas *tem* visto a morte.

Eu estou parada em um mausoléu.

Crescendo em uma casa funerária, eu estou bem versada em morte. Eu sei o que parece, o que cheira, até mesmo o gosto no ar.

Estou cercada por ela aqui.

O chão é de pedra, mas uma vez é privado de luz, verde musgo macio cresce no lugar, e é macio sob meus pés. As paredes são grossos blocos de pedra, e tem vários recantos, preenchidos com os restos mortais de membros da família Savage. Eles voltarão para as gerações, e isso me faz pensar quanto tempo os Savages tem vivido em Whitley.

Mais perto de mim, estão Richard Savage I, meu avô, e Richard Savage II, meu tio. E ao lado dele está Olivia.

Olivia.

O nome da minha memória.

A mãe de Dare.

Corro os dedos ao longo de seu nome, traçando as letras recortadas na pedra, absorvendo a frieza, a dureza.

O que eu sei sobre ela?

Por que ela é importante na minha memória?

Dare tem os olhos, ou o cabelo dela? Ela era o único ponto de brilho em seu mundo? Será que ele sente falta dela mais do que a própria vida?

Eu não sei.

Tudo o que sei é que o nome dela estava na minha cabeça ontem... antes que eu encontrasse este lugar.

É a minha primeira pista difícil.

Arrastando meus dedos ao longo da parede, eu circulo o cômodo, olhando os meus antepassados, maravilhando-me com o silêncio aqui.

É tão alto que meus ouvidos zumbem com ele.

A porta aberta cria uma lasca de luz no chão escuro, e é enquanto estou focando no brilho que eu primeiro ouço o sussurro.

Calla.

Eu viro minha cabeça, apenas para descobrir nada atrás de mim.

Calafrios correm pela minha espinha e arrepios se formam em meus braços enquanto eu olho para o cômodo vazio. As únicas pessoas aqui estão mortas.

Mas... o sussurro foi cristalino no silêncio.

Estou ouvindo vozes.

Esse fato me assusta, mas não tanto quanto a familiaridade daquele sussurro.

Não pode ser meu irmão.

Não pode. Ele está morto e eu sei disso. Eu poderia tê-lo imaginado na outra noite, mas até eu sei que ele não era real.

— Olá? — eu chamo, desesperada por alguém estar aqui, por alguém real ter falado. Mas ninguém responde.

Claro que não.

Estou sozinha.

Coloco minha mão na parede e tento puxar uma respiração profunda. Eu não posso estar louca. É um dos meus piores medos, perdendo apenas para a perda de meu irmão.

Um movimento me chama a atenção e me concentro nele.

Pétalas de cravo e lírios Stargazer[4], branco e vermelho, se espalham pelo chão. Coroa de flores.

Assustada, eu viro para elas, curvando-me para tocá-las. Eu corro uma entre os meus dedos, sua textura aveludada suave. Não estavam aqui há pouco. Nenhuma delas estava, mas ainda assim, aqui estão elas, espalhadas pelo chão.

Elas conduzem a uma cripta na parede.

Adair Phillip DuBray.

Meu coração bate e bate quando eu corro para a placa, quando eu traço as letras frescas com os meus dedos.

Isso não estava aqui também.

Que diabos?

Engulo em seco, puxando o ar, observando as flores frescas no vaso ao lado de seu nome.

Não há nenhum musgo aqui, porque este tinha sido recém-esculpido, inaugurado recentemente e muito recentemente selado. Mas não há nenhuma maneira que Dare possa estar aqui, porque eu o vi na noite passada. Ele está bem, ele está bem, ele está bem.

Conforme minhas mãos tocam seu nome, conforme eu me tranquilizo, quadros enchem minha cabeça, imagens e cheiros.

O mar, um penhasco, um carro.

Sangue, metal rugindo, a água.

Dare.

Ele está ensanguentado,

Ele está ensanguentado,

Ele está ensanguentado.

Tudo está em chamas,

As chamas lambem as paredes de pedra,

Tentando encontrar alguma maneira possível para sair.

A fumaça me sufoca e eu tusso,

Ofegando por ar.

Eu pisco e tudo se foi.

Minhas mãos estão em uma parede em branco e o nome de Dare sumiu.

As flores sumiram.

Estou sozinha.

O chão está vazio.

Eu não consigo respirar.

Eu não consigo respirar.

Eu não consigo respirar.

Eu sou louca.

É a única explicação.

Eu embaralho para a porta e explodo para fora à luz do sol, longe do mausoléu, longe da morte. Eu voo em direção a casa, tropeçando nas pedras.

— Calla?

Meu nome é chamado e eu tenho medo de olhar, com medo, que ninguém estará lá, com medo de que eu ainda esteja imaginando coisas. É isso que Finn sentiu todos os dias? Estou começando por esse caminho escorregadio? É um buraco de coelho e eu sou o coelho e eu sou louca.

Mas é Dare, de pé, alto e forte no caminho, e eu voo em seus braços, sem me preocupar com o afastamento.

Seus braços se fecham em torno de mim e ele cheira tão bem, tão familiar, e eu fecho meus olhos.

— Você está bem. — eu digo a ele, eu digo a mim mesma. — Você está bem.

— Sim, eu estou bem. — diz ele em confusão, com as mãos acariciando minhas costas, me segurando perto. — Você acha que aconteceu alguma coisa?

Eu vejo o seu nome, esculpido na pedra do mausoléu, e eu estremeço, empurrando a visão para longe, muito longe da minha mente.

— Não. Eu... não.

Ele me abraça por mais alguns minutos, em seguida, olha para mim, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha.

— Você está bem? Você sumiu por horas.

Horas? Como é possível? O céu rodopia, e eu me equilibro contra seu peito.

Eu ouço seu coração e ele está batendo rápido, porque ele tem medo.

Ele tem medo por mim, porque ele reconhece os sinais, ele viu antes.

— Está tudo bem, Cal. — ele murmura, mas eu posso ouvir a preocupação em sua voz. — Está tudo bem.

Mas eu posso dizer pela sua voz que não está.

Loucura é genético.

Eu sou o coelho.

E eu sou louca.

Dare passa o braço em torno dos meus ombros, enquanto caminhamos de volta para a casa, e eu posso senti-lo olhar para mim de vez em quando.

— Pare. — eu digo-lhe, finalmente, à medida que caminhamos pelos jardins. — Eu estou bem.

— Tudo bem. — ele concorda. — É claro que você está.

Mas ele sabe melhor, e ele sabe que eu não estou.

Sabine está ajoelhada pelas portas da biblioteca, cavando através do solo rico Inglês, e ela nos olha por cima do ombro. Quando ela vê meu rosto, seus olhos estreitam e ela se levanta.

— Está tudo bem, Srta. Price? — pergunta ela com sua voz rouca. Eu quero mentir, eu quero dizer a ela que eu estou bem, mas sei que ela pode dizer a diferença. Na verdade, quando ela olha para mim com aqueles olhos escuros, eu sinto que ela pode ver em minha alma.

Eu não me incomodo em mentir.

Eu apenas balanço minha cabeça.

Ela assente.

— Venha comigo.

Ela nos leva para a parte de trás da casa, para o seu quarto. É pequeno e escuro, envolto em tecidos coloridos, em símbolos místicos e peças de joias vistosas, envolta em espelhos e coletores de sonhos e estrelas.

Estou atordoada e faço uma pausa, olhando para todo o aparato.

Ela vislumbra a minha expressão e encolhe os ombros. — Eu sou Rom. — diz ela, a título de explicação. Na minha expressão vazia, ela suspira. — Romani. Cigana. Eu não tenho vergonha disso.

Ela mantém a cabeça erguida, com o queixo para fora, e eu posso ver que ela está longe de estar envergonhada. Ela está orgulhosa.

— Você não deveria ter. — eu asseguro-lhe fracamente. — É sua herança. É fascinante.

Ela está satisfeita com isso, pela ideia de que eu não estou olhando para ela por quem ela é.

Seus olhos escuros contam uma história, e para mim, eles me dizem que ela sabe mais do que eu. Que ela pode até saber mais sobre *mim* do que eu.

É uma loucura, eu sei.

Mas, aparentemente, eu sou louca agora.

Sabine me orienta a uma cadeira de veludo e me empurra suavemente para ela. Ela olha para Dare.

— Deixe-nos. — ela diz-lhe em voz baixa. — Eu cuido dela agora. Ela ficará bem.

Ele está hesitante e olha para mim, e eu aceno.

Eu ficarei bem.

Eu acho.

Ele vai embora.

Sabine agita por todo lado e quando ela faz, eu olho ao redor. Em cima da mesa perto de mim, cartas de tarô estão espalhadas, disposta em uma formação estranha, como se eu tivesse interrompido a adivinhação.

Eu engulo em seco porque algo paira no ar aqui.

Algo místico.

Depois de um minuto, Sabine enfia um copo em minhas mãos.

— Beba. É erva-cidreira e camomila. Vai amenizar o seu estômago e acalmá-la.

Eu não me incomodo em perguntar como ela sabia que eu estava chateada. Deve estar escrito por todo o meu rosto.

Eu saboreio a bebida e depois de um segundo, ela olha para mim.

— Melhor?

Concordo com a cabeça. — Obrigada.

Ela sorri e seus dentes são assustadores. Eu olho para longe, e ela se enfia através de um armário. Ela extrai seu prêmio e me entrega uma caixa.

— Leve isso à noite. Ele vai ajudá-la a dormir. — eu olho para ela interrogativamente, e ela acrescenta: — Dare me disse.

Tomo a caixa, que não está marcada, e ela acena. — Sua mãe costumava ter problemas para dormir. E ela tinha crises de nervos, também.

Sabine não tem nenhuma maneira de saber que o meu 'ataque de nervos' inclui alucinações e ouvir vozes, então eu apenas sorrio e agradeço a ela.

Eu olho para a mesa novamente. — Você é uma vidente, Sabine? — é uma sensação estranha dizer essas palavras de uma forma séria, mas a velha não perde uma batida.

— Eu leio as cartas. — ela concorda. — Algum dia, vou ler as suas.

Eu não sei se quero saber o que elas dirão.

— Você já leu do Dare? — pergunto impulsivamente, e eu não sei por que. Sabine olha para mim, seus olhos negros sabendo.

— Esse menino não precisa prever seu futuro. Ele escreve o seu próprio.

Eu não tenho ideia do que isso significa, mas eu aceno como se eu entendesse.

— Você ficará bem agora. — ela me diz, sua expressão sábia e encontro-me acreditando nela. Ela tem uma natureza calmante, algo que se instala no ar ao seu redor. Eu não tinha notado isso antes.

— Minha mãe nunca mencionou você. — eu murmuro conforme me levanto. — Eu acho isso estranho, uma vez que ela deve ter te amado.

Sabine olha para longe. — Sua mãe não tem boas lembranças daqui. — diz ela em voz baixa. — Mas eu conheço o coração dela.

— Tudo bem. — eu digo, hesitante, quando eu pairo sobre o limiar. Sabine coloca a mão no meu ombro.

— Se precisar de mim novamente, você sabe onde me encontrar.

Concordo com a cabeça e então me afasto. Eu sinto Sabine me olhando quando eu faço, mas eu resisto ao impulso de me virar.

Em vez disso, eu me concentro em quanto melhor Sabine me fez sentir, quanto mais calma.

Talvez o chá tivesse Valium[5] nele.

Quando entro em meu quarto, eu decido que devo ter imaginado a coisa toda. Eu não tenho dormido bem. Minha mente estava pregando peças em mim, como mentes são propensas a fazer quando elas são privadas de sono.

Obviamente.

Essa é a explicação.

Eu levanto minha mão para dobrar o meu cabelo atrás da minha orelha, e neste momento eu congelo.

Meus dedos cheiram a cravos e lírios Stargazer.

Capítulo Onze

Cordas me prendem, segurando-me, restringindo-me, mordendo-me.

Eu torço e viro, mas não há como fugir delas.

Minha mente gira, lasca, quebra, explodindo em um milhão de pedaços confusos.

Luz entra, iluminando, mas não há nenhuma verdade aqui. Há apenas falta de sentido e quebra-cabeças.

Eu não consigo entender,

E

Eu não

Tenho certeza

Se

Quero.

— Socorro! — eu grito. Mas minha voz ecoa pelos halls, corredores e quartos. Ninguém está aqui além de mim e eu estou sozinha, e esse é o meu maior medo.

— Alguém! — minha voz falha e meus dedos cavam a corda desfiada. Não há ninguém, mas a corda rompe de repente, me jogando contra a parede com a força do meu próprio movimento.

Eu salto para correr, mas em seguida, percebo...

Não há para onde ir.

Sento-me em frente a enorme mesa de Eleanor, desconfortavelmente esperando por ela falar. Completou vinte e quatro horas desde que eu imaginei a cena nas criptas. Eu tive tempo para entender as alucinações e aceitá-las pelo que eram: um produto da insônia. Estou ignorando o fato de que meus dedos tinha um cheiro distinto de rosas sobre eles que eu não poderia ter imaginado.

Agora eu só estou à espera de ouvir as expectativas de Eleanor sobre mim.

Independentemente do que eles consideram ser o meu estado ‘frágil’, aparentemente, ainda há um pequeno problema da minha herança a considerar.

Ela olha para mim por alguns instantes antes de ela começar, sua voz severa e rígida.

— Eu confio que você já tenha se instalado.

Não é um gracejo, é uma diretiva.

Concordo com a cabeça em resposta, como esperado.

— Bom. Temos assuntos para discutir agora, e eu exijo a sua total atenção.

Eu sinto minha coluna esticar em linha reta, e eu imagino as vértebras, alinhando, com medo de cair na presença de Eleanor. Eu tenho que acreditar que o sol tem medo de brilhar com ela por perto. Ela é tão intimidante.

— Eu sei que você não está se sentindo bem, e isso é de se esperar. — o sotaque britânico de Eleanor é forte e encontro-me distraída por isso e o fato de que minha mãe perdeu o próprio ao longo dos anos.

— Mas você tem uma herança significativa de seu avô. — continua ela, olhando para um buraco dentro de mim. — E você deve respeitar determinadas estipulações a fim de recebê-la. Desde que você tem dezoito anos agora, o tempo está passando.

— Quais são as estipulações? — pergunto educadamente e eu coço para sair desta sala.

Eleanor olha para baixo de seu nariz.

— Em primeiro lugar, você estudará na Universidade de Cambridge. Cada Savage participou de Cambridge, sempre. Você viverá aqui em Whitley durante seus anos universitários.

Pausa.

— Você se submeterá a ter-me em sua conta bancária, além de você.

Pausa.

— Você trabalhará com a minha funcionária de relações públicas para garantir que você não manchará o nome Savage.

Pausa.

Ela me olha nos olhos. — Você hifenizará seu nome. A partir de hoje, você será conhecida como Price-Savage.

Este último me faz hesitar, porque eu sei que o meu pai não vai gostar.

— Dare tem a hifenização em seu nome também? — eu pergunto, sem pensar. Eleanor parece que engoliu um limão, sua boca torcendo em um nó.

— Claro que não. Adair não é um Savage e nunca foi. Sua herança é uma ninharia em comparação com a sua.

Isso não parece muito justo.

Eu engulo em seco.

— Por último e mais importante, você tem até completar dezenove anos para reivindicá-la. Você deve ser sã, Calla.

Você deve se recompor. Isso é o que ela está realmente dizendo. *Você não deve estar louca*.

Eu fico olhando fixamente para ela.

— Estes termos são agradáveis para você?

Eleanor espera, esperando que eu concorde, esperando que eu dê desculpas para minha mente frágil. Eu não faço. Eu finalmente respondo com palavras suaves.

— Vou tentar.

Eleanor é inabalável.

— Muito bem. Você pode ir.

Ela olha para baixo em sua mesa, sua atenção já em outra coisa.

Eu me deixo sair, e quando eu estou no corredor, eu permito que Finn se junte a mim.

— Ela não pode estar falando sério. — ele revira os olhos.

Eu caio contra a parede. — Eu temo que ela esteja. Eu não acho que ela sabe como fazer uma piada.

— Eu não mudarei meu nome. — Finn me diz fortemente. — Eu sou um Price.

— Ela não está pedindo a *você* para mudar isso. — eu respondo diplomaticamente. — Você está morto. Ela está me pedindo. Mas não para mudá-lo, apenas para hifenizá-lo.

— Papai vai pirar. — Finn aponta, e eu sei que ele está certo.

— Provavelmente.

Ele mastiga o lábio.

— Mas talvez. Vamos pensar sobre isso.

Como sempre, ele fala de nós como uma unidade. Porque nós somos, mesmo agora, mesmo que ele esteja morto.

— Eu preciso de algumas coisas. — digo a ele. — Itens de higiene. — acrescento, antes que ele pergunte. — Coisas de garota. Acho que vou até a cidade e buscá-las. Você quer vir?

Ele balança a cabeça. — Para coisas de garota? Uh, não. Acho que vou ficar aqui e fazer uma caminhada imaginária através dos jardins.

— Boa ideia. Eu deveria praticar estar sozinha.

— Você deveria. — ele acena com a cabeça, e eu mais uma vez reflito sobre o meu ridículo. Eu sou tão patética que eu tenho que imaginar uma realidade?

Aparentemente, eu sou.

Acho Jones lá embaixo e, hesitante, me aproximo do homem imponente.

— Existe alguma maneira que você poderia me levar para a cidade? Eu preciso ir até a loja.

— É claro, Srta. Price. — ele acena, imediatamente interrompendo o que está fazendo para cuidar de mim. — Eu vou trazer o carro.

Estou esperando na frente quando Dare sai pela porta, incrivelmente sexy em uma roupa preta, calça preta e camisa preta confortável. Ele sopra para fora da casa como uma brisa e para ao meu lado.

— Posso pegar uma carona com você? — ele pergunta, olhando-me de cima a baixo, verificando-me por fraqueza.

— Claro. Mas você não dirige? — eu pergunto baixinho, porque ele tem ido a algum lugar todas as noites. Ele inclina a cabeça.

— Às vezes, eu só quero ser preguiçoso.

— Compreensível. — eu aceno. — De qualquer forma, você pode compartilhar a minha carona.

Ele se inclina contra a casa.

— O seu quarto é confortável? — pergunta ele, conscientemente, porque ele tem que saber que é. A polidez entre nós me machuca, corta como uma faca e eu quero arrancá-la.

Mas eu não posso.

Quanto maior a distância entre nós, mais segura estou.

Eu não sei como eu sei disso, eu só sei.

Concordo com a cabeça e Dare sorri enquanto o carro desliza parando a nossa frente. Ele abre a porta para mim, porque mesmo que ele não seja tão bom como eu, ele tem boas maneiras.

— Admirável.

Ele desliza ao meu lado, e seus dedos envolvem em torno dos meus. Eu me afasto.

— Dare... eu... — eu fico olhando para ele, preparando-me, firmando-me. — Eu preciso que você não seja bom para mim.

Seus olhos se arregalam, então, estreitam.

— Por quê?

— Porque será mais fácil assim.

Ele balança a cabeça, irritação em seus olhos. — Mais fácil para quem? Se você quiser me afastar, eu não vou facilitar para você, Calla.

— *Isto* é fácil para mim?

Por *isto* eu quero dizer a minha vida e ele sabe disso. Minha mãe morreu. Meu irmão morreu. Estou longe do meu pai, aqui em Whitley, e eu sinto no meu coração que não posso confiar em Dare. Ele está escondendo alguma coisa de mim.

Dare balança a cabeça. — Não. Mas não há nenhuma razão para tornar mais difícil, Calla. Não me afaste. Apenas... não. Você não é a única que está lutando.

Seus olhos são tão aflitos, tão assombrados, tão tristes.

Meus olhos ficam quentes e eu pisco a umidade longe, meu coração pesado.

— Você pode me dizer o que é que eu não sei?

Dare congela, a mão na sua perna.

— Não.

— Então eu não posso confiar em você. Você tem um segredo. E eu *odeio segredos*, Dare. Você deve entender o porquê.

Ele cerra o maxilar e olha pela janela, e eu viro para o lado oposto.

Eu o ignoro, olhando pela janela, no campo Inglês enquanto nós dirigimos para a cidade.

— A que distância estamos de Londres? — eu pergunto a Jones.

— Cerca de uma hora, Srta.

Jones responde, e Dare não olha para cima de seu telefone.

— Muito longe. — diz ele, sem olhar para mim.

— Por que você diz isso? — eu pergunto a ele. Ele não se incomoda em responder, apenas olha ainda mais atentamente para o seu telefone.

— Grosso. — murmuro sob a minha respiração.

Acho que vejo seus lábios contraírem, mas eu não tenho certeza.

Você queria que ele não fosse tão bom.

Ele está me levando à minha palavra.

Não leva muito tempo para chegar à pequena cidade e leva menos tempo ainda para Dare sair do carro e começar a descer à calçada, longe do carro.

— Nós voltaremos em uma hora. — ele diz por cima do ombro para Jones.

Que presunçoso.

— Uma hora será suficiente? — Jones me pergunta em sua voz dura. — Eu vou esperar mais tempo para você se necessário.

— Tenho certeza que uma hora é o suficiente. — asseguro-lhe. Ele balança a cabeça e eu sigo em direção às lojas, mas quando eu noto Dare mergulhar da calçada principal para um beco, minha curiosidade é aguçada. Eu mudo de rumo e o sigo.

É contra o meu melhor julgamento, mas eu não consigo evitar.

Ele se move rápido, mas eu acompanho.

Nós serpenteamos entre edifícios em ruelas estreitas, e eu quase o perco duas vezes, mas consegui mantê-lo na minha mira. Eu observo seus ombros largos balançar à minha frente, antes que ele corte por outra rua lateral.

Eu sigo.

O beco cresce estreito e escuro, os paralelepípedos ásperos e irregulares. Eu perco Dare de vista entre as sombras, então eu tropeço. Conforme eu me atrapalho para me equilibrar, de repente eu me encontro puxada contra a parede.

Antes que eu possa respirar ou gritar, o rosto de Dare se materializa na minha frente, tão ameaçador, tão sombrio e é tão bonito.

— A caça de alguma coisa? — ele pergunta sem rodeios, sua voz afiada e baixa. Suas mãos estão sobre os meus ombros, e eu percebo que eu estou firmemente presa à parede em frente a ele. Ele não está me machucando, ele simplesmente não está me deixando ir.

Estou contida sob as palmas das suas mãos.

Eu posso sentir seus quadris, eu posso sentir seu calor.

Eu posso sentir a parte dele que o faz um homem.

Minhas bochechas ruborizam por isso.

— Não. — eu começo, então, quando ele levanta as sobrancelhas, eu suspiro. — Sim.

— O quê? — ele não me libera.

— A verdade. — eu digo-lhe sinceramente.

— Alguma vez você já ouviu a frase *o que você não sabe pode machucar você*? — Dare pergunta, seus olhos como um laser afiado enquanto olha para os meus.

Concordo com a cabeça.

— Bem, o que você *sabe* pode feri-la também. Não bisbilhote. Você provavelmente não vai gostar do que vai encontrar. Você tem que deixá-lo vir até você.

— Eu não estava... eu não estava bisbilhotando. — eu consigo oferecer. — Eu não sei o que eu estava fazendo.

Dare se afasta, me liberando.

Ele é alto, magro e forte, e ele me deixa um pouco sem fôlego.

— Isso é provavelmente a sua primeira questão. — ele me diz. — Se você não sabe o que está fazendo, você nunca chegará a lugar nenhum. Saia deste beco escuro, Calla. Não é seguro aqui.

Ele aponta para a entrada, e quando o faz, eu as vejo.

As flores que ele deixou cair no chão.

Rosas, lírios Stargazer e cravos.

Meu coração martela e eu faço o que me foi dito. Quando eu saio e surjo na calçada à luz do dia, volto-me, mas ele já se foi. Assim como as flores.

Eu encontro a loja mais próxima, encontro os meus itens de higiene e estou de volta ao carro bem na hora. Eu espero lá dentro por Dare retornar e, a cada minuto que passa, eu me pergunto o que direi a ele.

Mas eu não tenho que decidir.

Porque finalmente Jones põe a cabeça na parte de trás.

— Aparentemente, o Sr. DuBray não está vindo agora. Eu voltarei para buscá-lo mais tarde.

Concordo com a cabeça em silêncio e permito que Jones me leve de volta para Whitley.

Mesmo sem perceber, eu assisto para a limusine sair e voltar com Dare, mas isso nunca acontece. Eu não sei como Dare consegue voltar para casa.

Eu sei que consegue, no entanto. Porque no meio da noite, sou acordada de um sono perturbado por um ruído que não posso definir. Fico lá por um minuto, tentando acordar o suficiente para limpar a minha mente, e eu finalmente percebo que é música de piano à deriva através dos corredores de Whitley.

Pego meu robe e sigo as notas assombrosas, encontrando-me no salão.

Eu hesito em silêncio na porta maciça, observando Dare tocar piano com a graça de um mestre. Seus dedos longos derivam através das teclas e ele olha pela janela enquanto toca, seus olhos distraidamente observando o pântano através das janelas. As notas do piano são assombrosas e baixas, delicada e alta, e todo o resto.

Ele não sabe que eu estou aqui, e eu quero continuar assim, porque agora, enquanto ele pensa que ninguém está olhando, Dare DuBray parece sem reservas, desolado e vulnerável.

Ele parece aberto e casual, pensativo e real.

É a primeira emoção verdadeira que eu já vi nele.

Isso me intriga, sobretudo porque não há um traço de sua marca registrada, a arrogância.

Por um momento, eu esqueço sua rudeza de mais cedo. Tudo o que consigo pensar é como diferente ele parece agora.

Esta é a pessoa que eu amo, a pessoa que eu realmente não quero viver sem.

Estou tão perdida em meus pensamentos sobre ele que nem sequer percebo que ele parou de tocar. Ele está olhando para mim na hora que eu percebo e a reserva está de volta em seus olhos.

— Você precisa de alguma coisa, ou você está apenas dando um passeio às 3 da manhã? — pergunta ele, com a voz baixa e calma.

Eu balanço minha cabeça. — Não, eu só estava indo para a cozinha.

— Você deve virar. Elas estão no lado oposto da casa. — ele me diz de maneira uniforme. *Fui pega.*

— Dare, qual é o seu segredo?

Porque eu tenho que saber.

Ele olha para as teclas, para as mãos que estão as tocando.

— Eu não posso te dizer.

Concordo com a cabeça, porque eu estava esperando por isso.

Eu me viro, mas depois eu paro.

— Você toca muito bem.

Ele não responde, e eu me afasto.

Capítulo Doze

Luar varre o corredor, iluminando os móveis pesados e tapetes caros. Eu sou indiferente a isso enquanto deixo Dare em seu piano e continuo pelo corredor.

Eu preciso saber o que está sendo escondido de mim.

Eu sinto como se todo mundo soubesse, menos eu.

Dare.

Sabine.

Meu pai.

Mesmo Eleanor.

Se eu estivesse escondendo alguma coisa aqui, onde eu iria colocá-lo?

A resposta é imediata.

O escritório de Eleanor.

Surpreendentemente ele está aberto e eu calmamente escorrego para dentro, pisando entre os tapetes grossos até que estou sentada em sua grande cadeira. A partir daqui, eu sinto que estou no comando de um navio e abro a gaveta ao lado da minha perna esquerda. Pastas e arquivo alinhados, esperando por mim para explorá-los. Eu passo minhas mãos ao longo de seus topos, caçando.

Meus dedos pausam na pasta D.

Dare DuBray.

Quase hesito em retirá-la e abri-la, mas então eu não sinto remorso. Ele sabe tudo sobre mim. Eu poderia muito bem saber algo sobre ele.

Adair Phillip DuBray.

1,88, cabelos castanhos, olhos castanhos.

Mãe, Olivia, falecida.

Pai, Phillip, falecido.

Padrasto, Richard II, falecido.

Ele está sozinho. Isso me bate forte, porque eu sei como é isso. Seu arquivo é bastante curto e apenas alguns parágrafos foram redigidos, dois parágrafos grossos com linhas pretas gordas aparecem através deles, impedindo-me de ler as palavras.

O que é tão ruim que não pode ser exposto em seu arquivo?

Estou confusa e agitada, mas, em seguida meus olhos estreitam com o que eu vejo, para o que discute a parte de sua herança Savage.

Quando Richard I morreu, ele deixou a maior parte da propriedade para Calla Price (eu!) e Finn Price, mas há um pequeno fundo para cuidar de Dare pelo resto de sua vida. Ele herdaria mais somente se Finn ou eu fôssemos considerados incapazes ou morrêssemos.

Aparentemente, Eleanor não herdou.

Isso me choca profundamente, enquanto me sento na cadeira dela e imagino o jeito que ela parece tão militante e responsável. Ela não possui nada?

Mas eu possuo... tudo. Finn e eu.

Após a morte de Finn, sua parte ficou para mim, não para Dare.

Por quê?

Eu não sei o quanto vale, mas a julgar pela Whitley e a limusine, e os negócios da família, Savage Inc, eu sei que deve valer uma grande fortuna.

Eu valho uma grande fortuna.

Mas só se eu estiver com a mente sã.

Atônita, eu deslizo o arquivo de volta, pensando em me levantar e sair, quando vejo o meu nome.

Eu arranco o arquivo para fora, sem perder tempo em examiná-lo.

Calla Elizabeth Price.

Gêmeo do sexo feminino de Finn. Cabelos vermelhos, olhos azuis, 1,70. Manequim 34. Calçado 36. Cursou o ensino médio público em Astoria. Média de 3,9. Alergias, nozes.

Meus olhos continuam a deslizar sobre minhas próprias estatísticas, até o âmago da maior questão. A saúde mental.

Seu irmão Finn foi diagnosticado com esquizofrenia afetiva quando eles tinham cinco anos, diagnosticado por médicos americanos e tratado com lítio e Haldol, com o Xanax ocasional para ataques de pânico. Os sintomas de sua doença são alucinações, delírios, alterações de humor, mania/depressões.

Calla por outro lado...

— O que você está fazendo aqui?

Eu reconheço a voz de Sabine imediatamente, assim como sua postura na porta, e eu fluidamente fecho o arquivo e deslizo de volta na gaveta em um rápido movimento.

— Huh... — meu coração martela. — Estou à procura de alguma coisa.

Sabine não se move, mas seus olhos escuros brilham na noite.

— O que você está procurando, criança?

Eu vejo seu rosto, esperando para que ela acenda a luz, para que pegue o telefone e ligue para Eleanor, esperando que ela faça alguma coisa. Mas ela não faz. Ela permanece na porta, esperando que eu responda.

— Explicações. — eu ofereço assumidamente, sem me mover de onde eu estou.

Sabine entra no escritório silenciosamente, seu pequeno corpo em movimento por todo o ambiente.

— As respostas que não são dadas livremente, nem sempre realmente respondem tudo. — ela me diz e cada palavra é um mistério.

Dou um passo, depois outro e depois faço uma pausa.

— Você sabe as respostas, Sabine?

Sabine ergue a cabeça, seus cabelos brancos brilham na noite. — Eu sei mais do que muitos, mas as minhas respostas não são aquelas que você gostaria. — ela finalmente diz.

— Eu estava com medo disso. — eu suspiro. — Você sabe que horas Dare chegou a casa hoje à noite?

Sabine me olha com curiosidade. — Eu não estava prestando muita atenção. Ele foi até a cidade para comprar flores para a mãe dele. Tenho certeza que ele passou um tempo nas criptas esta noite. Ele normalmente faz, criança. Você não é a única que sofreu uma perda, você sabe.

Eu sei.

— Existe algo que eu deveria saber sobre a mãe dele? — eu sussurro, olhando para a velha senhora, implorando-lhe. — Eu sinto que existe.

Sabine para de se mover e sua mão enrugada detém na porta. — Use o sentido que Deus lhe deu. Você tem instintos por uma razão, todos nós temos. Ouça-os. E não seja pega no escritório de Eleanor novamente.

Com isso, a velha se foi e eu estou sozinha no escritório de arrepiar. O próprio ar aqui parece como Eleanor, pesado, severo, com aroma de orquídeas. É enjoativo e desagradável, muito parecido com a própria Eleanor.

Corro para sair. Quando estou no caminho pelo corredor, tenho a necessidade imperiosa de me virar, e quando eu faço, quase espero que Eleanor esteja lá, me observando.

Mas é claro que ninguém está lá.

Whitley está me afetando.

Corro para o meu quarto, mas quando eu chego lá, eu ouço vozes vindas de dentro.

A voz de Finn.

Minha imaginação desencadeou-se, e eu mergulho dentro do meu quarto para encontrar o meu irmão se debatendo, murmurando palavras que eu não consigo entender.

Ele olha para mim, seus olhos selvagens e azuis, e afundo ao lado dele.

— Finn. Respire. Você pode respirar, você está bem. Eu estou bem. Você está bem. Tudo ficará bem.

— Não. — ele murmura. — Não, não, não.

— Venha aqui. — eu tento convencê-lo. — Você está bem. Finn, você está bem.

Finn se senta e seus olhos estão vidrados, uma expressão louca neles. Ele não está na realidade agora, isso é evidente.

— Um por um por um. — ele murmura, virando-se para olhar para fora da janela. — Você ouviu isso, Cal? São eles. Um por um. Eu sou um, você é um, ele é um.

— Quem é *ele*, Finn? — eu pergunto, cedendo a ele.

— Ele. — Finn diz, impaciente. — Aquele com os olhos pretos, Cal. Você sabe quem. Um por um por um. Os dados foram lançados. Foram lançados, foram lançados.

— Você está bem, Finn. — digo-lhe suavemente. — Você está bem. Estou aqui.

Você está morto, e eu estou imaginando você.

Eu posso controlar meus pensamentos.

Mas eu não posso.

Porque eu imagino Finn indo embora, e

Ele ainda está aqui debatendo no chão.

Ele murmura por mais algum tempo e depois se enrola, com a cabeça no meu colo. Eu acaricio suas costas e seus ombros, tentando acalmá-lo. É estranho como facilmente posso lembrar o que seus braços me fazem sentir, a facilidade com que eu posso imaginar mesmo agora.

— Seus olhos são pretos, Cal. Seus olhos são pretos.

Finn deixa seu rosto rolar para o lado, e suas mãos apertam na frente, tão forte que os nós dos dedos ficam brancos.

— Ele é perigoso, Cal. Seus olhos são pretos. Preto, preto, preto.

Ele está olhando e eu sigo seu olhar, e eu estou assustada ao encontrar Dare de pé à nossa porta, olhando para nós.

Olhando-*me*, porque Finn não está aqui realmente.

Ele é perigoso, Cal.

Dare tem os olhos tão escuros, que com a luz certa, eles realmente são pretos.

— Sinto muito. — ele se desculpa, recuando. — Está tudo bem? Precisa de alguma coisa?

Eu balanço minha cabeça, ele vai embora e estou cambaleando.

Seus olhos são pretos, Cal. Ele é perigoso.

Suponho que ele seja.

É por isso que eu me senti tão desconfortável, como se ele estivesse escondendo alguma coisa.

Ele é perigoso.

Mas por quê?

Tudo o que sei é que, quando ele se inclinou contra a minha porta, uma coisa me veio à cabeça.

Ele é uma arma, armado para a destruição.

E se eu não tomar cuidado, a destruição será a minha.

Capítulo Treze

Eu observo Finn caminhar pacificamente em torno da lagoa que faz fronteira com a parte de trás dos jardins, e eu reflito sobre o quão completamente diferente ele está hoje, comparado com ontem à noite.

Na noite passada, ele estava desesperado, louco.

Hoje, ele está pacífico e calmo.

Como mágica.

Você pensaria que uma vez que eu estou imaginando-o, eu poderia controlar suas ações, mas, aparentemente, como sempre, ele faz o que quer.

— Está tudo bem fingir que seu irmão ainda está aqui.

Surpresa, viro para encontrar Sabine se aproximando por trás. De alguma forma, ela sempre parece mover-se silenciosamente através das salas de Whitley e aparece quando menos espero.

— Como você sabe? — eu pergunto, meu rosto corando de vergonha. Só um louco faria algo assim, mas Sabine não está agindo como se eu fosse louca. Ela é calma, ela é quieta, ela é respeitosa.

— Contanto que você saiba a diferença entre a realidade e os seus pensamentos, está tudo bem. — ela diz-me tranquilamente, como se ela fosse uma convidada à mesa de chá do Coelho Branco[6].

Eu engulo em seco, porque eu sou o coelho.

— Ele está em paz agora, você sabe. — Sabine me diz, sentando-se ao meu lado. — Demônios perseguiam aquele menino. Não fazem isso agora.

Eu sugo uma respiração, olhando para a velha. — Como você sabe disso?

Ela encolhe os ombros. — Eu sei coisas.

Eu engulo em seco. Sinto que ela sabe *coisas.* Tantas coisas estão em seus olhos, tantas verdades. Isso me assusta um pouco.

— Ele começou a ver as coisas quando estávamos no jardim de infância. — eu digo a ela em voz baixa, as minhas memórias amargam na minha boca. — Ele via demônios. Ele os viu durante anos. Ele está medicado agora. Quer dizer, antes de morrer. Às vezes, ele se esquecia de tomá-los...

Sabine acena com a cabeça e eu sei que ela entende. De alguma forma.

— É bom para você estar aqui. — ela diz-me, séria. — Longe da morte. Sua mãe pensaria assim também.

Eu olho para ela rapidamente. — Você acha?

— Sim. — responde Sabine. — Eu a conhecia bem. Ela gostaria que você se concentrasse em si mesma aqui, sem inalar a morte no ar. Seria bom para qualquer um. Nós absorvemos a energia que está ao nosso redor, sabe. A energia nunca vai embora. Apenas vai de coisa, para coisa, para coisa.

Isso realmente faz sentido. Na verdade, é um fato científico. A lei da conservação da energia afirma que a energia não pode ser criada ou destruída, só pode mudar de forma. Aqui fora da casa, a energia é calma e pacífica.

Eu definitivamente devia absorver um pouco disso.

— Onde você acha que está o meu irmão? — eu pergunto, hesitante. — Se a energia não pode ser destruída, quero dizer.

Sabine cruza os braços. — Você o carrega com você. — ela diz, confiante.

Eu mexo com os meus dedos. — Eu sei. Eu... sim. Mas onde é que você *realmente* acha que ele está?

Sabine olha para longe, muito longe à distância, e quando ela responde, é lenta e segura.

— Eu tenho muitas crenças, Calla. E eu não tenho certeza que você queira ouvir todas elas. Só sei que você não está sozinha. Você nunca está sozinha.

Eu não tenho certeza se isso é reconfortante, na verdade.

Mas ela já está mudando de assunto.

— Eu sou uma especialista em ervas, Srta. Price. Eu aprendi com a minha mãe, que aprendeu com a mãe dela, que aprendeu com a dela e assim por diante. Posso dar-lhe um chá para ajudar com o seu sono. Eu gostaria de ter conhecido o seu irmão. Tenho a sensação de que eu poderia ter ajudado, também.

Eu imediatamente balanço a cabeça. — Eu acho que não. Suas ervas poderiam interagir com os remédios dele. Ele tomava alguns medicamentos muito fortes. Ele tinha alguns dias bem loucos.

Por outro lado, eu deveria falar.

— Nunca se sabe. — Sabine me diz. — Mas saiba disso. Você não deve tratar seu irmão como 'louco'. Pessoas como ele, as pessoas que sofrem desse tipo de aflição, as mentes delas são abertas; elas não veem as coisas como deveriam ser, elas veem as coisas como elas *são*.

Estou confusa agora, e um pouco perplexa. — Então você está dizendo que os demônios que meu irmão via eram reais?

Mesmo que eu possa ouvir o humor e condescendência na minha voz, eu tenho que verificar isso. No mínimo, Sabine é mais velha e eu preciso respeitar isso. Ela encolhe os ombros.

— Talvez. Quem somos nós para dizer?

— As pessoas como Finn são mais inclinadas a confiar em sua intuição. — Sabine continua. — Elas são muito intuitivas. Você deveria adotar essa prática.

Minha cabeça vira e ela ri. — Sem querer ofender, é claro.

— É claro. — murmuro.

Por alguma razão, quando a brisa sopra através dos gramados, a minha atenção se volta para o horizonte, onde eu sei que há um solitário mausoléu estabelecido, esquecido pelas pessoas de dentro de Whitley.

— Como é que o meu avô morreu? — eu pergunto sem rodeios, mudando de assunto, enquanto penso sobre o túmulo solitário. Sabine não se abala.

— Ele teve um acidente de carro na chuva.

— E o meu tio?

Ela olha para mim, seu olhar escuro inabalável. — Ele também teve um acidente de carro.

— Na chuva?

— Não está sempre chovendo aqui? — Sabine responde a uma pergunta com uma pergunta. Eu suspiro.

— Isso é uma grande coincidência. Pai e filho ambos mortos em acidentes de carro.

Sabine dá de ombros novamente, sem se preocupar com isso.

— O universo tem um jeito engraçado de trabalhar, Srta. Price.

— O que você quer dizer com isso?

A velha senhora olha para o horizonte, vendo coisas que eu não consigo.

— O universo cuida das iniquidades, de pessoas que erraram, de injustiças que o mundo não pode endireitar. Foi isso que eu quis dizer.

Eu expiro, minha respiração um pouco trêmula. — Isso é tudo? Isso é uma crença. Parece que você está dizendo que as pessoas podem ser amaldiçoadas pelo universo.

— É exatamente isso o que estou dizendo. — ela reconhece. — É verdade. Sinto muito se você fica assustada com isso.

— Eu não estou assustada. —admito. — Eu só não acho que me inscrevi para essa crença em particular.

Sabine sorri agora, e a única coisa que eu tenho medo é do seu sorriso grotesco. Não é nada agradável.

— Certamente você já reparou coisas injustas. — ressalta. — Crescer da maneira que você cresceu. Eu tenho certeza que você já viu mortes que não eram justas. Natimortos, crianças, mães e pais jovens... você não imaginava o que aconteceu para desencadear aquilo?

Encaro-a pasma. — A vida não é justa, Sabine. — eu digo a ela com firmeza. — Só isso. As pessoas nem sempre merecem o que lhes acontece. Nem de longe.

Eu penso sobre meu irmão, e os demônios que o perseguem. — *Nem de longe.*

Sabine é imperturbável. — Há momentos em que pagamos por pecados que não são nossos. — ela afirma. — É o jeito que o universo sempre foi.

Reflito sobre isso por um minuto, sobre o meu pai dócil e minha mãe gentil. Não há nenhuma possibilidade que qualquer um deles possa ter cometido um pecado ruim o suficiente para que Finn pagasse por ele. Eu balanço minha cabeça, finalmente, para sinalizar a minha descrença. Sabine sorri levemente.

— Pegue Adair por exemplo. — ela me instrui. — Esse menino nunca fez nada de errado. No entanto, seus pais morreram. Seu pai morreu de câncer, em seguida, sua mãe se casou novamente com Dickie Savage. Dickie não era um bom homem, e a infância de Dare não foi também. Dickie morreu, depois Olivia, e Dare foi deixado sozinho. Você acha que ele mereceu algo disso?

Eu balanço minha cabeça lentamente. — Eu não sei. Eu não sei o que ele merece.

— Use sua intuição, Calla. — Sabine instrui, e eu não posso deixar de lembrar da vulnerabilidade no rosto de Dare, na noite em que o encontrei tocando piano ao luar. Eu não posso evitar, exceto visualizar o rosto *que eu amo.*

— Não. — eu admito. — Eu não acho que ele mereceu essas coisas. — *como é que alguém poderia merecer essas coisas?*

— Às vezes, o filho tem que pagar pelos pecados do pai. Ou da mãe. — Sabine acrescenta.

Esse pensamento me faz hesitar, a injustiça disso. — Isso não parece justo. — eu digo a ela, pegando uma flor do canteiro ao meu lado.

— A vida não é justa. — Sabine responde. — Essa é a primeira lição difícil. — ela esmaga a flor que está segurando em sua mão retorcida, então deixa cair as pétalas emaranhadas no chão, aos meus pés. — Não se esqueça.

Ela vai embora quando Finn se aproxima de mim, o interesse em seus olhos imaginários.

— O que ela estava dizendo para você? — ele pergunta enquanto senta no lugar desocupado por ela. Eu balanço a minha cabeça.

— Nada importante. — eu minto. — Ela é uma estranha, Finn. Eu não sei o que pensar sobre ela.

— Nem eu. — ele responde. — Ela meio que me assusta um pouco.

Isto, vindo do garoto que vê demônios.

— Mamãe confiava nela. — ele oferece. — Talvez você devesse, também.

Concordo com a cabeça em silêncio. Talvez.

— Ela disse que você tem boa intuição. — digo a ele. — Então o que é que seu instinto diz sobre ela?

Ele sorri para mim. — Ah, então ela vê a minha sabedoria? — ele fecha os olhos e finge pensar, com a testa enrugada. — Eu acho que... ela é estranha. E eu retenho o direito de reservar o julgamento até mais tarde.

— Desculpa esfarrapada. — eu acuso.

Ele sorri mais amplamente. — É o meu direito. Eu sou o único sábio, aparentemente.

Eu reviro meus olhos. — Deus nos ajude.

Nós vamos para dentro, para um almoço tranquilo, o qual, nem Eleanor, nem Dare juntam-se a nós. A sala de jantar está

totalmente silenciosa, exceto para os meus sons de mastigação e porcelana e prata raspando.

— Você acha que é estranho nunca vermos Eleanor? — pergunto ao Finn quando terminamos.

Ele dá de ombros. — Eu não me importo de um jeito ou de outro. Para ser honesto, eu fico meio feliz por não estar lá com você. Eu não quero lidar com Eleanor.

— Puxa, obrigada.

Mas eu entendo.

Eu não o culpo.

Desta vez, eu nem acho que é uma coisa de gêmeos. Tenho certeza que todos devem sentir o mesmo por Eleanor.

Antes de dormir, eu tento ligar para o meu pai, e minha chamada não pôde ser completada. Aparentemente, não tem nenhum sinal.

— Talvez eu possa ir à cidade amanhã e tentar. — digo quando pego meu pijama para me trocar no banheiro.

Finn me encara comicamente. — Ou você pode simplesmente ligar do telefone da casa.

Eu enrugo meu rosto. — Eu não sei por que, mas eu me sinto estranha sobre isso. Como se alguém estivesse escutando. Sempre.

— Todo mundo está errado. — ele anuncia de repente. — Você é a única louca, Cal. Não eu. Por que as pessoas ouviriam seus telefonemas?

— Eu não sei. — eu tenho que admitir. — Eu sinto como se estivessem. Eu não posso evitar o que sinto.

— Não, você não pode. Mas você pode evitar como você processa esses sentimentos. — ele me diz solícito. — Confie em mim, você não quer ser louca, Calla.

Sem dizer mais nada, saio para colocar meu pijama. Quando eu volto, ele já está enrolado em um lado da minha cama grande. Está silencioso, agora que ele ficará comigo enquanto durmo. Ele sabe que eu não gosto de ficar aqui sozinha. Este lugar enorme faz-me sentir pequena.

Mesmo que meu pai ainda não tenha respondido nenhuma das minhas cartas, escrevo novamente.

Escrevo até que não posso mais segurar meus olhos abertos, mas mesmo que eu esteja exausta, meu sono não é reparador.

Sonhos sobre Finn me consomem. Seu rosto, seus braços magros e pernas quando ele corre de alguma coisa. Com horror, eu percebo que ele está fugindo de *mim.*

— Você não entende. — ele grita por cima do ombro, correndo em direção aos penhascos. Esses são os penhascos de casa?

— O que eu não entendo? — eu grito de volta, a chuva forte no meu rosto, encharcando minhas roupas.

— Como é ser eu! — sua voz é rouca e racha sob o seu grito. Ele derrapa para baixo da montanha, e de repente Dare está com ele, e eles estão correndo juntos, uma frente unificada, ambos se unindo contra mim.

— Fique aí! — Dare grita para mim. — Você só está tornando pior.

— Tornando o que pior?

— Tudo. — ele me diz, o seu belo rosto sério. — Basta ficar longe. É a melhor coisa que você pode fazer. Você será a nossa ruína.

— O fim é o começo, Calla. — Finn adiciona. — Por Favor. Vá. Volte, volte.

— Voltar para onde? — eu grito. — Casa? Eu quero, mas eu não posso. Não sem você, Finn.

Isso é um sonho?

As cores são reais, a voz de Finn é alta e o rosto de Dare é bonito.

— O começo. — Finn grita. — O fim é o começo. Você não entende?

Sento-me ereta na cama, ofegante, minhas mãos apertando os lençóis.

Finn está morto. Ele não está sobre os penhascos e nem eu.

Estamos seguros.

Não estamos?

Eu não tenho mais tanta certeza. Um enorme sentimento de inquietação me rodeia, e dormir é impossível pelo resto da noite.

Quando eu vou para a minha caminhada matinal, eu encontro com Sabine mais uma vez. Parece que ela está sempre perto.

— Você já encontrou o jardim secreto? — ela pergunta.

Isso chama a minha atenção. — Jardim secreto?

Ela sorri. — É no final do caminho que conduz aos estábulos, alguns hectares da casa. Pegue uma bicicleta e encontre-o. É delimitado por uma cerca de pedra, e você vai se sentir sozinha lá, eu prometo. É escondido da casa.

Parece algo saído de um livro de histórias, e eu faço exatamente o que ela diz. Eu pego uma bicicleta no estábulo e sigo a trilha.

Ela termina exatamente como ela descreveu, com um jardim rodeado por uma cerca de pedra, muito alto para ver por cima. Ele tem um portão de madeira e eu abro-o sem hesitação, as dobradiças rangendo.

Uma vez que eu estou dentro, fico impressionada e congelada, olhando ao redor.

O jardim é ao mesmo tempo natural e cultivado, paisagístico e cheio de mato. Cheio de cores vibrantes e cheiros, é uma joia escondida atrás de paredes, absolutamente lindo.

— O que... — eu respiro. Eu não posso imaginar quem cuida dele. Quem consegue fazer isso parecer tão natural, mas ainda tão perfeito?

Há um gazebo fechado com pilares de pedra e vários anjos grandes de pedra. Eles parecem guardar o perímetro, observando com olhos cegos. Eles me assustam um pouco, mas isso pode ser devido ao fato de que eles tem mais de dois metros e meio de altura.

Bancos estão espalhados aqui e ali, e pequenas lagoas. Pássaros gorjeiam, grilos trilam e os sons da água me embalam para a calma. É a perfeição.

— Eu vejo que você encontrou o meu santuário.

A voz é profunda, e antes mesmo de eu virar, eu sei de quem ela é.

Dare.

— Isso é seu? — eu pergunto, bem consciente de que existia muito antes dele nascer. Ele provavelmente foi criado pela minha mãe.

— É agora. — ele dá de ombros. — Eu sou a única pessoa que vem aqui. Até hoje, pelo menos.

— Você não parece o tipo de cara jardineiro. — eu observo, olhando para sua calça sob medida e camisa com decote em V. O canto da sua boca se inclina para cima e a brisa bagunça seu cabelo escuro.

— Talvez não. Mas eu sou um tipo particular de cara. E este lugar é assim. Além disso, é o único lugar em toda esta propriedade que não parece assustador.

Eu não posso discutir isso. Parece como a única e pequena luz solar em um dia nublado perpetuamente. E por mais que tenha vindo à procura de solidão, eu tenho que ser honesta e admitir para mim mesmo que eu não me importo de compartilhá-lo com Dare. Mesmo que eu devesse estar afastando-o.

— Você tem um emprego? — pergunto de repente, quando me ocorre a ideia de que ele está passeando em um jardim às dez da manhã. Ele sorri agora, um sorriso completo, que se espalha através do seu rosto. É tão brilhante como o sol e eu me deleito com ele.

— Depende da sua definição. Você não sabe que o trabalho está abaixo dos Savages?

— Mas você não é um Savage. — saliento hesitante. Ele é sensível a esse respeito?

Ele sorri de novo, autêntico e perplexo. — Não, eu não sou. Mas você é. Você terá que se acostumar com simplesmente ter dinheiro, e fingir fazer coisas que valem a pena.

— Eu quero *fazer* coisas que valem a pena, e não apenas fingir. — digo categoricamente.

Ele olha para mim antes de deslizar graciosamente sobre um banco.

— Eu acredito em você. — ele oferece.

Sinto-me estranha de pé, enquanto ele está tão casualmente sentado. Minha presença não deve afetá-lo como a sua faz comigo.

— O que você faz o dia todo aqui? — eu pergunto, inquieta com o silêncio. Ele olha para mim.

— Eu preencho o meu tempo com isso ou aquilo. Faz muito tempo desde que estive aqui sem você. Para dizer a verdade, comparando com os meus velhos costumes, acho que estou em desvantagem.

— Seus velhos costumes?

Sua boca contrai. — Nos velhos tempos, alguém não me perguntaria *o que* eu faço todos os dias, eles me perguntariam com *quem.*

Senhor, tenha piedade.

— Eu não precisava saber disso. — de fato, o conhecimento deixa-me um pouco enjoada.

Seu lábio contrai novamente. — Você disse que não queria segredos. Eu acho que uma conversa normal, te fará bem. Eu não costumava ser agradável. Mas, então, *você* aconteceu.

— E agora?

— Eu ainda não sou legal, mas eu *sou* com você.

— Eu sinto falta de você. — eu sussurro sem rodeios, porque oh meu Deus, eu sinto. Sinto falta de tudo sobre ele. Eu sinto falta do seu cheiro, sinto falta dos seus braços, eu sinto falta do SEJA LIVRE tatuado nas suas costas. Sinto falta de tudo sobre ele.

Com um movimento hábil, ele mergulha a cabeça e antes mesmo de eu saber, sua boca está na minha. Seus lábios são firmes, porém suaves, e ele tem gosto de hortelã. Eu exalo em sua boca, quase um suspiro, e ele agarra minhas costas.

E, em seguida, abruptamente, ele me libera.

— Também sinto sua falta.

Eu inalo uma respiração instável, lutando contra o desejo de levantar os dedos na minha boca, para sentir onde seus lábios tinham acabado de estar.

— Por que você fez isso? — eu sussurro, não reclamando, mas tão, tão confusa.

Na verdade, há confusão em seus olhos, também.

— Porque não importa o que, eu me recuso a deixar você ir.

E então ele me deixa sozinha no jardim.

Capítulo Catorze

Eu fico no jardim, sozinha por um longo tempo.

Na verdade, a tarde começou a passar lentamente para a noite, o horizonte vermelho e laranja e âmbar, antes de finalmente voltar para a casa, com a minha cabeça um pouco clara e meu coração leve.

Meus dedos passam sobre os meus lábios, a memória do beijo de Dare ainda fresca.

O jardim lavou a sensação de peso que normalmente carrego, o pressentimento e o medo. Por agora, neste momento, quando eu penso em Dare, tudo que eu penso é *quero.*

Eu o quero.

Independentemente das consequências.

O que quer que sejam essas eventuais consequências.

A sensação é de curta duração, no entanto.

O estranho homem sai à minha frente no caminho, ainda vestindo calça cinza e um casaco de capuz, o capuz ainda puxado firmemente em torno de seu rosto.

Minha respiração tremula e faço uma pausa nas pedras, parte de mim querendo correr e parte de mim querendo persegui-lo.

Eu devo ser louca, porque eu não tenho medo, mesmo que eu sou uma mulher caminhando sozinha e ele claramente não deveria estar aqui.

Algo sobre ele parece solitário e triste,

E eu entendo isso.

Ele é um filho de um zelador, talvez?

Ele permanece no caminho, esperando, e eu sinto que ele quer que eu o siga.

— Quem é você? — eu digo, dando um passo.

Ele vira o rosto, lento... lento... lento.... e só quando eu acho que vou vê-lo, que eu verei o rosto dele, ele para. Sua identidade é apenas fora de vista, assim como ele quer que seja.

Ele quer jogar um jogo.

Ele se vira, apressando-se pelo caminho.

Mas quando eu fico para trás, ele espera.

Ele quer que eu o siga.

Ele dá um passo, e assim eu faço. Em seguida, tomo outro, depois outro.

Estou com uma magnífica curiosidade, maior do que eu já senti, e eu sou obrigada a segui-lo mesmo contra o meu juízo lógico, para jogar este jogo e ver onde ele me leva.

Névoa flutua através do caminho, escondendo as pernas, mas então ele está dentro da casa, desaparecendo em corredores. Eu chamo-lhe para parar, mas ele não faz.

Ele vira em um corredor.

Eu sigo.

Ele vira novamente, em seguida, novamente.

Por fim, ele está na frente da porta do quarto de Sabine. Ele a enfrenta, com a testa quase repousando sobre a madeira.

E, em seguida, assim quando eu o alcanço, ele se foi.

Eu fico perplexa e confusa, sozinha na frente da porta de Sabine.

O homem era tão real como eu sou, mas ainda assim ele simplesmente não está aqui.

Estou *loucaloucalouca.*

Eu respiro fundo, porque uma coisa é certa em minha mente louca. Real ou não real, ele queria me chamar para a porta de Sabine.

Mas por quê?

Eu bato, com a intenção de descobrir.

— Entre. — a velha fala.

Estou hesitante e com medo. Mas a minha necessidade de saber supera o meu medo.

Entro em seus aposentos para encontrar Sabine debruçada sobre uma mesa. Ela está se concentrando, absorvida, com algo em suas mãos.

Sabine se endireita agora, e eu vejo o que ela está segurando.

Cartas de tarô.

— Ele não vai te machucar. — diz ela, sem se preocupar com a minha ira. — Pelo menos não agora. Você terá que confiar em mim.

Ela o viu, também?

— Eu não confio em você. — eu respondo. — Eu não conheço você.

Minha mãe confiava nela. E essa é a diferença. Ela resmunga, mas não responde.

— Quem era ele? — pergunto, dando um passo para dentro do quarto.

Sabine balança a cabeça e volta a sua atenção para as cartas na mesa. — A juventude é desperdiçada nos jovens. — ela declara antes de cantarolar uma canção desafinada. Ela coloca outra carta para baixo, depois outra. — Use seus instintos, criança. Isso é o que Deus deu a você.

Meus instintos não estão falando no momento, *e por que não tenho medo?*

Não faz qualquer sentido, e assim eu olho para a mesa.

As cartas de tarô são de ouro, brilhando a luz pela janela. Os números sobre as cartas são desenhados em cores ricas, vermelhos escuros, azuis e verdes. Eles parecem tão místicos, tão poderosos e proibidos. Apesar de tudo, estou intrigada.

A carta que ela está segurando é um cavaleiro, e ele parece estar se preparando para engolir um punhado de espadas. Sabine percebe meu olhar.

— O Quatro de Espadas. — ela me diz, sem olhar para cima. — Ele significa descanso após um período de luta, estresse ou dor.

Ela estabelece outra carta para baixo, metade escondendo o Quatro de Espadas. — Este é o Seis de Espadas. — explica ela, ainda não olhando para mim. — Ele simboliza saindo de águas tempestuosas para dias mais calmos. Se alguém passou por tempos difíceis, esta carta significa que as coisas vão, muito em breve, melhorar para ele, que a harmonia em breve será restaurada.

— Cartas de quem que você está lendo? — eu pergunto a ela, tentando não parecer muito interessada. — Sua?

Ela balança a cabeça uma vez. — Do seu irmão.

Eu puxo uma respiração. — Finn?

Ela acena com a cabeça, sem responder, examinando o conjunto de cartas na frente dela.

— Ele está morto. Qual é o ponto?

Ela me ignora, ainda examinando as cartas como se eu não tivesse falado.

Eu espero pacientemente, contando minha respiração, até que ela finalmente olha para cima.

— Valete de Copas. A água é o elemento do seu irmão. Ele tem a vulnerabilidade de uma criança, e ele confia como uma criança também. Ele é bom de coração, atencioso, amável. Ele também é artístico e criativo. Ele é muito intuitivo, mas as críticas, o esmaga. Ele não tem muitos amigos, porque ele não é bem compreendido pelos outros. Isso soa como ele?

Apenas completamente.

Concordo com a cabeça. — Sim. Um pouco. — Sabine acena com conhecimento de causa, e estabelece uma última carta para baixo. Ela olha para ela, então sorri.

— Estas são boas. — ela me diz, aparentemente satisfeita. — Eu gosto destas cartas para o seu irmão.

— Mas... ele está morto. — eu digo a ela de novo, tão tão tão confuso. — Ele se foi.

— Senhor, criança. — Sabine exclama, sacudindo a cabeça velha. — Nós já não conversamos sobre isso? A energia realmente nunca se foi.

— A energia aqui em Whitley me assusta. — eu digo a ela, hesitante. — É escuro e há algo aqui que eu...

Sabine olha para cima, com os olhos pensativos. — E você o quê?

Eu olho para longe. — Eu não sei. Eu me sinto nervosa aqui. Inquieta.

— Você fez bem em vir aqui. — ela finalmente responde. — É a única maneira.

— A única maneira para quê?

Eu acho que eu tenho medo de saber a resposta.

— Você terá que responder a isso. — Sabine diz sabiamente. — Você é a pessoa que saberá.

Mais uma vez eu sinto como se tivesse caído em um buraco de coelho, e eu não tenho certeza de quem é a louca, Sabine ou eu.

Agora, porém, a minha aposta está em Sabine.

— Sente-se. — ela me diz. — Eu vou ler suas cartas.

— Isso não é necessário. — eu digo a ela, recuando. — Realmente.

Ela olha para mim sem dizer nada, até que eu finalmente suspiro e afundo em um assento, uma cadeira em frente a ela. Pode ser um monte de porcaria, mas não vai doer nada.

Provavelmente.

Ela embaralha as cartas, em seguida, as oferece a mim. — Tire uma.

Eu faço, e ela divide o baralho onde eu toquei.

Uma por uma, ela metodicamente coloca as cartas em forma de cruz.

— O Três de Espadas. — murmura. — Isso significa que você está separada de alguém que você ama.

— Minha mãe e Finn. — eu aceno. Ela murmura.

— Sim. Mas você está separada de alguém que você ama, e é uma separação autoimposta. Você não tem que fazer isso, mas você fez de qualquer maneira. Curioso.

Dare. Sua perda é tão dolorosa.

Ela coloca o nariz de volta as cartas.

— O Seis de Paus. — ela olha para cima. — Os frutos do seu trabalho serão recompensados de alguma forma. Seus esforços serão bem sucedidos.

— Meus esforços com o quê?

Ela não responde. Ela já foi para a próxima carta.

— Humm, interessante. — ela espia a carta em sua mão, em seguida, olha para mim. — O Nove de Copas. É por vezes referida como a carta de compras. Algo que você deseja lhe trará satisfação.

— O que eu desejo? — eu pergunto silenciosamente. Há uma coisa que eu desejo mais do que qualquer outra coisa, Finn ainda estar vivo. E suas malditas cartas não podem me ajudar com isso.

Um pequeno sorriso dança em seus lábios.

— As cartas não me dizem isso. Isso você quem sabe.

Ela pega a próxima carta.

— Ah, por esta eu podia esperar. A Alta Sacerdotisa. Ela simboliza a dualidade de forças, a lua e as estrelas. A Alta Sacerdotisa pode acessar a psique e o consciente, ela pode desafiar as leis naturais. Mas ela também representa o mistério e segredos.

— E o que isso significa em nossa língua? — eu pergunto silenciosamente.

— Isso significa que você e Finn são metades de um todo. Isso também significa que você não conhece a si mesma, no entanto, que você tem muitas partes. O resto você deve descobrir por conta própria.

Eu suspiro.

Eu sinto seu olhar em mim. — Esta é interessante. Os Amantes.

Minha cabeça se encaixa. — E isso significa?

Sabine olha de volta à mesa. — É autoexplicativo.

Calor libera em minhas bochechas e eu bato minha mão contra a minha perna. — Isso deve ser um erro.

— Eu não cometo erros. — ela responde. — Tenha cuidado com ele, criança. Ele é um bom menino, mas ele será a sua ruína.

Um flash de fogo branco quente assola minhas entranhas em surpresa. *Ele será minha ruína?* Tão excessivamente dramático.

— Eu não sei de quem você está falando. — eu nego, sabendo muito bem o que ela quer dizer. Ela olha para mim, mas por um segundo.

— Claro que sim. — ela murmura, mas ela não diz mais nada, porque sua atenção já está na última carta, e eu só consigo um breve olhar sobre um crânio preto antes que ela muito rapidamente a vire.

— O que foi isso? — pergunto com curiosidade, mas quando eu olho para a expressão dela, meu estômago afunda. Ela não parece atingida de forma positiva.

— Não é nada.

Mas foi definitivamente *alguma coisa.* A velha calma está visivelmente abalada quando ela limpa as cartas e as endireita em uma pilha antes de colocá-las em uma gaveta.

— Volte na próxima semana. — ela sugere, com a voz fina. — Nós vamos lê-las novamente, criança. Sua sorte pode mudar.

Ela soa quase com esperança de que irá.

Curioso.

Deixo Sabine no quarto dela e volto para o meu próprio. Iniciando o meu laptop, eu não posso deixar de fazer uma pesquisa por cartas de tarô, para que eu possa descobrir o que essa última carta misteriosa significava.

É apenas uma questão de minutos antes de eu encontrar uma carta semelhante, um mudo com um crânio escuro em uma capa preta.

Meu coração acelera quando eu leio o significado.

É a carta da Morte.

Capítulo Quinze

Há milhões de relógios.

Eles cobrem todas as paredes e eles estão todos tictactictactictac. Eu tapo os ouvidos e giro ao redor, tentando fugir do tique-taque, tentando fugir de todas as mãos, minutos e segundos. Mas não há nenhuma porta. Não há nenhuma saída. Eu não sei onde estou, eu só sei que o tempo é meu inimigo e os relógios estão me provocando.

E, em seguida, os relógios, todos, se transformam no rosto de Dare. Seu sorriso está zombando de mim e ele é replicado um milhão de vezes, e em seguida, há a voz.

— Pergunte-me, Calla Lily.

— Eu não posso. — digo a ele. — Estou com medo.

— Não tenha medo de mim. — ele responde. — Eu não sou o inimigo. O tempo é.

— Como saio? — pergunto-lhe, correndo de um canto para o outro.

— Você é a única que sabe. — ele ri. — Que pergunta boba.

Seu riso ecoa e eu acordo em um sobressalto.

Demora um minuto para digerir o sonho, para chegar a termos com o fato de que de alguma forma, eu estava fugindo do tempo.

Que estranho.

Eu não consigo voltar a dormir, então eu me visto cedo e vou para a sala de jantar, para o café da manhã. Espero encontrá-la vazia, por isso sou desagradavelmente surpreendida ao descobrir que Eleanor já está lá.

Ela acena para mim da cabeceira da mesa.

— Bom dia. — eu digo a ela educadamente quando me sento.

— É? — ela passa manteiga no seu croissant. Eu não estou surpresa. Honestamente, eu não esperaria nada menos de Eleanor do que seu questionamento sobre o quão bom um dia será, antes mesmo de começar.

Antes que eu possa pensar em uma boa resposta, a voz de Dare enche a sala.

— Bom dia. — ele tem uma voz de barítono. Eu engulo, antes de responder.

— É?

Eu mantenho a diversão na minha, e Dare levanta uma sobrancelha quando se senta na minha frente, no lugar designado a ele por Eleanor.

— Talvez seja. — ele me diz. — Quem sabe?

Quando eu olho para ele agora, eu não vejo apenas seu maxilar esculpido e rosto bonito. Vejo o fruto proibido. Alguém que eu amo, mas alguém que eu sei que não deveria... por razões desconhecidas.

Esse menino será a sua ruína.

Senhor, tenha piedade. Eu dou uma mordida na fruta, tentando não pensar em como ele esteve em meus sonhos recentemente. Ninguém precisa saber disso, além de mim.

Ele toma um gole de café e Eleanor nos surpreende quando se dirige a ele.

— Você tem montado ultimamente, Adair?

Dare desvia lentamente o olhar para ela, muito obviamente relutante.

— Não, isso nunca foi a minha atividade preferida. Por quê?

Ela olha para baixo, seu nariz de desaprovação para ele.

— Sua mãe gostava que você montasse.

Dare engole seu café e fixa seu olhar escuro sombrio sobre a matriarca Savage.

— Não, *Richard* gostava que eu montasse. Minha mãe gostava de agradá-lo.

Ele soa desgostoso com isso e com o meu tio também. Isso deixa os meus pensamentos em espiral. O que exatamente Richard fez com ele?

— Bem, de qualquer forma. Eu sei que Calla não sabe montar, e eu gostaria que você a ensinasse. Jovens senhoras educadas devem ter essa habilidade.

Eu praticamente engoli toda a minha uva.

— Não será necessário. — eu engasgo. — Eu não preciso aprender.

— Claro que precisa. — Eleanor contraria, e eu posso ver que não haverá nenhuma discussão.

Ela se levanta e empurra a cadeira para trás, e a conversa acabou. Claramente, eu vou aprender a montar e Finn não vai, porque é assim que Eleanor quer.

O que Eleanor quer, Eleanor consegue.

Isso é algo que eu estou aprendendo severamente e rápido.

Dare olha para mim, humor em seus lábios e eu não consigo decidir o que ele acha engraçado. Que eu tenha que passar tempo com ele, ou que seja controlada por Eleanor, assim como todos os outros.

— Nós podemos muito bem começar esta manhã. — ele oferece, dando uma mordida na torrada com geleia. Ele inadvertidamente suja um pouco o lábio, e uma parte pequena de mim quer limpá-lo, mas eu resisto, é claro, porque ele é um idiota.

— Tudo bem. — eu digo, em vez disso, conseguindo parecer aborrecida e irritada.

Porque eu estou.

Eu não vou deixá-lo me afetar. Eu não vou.

É algo que ainda estou repetindo para mim quando Dare me ajuda na sela inglesa 30 minutos depois. Minha bunda está desajeitadamente enfiada em seu rosto e não há nada refinado sobre mim quando eu despenco na sela. Não tem cabresto para agarrar, então estou sem a menor cerimônia estranha conforme me esforço para me endireitar.

— A coisa mais importante é ter equilíbrio. — Dare me olha em dúvida quando me esparramo em cima do animal enorme. — Aperte levemente o cavalo com suas coxas. Finja que sou eu, Cal.

Calor me atravessa e eu olho para longe, tentando não me lembrar de qual era a sensação de estar com ele, tê-lo pairando sobre mim à noite.

Meu estômago vibra e o lábio de Dare contrai, como se ele soubesse exatamente o que estou pensando.

— Mantenha as rédeas constantes, não muito frouxas. — ele continua. — Sente-se ereta. Não fique nervosa, ou o seu cavalo vai sentir. O nome do seu cavalo é Júpiter Many Moons. Nós o chamamos de Júpiter, por razões óbvias. Ele é manso e não vai derrubá-la. Perguntas?

Dare não espera, ele enfia os calcanhares nas laterais do seu cavalo e eles decolam em um trote rápido. Ou o que eu acho que chama trote.

E eu sou deixada na minha versão do inferno.

— Eu não gosto de montar! — eu grito para ele, mas ele não responde. Eu tenho uma visão das suas costas, e mesmo que eu esteja irritada, eu tenho que me maravilhar com o jeito que ele fica à vontade na sela. Ele não se parece com um cowboy. Ele parece um cavalheiro refinado, como se você pudesse colocar uma vara de polo na mão dele e que ficaria perfeitamente confortável.

Ele faz uma pausa em seu cavalo com um baixo *whoa* e se vira para mim.

— Para parar, puxe as rédeas e diga whoa.

— Entendi.

Eu aperto as rédeas com força. — Você usa camisetas aqui alguma vez, ou você sempre está arrumado? — porque ele está vestindo uma camisa polo com colarinho agora. E por mais que pareça fantástico, eu só me pergunto se ele se sente em casa aqui em algum momento, do jeito que ele parecia se sentir em Astoria.

Ele sorri. — Eleanor diria que está abaixo de nós.

— Mas você não se importa com o que Eleanor pensa. — eu aponto. — Isso é óbvio.

— Eu estou aqui agora, não estou? — sua sobrancelha escura está levantada, e mesmo que eu não possa contrariar, eu gostaria de poder. Uma parte de mim, no fundo, gostaria que ele estivesse aqui, porque ele queria estar.

— Você pode não gostar de equitação, mas você é bom nisso.

Sem perceber, eu me abro completamente para Dare e sorrio.

— Você sabe que eu sou bom em montar tudo.

Ele diz *tudo* da maneira mais provocante que já ouvi e ele faz isso de propósito, para conseguir uma reação minha. Eu engulo em seco.

— Eu tenho certeza que você não tem reclamações. — é tudo o que eu digo e ele olha para mim.

— Sobre a noite passada... — ele começa e eu reviro os meus olhos.

— Eu tenho certeza que você tem que começar muitas conversas com essas palavras. — eu interrompo.

Ele sorri novamente.

— Talvez. Mas, falando sério, eu peço desculpas. Não foi um bom comportamento. Você não estava pronta para me beijar de novo, e eu não deveria ter forçado.

Que coisa britânica de dizer. Alguma coisa sobre isso, e seu sotaque, faz meu coração dar cambalhotas.

— Eu gostei. — admito tranquilamente, e as palavras saem antes que eu possa retirá-las ou escondê-las.

Ele fica claramente satisfeito com a minha resposta, então eu acrescento: — Mas isso não muda nada. Eu ainda preciso de espaço.

Mesmo que eu te queira mais do que nunca.

Seu rosto nubla e ficamos em silêncio. Finalmente, eu não aguento mais e pergunto a primeira coisa que consigo pensar.

— Você gosta daqui? — pergunto conforme guiamos nossos cavalos para o caminho tranquilo fora da estrada. Seus cascos trotam nos paralelepípedos, e eu decido que eu sou muito boa nisso.

— Não. — sua resposta é imediata e curta. — Você?

— Não. — eu suspiro.

— Você devia se acostumar. É de onde você é. — é tudo o que ele oferece.

Eu suspiro novamente.

— Você não gosta de montar, não é? — ele pergunta agora, mais educado do que interessado.

Eu balanço a minha cabeça. — Não. Eu me sinto mal pelo cavalo. Por que ele deveria ter que me carregar por aí?

Dare ri, então se inclina para frente, enfiando seus calcanhares em seu cavalo. — Você não pode pesar mais do que cinquenta e cinco quilos. Ele nem deve te notar, tenho certeza. Mas siga-me.

Ele trota adiante, em seguida, começa um galope lento. Meu cavalo faz o mesmo, e eu seguro com tudo, meu coração disparado por causa da emoção. Dare me leva de volta para os estábulos.

— Nós vamos montar algo um pouco mais divertido.

Eu fico olhando para ele em confusão quando desmonto e entrego as rédeas para o cavalariço.

Meus olhos se arregalam quando sigo Dare para a garagem, e paramos na frente de uma motocicleta preta elegante. Eu devia ter adivinhado que ele tem uma moto aqui.

Mas a zona rural inglesa está molhada e as estradas são cheias de curvas, e eu estou hesitante.

— Você sabe quantas pessoas passaram pela funerária do meu pai por causa de acidentes de moto?

E eu teria que envolver o meu corpo no seu, te segurando firme.

Eu não posso.

Eu não posso.

Eu me viro e começo a me afastar, mas Dare agarra o meu cotovelo.

— Vamos, Calla. Você tem que viver um pouco.

— Isso é exatamente o que eu estou tentando fazer. — eu digo a ele quando viro de volta. — Eu não viverei por muito tempo na traseira dessa coisa.

Mas ele dá seu maldito sorriso *Desafie-me*, e eu sei que sou um caso perdido. Isso inicia um incêndio na minha barriga porque é real. É como se eu pudesse ver um pouquinho do seu antigo eu brilhando, e eu não consigo resistir. Ele vê isso no meu rosto e sorri ainda mais.

— Você precisa de um capacete. Há um extra naquele armário.

Ele aponta para a parede, e eu pego o capacete, e coloco-o com os dedos trêmulos.

Estamos rugindo estrada abaixo, alguns minutos depois, e eu estou com os meus braços ao redor do corpo forte de Dare.

Em questão de segundos, eu decidi que isso é o Céu.

Eu tinha esquecido o quanto é bom.

Eu descanso minha bochecha no seu ombro, e nós voamos pelos portões de Whitley.

O vento bate nas minhas bochechas, o assento vibra debaixo de mim e as costas de Dare flexionam enquanto equilibra a moto. Eu nunca me senti tão animada em toda a minha vida.

A paisagem que nos rodeia é linda, repleta de flores em meio a todo o verde, e eu assisto-a borrar, conforme andamos mais e mais rápido. Eu nem mesmo sinto medo, e eu sei que posso atribuir essa sensação de bem-estar ao Dare. Ele é um especialista em montar essa coisa, e eu estou segura atrás dele, mesmo nas estradas molhadas e sinuosas.

Porém, não vamos muito longe, antes dele desacelerar a moto, e nós entrarmos em uma estrada de cascalho que conduz a uma lagoa. É remoto, é quieto, e eu não tenho ideia do que estamos fazendo.

Então eu pergunto.

Dare oferece sua mão e me ajuda a descer da moto.

— Você vai viver.

Eu arqueio uma sobrancelha hesitante.

— Eu estou vivendo agora. — digo a ele.

Ele balança a cabeça. — Não de verdade. Venha.

Por uma razão que eu não posso explicar, eu de bom grado o sigo, independentemente da minha hesitação, e do jeito que o meu lado cauteloso está levantando bandeiras vermelhas para a esquerda e direita.

Dare para na beira da lagoa e desabotoa a calça.

Eu congelo no lugar quando a calça cai em torno de seus pés e ele sai delas. Seus músculos formam linhas em forma de V, que desaparecem em sua cueca. Eu sei onde elas levam. Eu olho para longe, minhas bochechas coradas.

Ele imediatamente retira sua camisa, joga-a na beira, então fica de pé na minha frente com uma boxer preta.

Meu coração ricocheteia no meu peito e eu não posso deixar de olhar.

O abdômen dele forma estrias individuais, definidas e fortes. Seus bíceps incham e, então, misturam-se com a magreza do seu braço, e eu tenho uma vontade súbita de traçar tudo isso com os dedos, como fiz antes, uma centena de vezes, assim, fecho as minhas mãos em punhos.

— O que você está fazendo? — eu luto com as palavras, mas finalmente consigo.

— Nadando.

Ele vira e se dirige para a água sem vacilar com a sua temperatura fria. Eu chupo uma respiração porque ele fez aquela tatuagem desgraçada nas costas, abrangendo as suas omoplatas. Palavras pretas onde se lê: SEJA LIVRE.

Eu sou um caso perdido. A merda de um caso perdido.

— Há uma piscina em Whitley. — eu falo. — E eu acho que é aquecida.

Dare ri e mergulha sob a água, voltando logo em seguida, balançando as gotas do seu cabelo.

— Não é tão divertido.

— Por que isso é divertido? — eu tenho que perguntar. Porque a água está fria, tem insetos, há lama.

Dare olha para mim comicamente. — Porque nós estamos invadindo. Esta propriedade não é nossa.

Isso me surpreende e me faz hesitar.

— Os proprietários não sabem que você está aqui?

— Não. — Dare responde, despreocupado, nadando de costas, para longe de mim, sem tirar os olhos do meu rosto. — Isso assusta você, minha pequena seguidora-de-regras?

Sua pequena seguidora-de-regras.

— Mais uma vez, pergunto: — a minha voz oscila um pouco. — Por que, de repente, você está sendo tão bom?

Ele dá de ombros, seu ombro nu e brilhando na luz. — Porque você é minha, Calla. Você só precisa se lembrar disso. Agora vamos nadar.

— Eu não tenho roupa de banho.

— Você não precisa de uma.

Eu rebato e ele defende.

Toda a minha vida, eu tenho sido uma seguidora de regras. Eu faço o que se espera, eu cuidei do meu irmão. Talvez... apenas talvez....

Antes que eu possa mudar de ideia, eu estou puxando minha camisa sobre a minha cabeça e empurrando as calças para baixo. Sem olhar para Dare, e com o meu rosto explodindo em chamas vermelho tomate, eu o sigo para a água de calcinha e sutiã.

Está frio o suficiente para tirar o fôlego, ou o que pode ser apenas minha alegria em quebrar as regras. Eu não posso ter certeza.

— Você já veio aqui antes? — eu puxo um fôlego, batendo os dentes enquanto vou à direção de Dare.

Ele balança a cabeça. — Muitas vezes. — eu não quero perguntar quem mais ele trouxe com ele.

— E os proprietários nunca pegaram você?

Ele sorri. — Oh, eles me pegaram. Mas eu não posso ser domado.

Eu rio disso, com o jeito prático que ele falou.

Eu começo a acostumar com a temperatura fria e meus dentes param de bater.

Dare nada para frente e para trás algumas vezes, então caminha pela água enquanto me observa. Curiosamente, e,

provavelmente, porque a água mantém meu corpo escondido, eu não fico inibida.

— Eu acho que você é uma rebelde enclausurada. — Dare anuncia. Eu tenho que rir disso.

— Dificilmente. — eu admito. — Eu estou apavorada agora, que os donos da propriedade nos encontrem e chamem a polícia.

— Primeiro, nós os chamamos de tiras[7] aqui. — Dare explica com uma risadinha. — E segundo, você não parece entender o poder do seu nome ainda. Savages podem fazer o que desejam por aqui.

— Mas você não se considera um Savage. — eu lembro-o quando caminho pela água. Algo semelhante ao calor inunda os seus olhos, e sua boca inclina-se em um sorriso torto que estou começando a amar. Quando ele não está sorrindo, eu espero que ele apareça, como uma viciada esperando por uma dose.

— Eu fico sob o mesmo guarda-chuva, no entanto. — ele me diz. — Pelo menos, para as pessoas de fora, olhando para dentro.

— Você sabia que fala em enigmas? — pergunto aborrecida. Ele mergulha sem responder, e dentro de dois segundos, ele agarra meu tornozelo, me puxando para baixo com ele.

Luto e contorço, mas ele me puxa para baixo, para baixo, para baixo, e então eu estou contra o seu corpo duro e molhado e, de repente, eu não quero lutar mais. Eu não quero afastá-lo.

Não por um longo momento.

Seu corpo é forte e magro, frio e quente. É muito forte, e eu estou presa contra ele, divertindo com ele, absorvendo-o. Ele é definido e muscular, força e graça.

Ele está se movendo contra mim, seus quadris, suas mãos.

Seus dedos deslizam com fluidez contra a minha pele, criando atrito, mesmo sob a água.

Estou pegando fogo.

O calor se espalha dos meus braços, para as pernas, para a minha barriga.

É um fogo selvagem, e de repente eu tenho certeza de que ele é a única coisa que pode me mostrar.

Juntos, flutuamos à superfície, ainda entrelaçados. Nós rompemos e eu tomo um fôlego e Dare está olhando nos meus olhos.

Há uma tensão aqui, mas não do tipo ruim. É do tipo que te inflama, do tipo que intoxica, do tipo que uma vez que você experimenta, você vai implorar pelo resto da sua vida.

Eu esqueci que seria cuidadosa, que eu iria rejeitá-lo em todos os níveis.

Tudo que eu lembro, tudo o que posso focar, é o quão *viva* Dare DuBray está me fazendo sentir neste momento, o quão viva ele *sempre* me faz sentir.

Para uma garota que foi cercada pela morte toda a vida, esta é uma grande coisa.

— Eu estou com um pouco de medo de você. — eu digo honestamente, e Dare ainda está com os braços ao meu redor. Nossos movimentos na água pausam, nossas pernas esfregando, o atrito ainda está lá.

Quente,

Quente,

Mais Quente.

Dare sorri, mas não há humor.

— Bom.

— Por quê?

Minha honestidade me faz parecer inocente, mas eu não sei como jogar o jogo. Eu não tenho nenhuma experiência com o sexo oposto.

— Porque isso faz você sentir alguma coisa.

Mas ele é hesitante e agora olha para longe. Há algo que ele quer dizer, está equilibrado na ponta da língua, mas ele engole.

— O que é? — pergunto baixinho. — Apenas me diga.

Ele quer, eu posso dizer. Seus segredos estão matando-o. Ele só quer ser normal, ele está apenas atuando.

Eu não sei por que sinto que eu sei disso. Só está lá, de repente, descansando em meu coração.

— Você não tem que ser alguém que você não é. — murmuro baixinho. Seus olhos escuros vão para os meus rapidamente, e ele puxa as mãos. Há algo em seus olhos agora, algo reservado, e nossa tarde calma chega ao fim.

— O que faz você pensar que estou? — ele estala. — Fingindo ser algo que não sou, eu quero dizer.

Eu, de alguma forma o chateei, e eu não respondo, porque eu não sei o que dizer.

— Eu não estou sendo alguém que eu não sou, Calla. — ele diz friamente quando anda a passos largos na água. — Eu estou sendo quem você precisa que eu seja. Ambos experimentamos a perda. Você simplesmente não consegue lidar com a sua.

Fico atordoada porque ele é normalmente tão paciente, e eu estou toda molhada.

— Nós não temos toalhas. — é tudo o que ele diz quando eu o sigo. Minha roupa absorve a água e é um passeio muito frio de volta para casa.

Dare não diz outra palavra e eu o deixo na garagem.

Eu não o vejo no jantar, e eu não o vejo o resto da noite.

Mas quando estava deitada na cama por volta da meia-noite, eu vejo o carro sair da garagem.

Eu não o vejo voltar para casa, e eu fico acordada metade da noite esperando.

Eu não tenho nenhuma ideia para onde ele vai quando ele sai.

De alguma forma, eu acho que ele quer que seja assim.

Há uma bifurcação na estrada e mesmo que eu a veja, não posso evitá-la.

Uma estrada vai para a esquerda, uma vai para a direita, e nenhuma das duas acaba bem.

Eu sinto isso nos meus ossos,

Nos meus ossos,

Nos meus ossos.

Eu canto uma canção sem sentido, e ela canta de volta. As notas ecoam e torcem no ar, e eu as engulo inteiras.

— Saiam. — eu grito atrás de mim, porque eu sei que eles estão lá.

Eu não posso vê-los, mas eles estão sempre observando.

Olhos aparecem, vermelho sangue, e eles piscam uma vez, duas, três vezes.

— Eu posso ver você. — eu anuncio e há um grunhido e então sou esmagada sob o escuro, sob o peso, sob a opressão.

— Você não me assusta. — eu minto.

Há selvageria aqui, não há graça.

Mas, acima de tudo, não há esquecimento e não importa o que eu faço, eu serei sugada para isso.

Eu sei disso.

Eu sinto isso.

Eu sou louca.

E não importa.

Eu sou o coelhocoelhocoelho e eu nunca serei livre.

Capítulo Dezesseis

Por alguma razão que eu não posso explicar, estou segurando a respiração, esperando para ver se Dare vem para jantar.

Ele vem.

Vestido com calça preta, sapatos pretos brilhantes e uma camisa bege suave. Ele se move em silêncio do outro lado da sala, senta-se em seu assento, e coloca o guardanapo no colo.

Eu olho para o meu prato, lembrando a maneira como suas mãos me tocaram ontem, a maneira que eu queria, o jeito que eu não consigo esquecer como ele me faz sentir.

Minhas bochechas coram e eu dou uma garfada. Ambos estão olhando para mim, ou pelo menos parece assim.

— O peixe está delicioso. — eu finalmente ofereço, sem olhar para cima.

Acho que ouço Dare sorrir. Meu desconforto provavelmente o diverte.

— Adair.

O tom de Eleanor faz parecer que ela comeu apenas um caqui.

— Sim?

Eu olho para Dare e é fácil ver que ele não pode esconder seu desprezo.

— Toque para nós.

Ela o comanda como um macaco, como se fosse esperado que ele saltasse quando ela acena, e é claro que ele é. Todos nós somos.

Elegantemente, sem dizer uma palavra, ele caminha para o piano no canto. Sentado no banco, ele graciosamente faz como foi mandado.

A canção que ele toca tem algo de triste e escuro, o que é perfeito, porque esse é o estado de espírito em que estou. As notas acariciam meu rosto, brincam com o meu cabelo e depois caem molemente para o chão quando ele acaba, depois que ele arranca cada uma delas das teclas.

Eu assisto as mãos dele e não posso evitar, exceto lembrar de ontem, a forma como estas mesmas mãos fortes roçaram meu corpo molhado, traçando minhas curvas. Eu não posso evitar, exceto lembrar como eu deixei que ele me tocasse, como me rendi a ele.

Eu sei que não teria resistido se ele quisesse mais.

Mas, então, ele não quis.

Sinto-me como se eu fosse um cordeiro, e ele, um lobo. Mas, ao mesmo tempo, eu sinto que ele não quer ser. Ele está enjaulado, quando deve ser selvagem, e eu acho que ele não sabe o que fazer sobre isso.

A sala fica em silêncio enquanto ouvimos a sua canção, e eu estou mais carregada emocionalmente a cada minuto. Meu passado jorra em cima de mim, meu presente, meu futuro. Nenhum deles parece bom e, em seguida, a música para e minhas emoções pausam.

Dare empurra o banco para trás, e caminha diretamente na minha direção. Meu coração martela quando ele se inclina, seus lábios perto o suficiente para acariciar o meu pescoço.

Lembro-me daqueles lábios. A forma como eles são suaves, mas firmes. O jeito que eles têm gosto de hortelã.

— Você cheira a maçãs. — seu sussurro é baixo. Eu fecho meus olhos por um segundo escasso, porque uma maçã é o que destruiu o Éden.

Abro os olhos.

— Desculpe-me, eu fui rude mais cedo. Isso é tão difícil para mim.

Eu sei.

Deus, eu sei.

— Encontre-me no jardim esta noite e eu vou te compensar. Meia-noite.

Eu olho para ele e estou corajosa, mas minha coragem vai me fazer ser devorada. Ele querendo, ou não, ele é um lobo.

E eu sou um cordeiro.

Dare sai, porque ele não se importa com o que qualquer um pensa.

Dare faz o que quer.

Ele vive livre.

Meia-noite vem rapidamente.

Eu abro o portão e caminho para dento, entre os lírios da noite, prímulas e flores da noite. Este jardim está repleto de coisas que são vibrantes durante o dia e opulentas à noite. É um pequeno pedaço do paraíso no meio de um lugar assustador, e minha mãe o amava. E eu também.

— Ei.

Ele já está aqui, e permanece nas sombras, tão em casa no meio da noite.

Isso me lembra de algo que meu irmão escreveu no seu diário.

Nocte liber sum. À noite, eu sou livre.

Sou livre aqui com Dare?

— Ei. — eu respondo, elogiando-me internamente pela minha eloquência. — Você chegou cedo.

— Eu queria estar pronto.

Sua voz é aveludada, e me envolve como um cobertor.

— O que você quer comigo, Dare? — pergunto para ele honestamente, porque, no momento, eu não sei. Ele é quente e frio, um quebra-cabeça diferente e eu não posso encaixá-lo.

— Eu não posso mais fazer isso, Calla. É muito difícil te ver, ficar longe de você... — sua voz falha. — Nós já passamos por tanta coisa. Não faça isso com a gente agora.

— Então, novamente, eu lhe pergunto, o que você quer de mim? — minhas palavras são simples, e eu não sei o que estou fazendo.

Como sempre.

— Essa é uma pergunta carregada. — ele diz quando me aproximo e ele observa o meu corpo enquanto eu me movo. Eu engulo em seco, porque sua expressão é pesada e escura, e é para mim.

Ele está olhando para mim como se quisesse me comer, e eu sou lembrada mais uma vez que ele é um lobo.

— Então me dê uma resposta carregada. — eu sugiro, e as minhas palavras me surpreendem *e ao* Dare.

O que estou fazendo?

O que estou fazendo?

Seus olhos se arregalam, então estreitam.

Dare praticamente rosna quando me puxa para ele, e ele é duro contra o meu corpo. Eu suspiro em sua boca e ele geme.

Sensações borram e o pensamento consciente cessa.

Consequências que se danem.

Meu Senhor.

A língua de Dare saqueia a minha e eu nunca me senti tão sexualmente invadida na minha vida. Deus, eu senti falta disso. Eu senti falta dele.

Muita,

Muita,

Muita.

É como se todas as terminações nervosas do meu corpo explodissem, como se eu estivesse em pé no fogo, como se eu fosse o próprio fogo. Sou minério, magma, lava. Estou derretida, eu sou o sol.

Ele me acendeu.

Suas mãos agarram-me, grandes e fortes e espalhadas nas minhas costas, e eu de alguma forma, sinto que sou equilibrada em suas mãos, como se ele estivesse me segurando firme.

Talvez ele esteja.

Talvez sempre esteve.

Minha cabeça cai para trás e ele desliza os lábios ao longo do meu pescoço, acariciando a pele macia, inalando meu cheiro.

— Você cheira a maçãs. — ele diz-me novamente, sua voz rouca no meu ouvido. Sinto-me urgente e apressada e desesperada, mesmo que sua voz seja calma, controlada. Eu não sei como ele está conseguindo.

Eu recuo para perguntar, minha mão em seu peito duro, e de repente o mundo gira.

Fragmentos, aromas, sons... tantas coisas rodam juntas na minha cabeça e eu não estou mais vivendo no presente.

Estou no passado,

E o passado é uma prisão.

Meus olhos fecham confusos porque eu não posso suportar as sensações esmagadoras, e mesmo que eu ouça a voz de Dare, me perguntando se eu estou bem, eu não consigo responder.

Porque eu o vejo.

Não na minha frente, ao luar, mas na minha cabeça.

Ele é real, e ele é familiar, e ele é meu.

Seu rosto está contorcido com dor, e ele está tentando me dizer algo, mas eu não quero ouvir. Ele está sangrando, ele está escuro, ele está quebrado.

Ele não deveria estar lá.

Minhas memórias estão erradas.

Mas eu não consigo encontrar as certas.

— *Calla, você está bem?* — ele pergunta com lábios sangrentos e seus dentes são vermelhos.

Não posso me mover,

Eu não posso pensar.

Ele agarra-me para ele e grita,

E o grito se transforma em um rugido,

E o rugido é o oceano.

— *Socorro!* — Dare grita, mas eu acho que poderia ter sido eu.

Eu fecho o meu coração, e ele abre os seus lábios, e as palavras caem, e eu balanço minha cabeça.

Porque Finn está na praia e ele está morto.

E Dare fez alguma coisa, alguma coisa, alguma coisa.

O medo cresce e constrói e toma conta de mim, me cobrindo nas sombras.

Esse menino será a sua ruína, Sabine sussurra. Ele vai quebrarvocêquebrarvocêquebrarvocê.

Na minha cabeça, sangue respinga e alguém grita e eu empurro Dare agora, tentando recuperar o fôlego.

Ele está aqui,

e ele está bem.

Ele está bem.

Ele olha para mim, nervoso, hesitante em se aproximar.

— Está tudo bem, Calla? — suas palavras britânicas são cortadas, e seus olhos estão preocupados. Ele estende a mão como se estivesse acalmando um potro perturbado, e eu estou perturbada. Essa é a única coisa que me descreve.

Porque nada disso aconteceu.

Nada disso é real.

Exceto pelo fato de que meu irmão está morto.

A náusea bate de repente, em uma onda assustadora.

Eu giro de modo que ele não possa ver, e vomito no meio dos arbustos.

Humilhação me preenche, mas não tanto quanto o enjoo.

Mais e mais, o meu estômago se rebela, e eu o sinto atrás de mim, tentando me acalmar.

— Vá. — eu digo a ele sobre o meu ombro, totalmente envergonhada.

— Não. — ele responde com firmeza. — Talvez você tenha uma intoxicação alimentar. Devemos ir ver Sabine.

A resposta dele para tudo.

Mas de alguma forma, eu sinto como se ela estivesse causando isso. Eu nunca me senti assim, até que a conheci. Essas coisas nunca me aconteceram antes.

— Não, não Sabine. — eu falo irritada, limpando minha boca e afastando. — Eu estou bem. Eu prometo.

Eu estou mentindo. Eu não estou bem.

Mas ele não pode saber disso.

Eu giro e fujo, correndo para a casa, fugindo de Dare. Ele me deixa ir, surpreendentemente. Eu olho por cima do meu ombro, quando estou pulando para fora dos portões do jardim, e ele está de pé hesitante, observando-me com uma expressão estranha.

Eu não abrando até chegar a casa.

Eu arrasto para dentro do meu quarto e quando eu faço isso, imagino Finn me esperando na cadeira ao lado da janela, sentado no escuro.

Porque é isso o que ele faria se estivesse aqui.

Ele acende a lâmpada.

Se ele fosse real.

— Onde você estava? — ele pergunta calmamente, o julgamento em seus olhos azuis pálidos.

— Fora. — digo a ele. — Não me sinto bem.

— Aconteceu alguma coisa? — ele pergunta, inclinando a cabeça. — Ele fez alguma coisa para você?

Aborrecimento me enche. — Por que você assumiria que ele fez alguma coisa? — eu exijo, puxando minha camisola para fora de uma gaveta da cômoda. — Você está imaginando coisas. Eu só não me sinto bem.

Ele olha para mim com ar de dúvida. — *Eu estou* imaginando coisas? Cal, isso está ficando perigoso. Eu não sei o que você está fazendo, mas não é bom.

Eu exalo uma respiração instável, odiando a forma como os meus pulmões parecem doentes.

— Eu não quero você aqui esta noite. — eu respondo. E ele vai embora imediatamente, a cadeira vaga e escura, e eu estou sozinha.

Eu viro as costas, indo direto para o banheiro para me trocar.

Eu não sei o que há de errado comigo.

Tudo o que sei é, alguma coisa está acontecendo comigo, algo que eu não entendo. Algo que eu não quero.

Eu deixo a água correr por um longo tempo, espirrando no meu rosto, me esfriando.

Isso não ajuda, e meus sonhos também não.

Eu agito e viro na minha cama, incapaz de acordar, mesmo que eu queira. Minha respiração acelera e eu sinto que estou bem à beira de... alguma coisa.

Dare sussurra. — Continue. Você está quase lá. Você pode fazer isso.

Eu não sei se posso.

Estou flutuando em um oceano de insanidade. Está logo à minha frente, tão perto que eu posso tocá-lo. Mas mesmo que ele brilhe e cintile, ele tem presas reluzentes e eu sei que vai me destruir.

— Estou com medo. — eu sussurro, agarrando as mãos de Dare.

— Você devia estar. — ele responde e suas palavras me perfuram. — Mas está tudo bem. Estou aqui. Você não está sozinha, Cal.

Mas eu sinto como se estivesse.

Estou sozinha.

Eu estou flutuando em um oceano escuro e as mentiras me cercam.

— Socorro! — eu grito, mas ninguém está lá, nem mesmo Dare.

— Finn! — grito. — Por Favor!

Ninguém responde.

Ninguém vem.

Fui abandonada, e eu nunca serei encontrada.

Capítulo Dezessete

— Temos que sediar um evento no final da semana para a Savage Inc. Eu quero que você esteja lá. Eu acho que ficar entre as pessoas pode ser bom para você. — Eleanor olha para baixo, o nariz para mim, e eu contorço sob seu olhar. — Isso é tudo.

Concordo com a cabeça e luto com os meus pés, em direção à porta.

— Ah, e mais uma coisa.

Esperamos.

— Vista-se adequadamente. O evento será formal.

Ah, perfeito.

Corro para fora e quando estou no final do corredor, Finn está esperando por mim.

— Sinto muito sobre a noite passada. O que você faz não é problema meu.

Mas seus olhos ainda estão feridos e isso me faz sentir horrível.

— Não, eu sinto muito. — digo a ele. — Você estava apenas sendo gentil e eu estava sendo uma cadela. Eu não estava me sentindo bem, mas isso não é desculpa. Sinto muito, Finn.

Ele balança a cabeça e tudo é perdoado, porque ele me perdoa com muita facilidade. — Você está se sentindo melhor agora?

Concordo com a cabeça. Porque eu estou e eu não tenho ideia do que estava errado comigo ontem à noite.

— Eu estava, até que ouvi que temos que participar de alguma festa formal com a bruxa má.

— Aham.

Nós giramos para encontrar Eleanor atrás de nós. Seu rosto está impassível, apesar do fato de que ela me ouviu chamá-la de bruxa.

— Eu queria dizer-lhe que Jones irá levá-la para Londres para tirar medidas para um vestido. Com quem você está falando, Calla?

Seus olhos encontram os meus, e por um breve momento, há algo quase humano nos dela. Alguma coisa... preocupada, talvez até mesmo ferida. Mas então ela pisca e vai embora, e eu devo ter imaginado.

— Ninguém. — eu gaguejo. — Só eu mesma.

Ela está pouco convencida, eu posso dizer. Mas ela hesita antes de ir embora.

— Você parece muito com sua mãe, Calla.

Ela sai agora, sua coluna dura e sua postura completamente rígida.

— Você acha que Jones coloca uma haste no rabo dela todas as manhãs, ou que ela faz isso sozinha? — Finn bufa e eu rio dele, e o clima estranho está quebrado.

Eu não digo a ele que eu tenho que parar de pensar nele em breve.

Pensar nele não está me ajudando, isso está me puxando para o passado. É algo que eu sei, mesmo que eu não goste. Estou aqui em Whitley para ficar melhor, não regredir.

Mas eu vou abordar isso outro dia.

Não há nenhuma razão para arruinar hoje.

Depois do café da manhã, Jones me leva para Londres.

À medida que passa pelas ruas lotadas da cidade, eu me inclino para frente. — Você tem alguma sugestão sobre onde comprar roupas formais, Jones?

Estou pensando em minha conta bancária, nervosa. A última vez que verifiquei, só tinha $ 237,26 nela.

Jones encontra o meu olhar no espelho retrovisor.

— Tenho ordens da Sra. Savage sobre onde levá-la, Srta. Price. Ela organizou tudo e tem uma conta na loja.

Bem, isso é um alívio.

Eu me acomodo novamente no assento.

— Eu nunca tive um smoking antes. — Finn reflete. A dor me atinge, porque eu sei que ele não tem. E agora ele nunca terá a chance.

— Você ficaria incrível. — asseguro-lhe. — Todo mundo fica deslumbrante em um smoking.

A limusine desliza para uma parada no meio-fio, e Jones abre a porta para mim, com a mão estendida para me ajudar.

— Aqui está. — diz ele educadamente, apontando para a porta de uma loja chamativa. — Eu esperarei por você.

Concordo com a cabeça, e sou recebida na porta por mulheres em vestidos pretos de uniforme e batons vermelhos perfeitos.

— Bem-vinda, Srta. Price. — elas me dizem. — Nós estávamos esperando por você.

É um pouco esmagador como elas nos conduzem e empurram bebidas quentes em nossas mãos. Uma delas me puxa até um sofá de veludo acolchoado e me instala nele.

— Meu nome é Ginger. — ela me diz. — Eu vou trazer o vestido que a Sra. Savage encomendou para você.

Ela vira em seu salto alto e desaparece em uma sala, e eu fico surpresa. Eleanor pediu um vestido feito sob encomenda para mim? Quando diabos que ela fez isso? Quando chegamos?

Ginger retorna após um breve momento com um vestido de seda rosa recatado envolto em suas mãos.

Ela o levanta e eu olho nele.

É longo, com um decote sweetheart[8] e bainha delicada, o mais pálido dos rosas.

Eu dou de ombros. — Posso experimentá-lo?

Eu não estou muito impressionada e Ginger parece surpresa.

— É claro, senhorita. — ela me diz e me leva para um vestiário. Ela começa a despir-me e eu congelo.

— Eu posso fazer isso sozinha. — eu a dispenso.

— Você tem certeza?

— Eu venho fazendo isso toda a minha vida. — eu asseguro. *As pessoas ricas realmente deixam as pessoas vesti-las e despi-las?* Caramba. Não era nisso que eu pensei que estava me metendo.

Eu puxo o suave tecido macio, e ele me veste, encaixando como apenas algo caro consegue. É um vestido inocente e é lindo, mas para mim, ele acaba com a minha cor.

— Eu... hum.

— Posso ajudar? — Ginger fala sobre a porta. Viro a maçaneta e saio.

Ela me olha.

— Ele serve perfeitamente.

Eu não posso discutir com isso. Mas também não faz nada por mim. É um vestido para uma menina de doze anos de idade, e não complementa a minha cor.

Quando estou me virando para o espelho, tentando gostar, um tecido vermelho carmesim me chama a atenção, e eu gravito como a Terra para o Sol.

Ginger está atrás, e eu corro o cetim vermelho sob meus dedos.

— Este aqui. — eu digo, incerta. — É lindo. Posso experimentar?

Ginger hesita. — Este vestido... ele foi feito para outra pessoa. — diz ela lentamente, mas quando eu estou tão obviamente desapontada, ela rapidamente acrescenta: — Mas é claro que você pode experimentá-lo. Nós sempre podemos criar outro para Sra. Aimes. Eu não quero perturbar a Sra. Savage.

Eu não a corrijo... eu não digo a ela que eu nunca diria algo ruim sobre ela para Eleanor, porque ela é tão rápida tentando manter-me feliz e eu não quero deixá-la desconfortável. É claro que ela é muito intimidada por minha avó.

Ela me ajuda a sair do vestido rosa pálido e o pendura enquanto eu coloco o vermelho.

Quando me viro, ela suga a respiração. — Srta. Price, você está deslumbrante.

E eu estou. Eu me examino no espelho em surpresa, porque há uma estranha olhando de volta. Uma mulher com curvas perfeitas e bochechas coradas, olhos brilhantes e um vestido deslumbrante. O vestido é sem alças e, embora o top esteja um pouco grande, em todos os outros lugares me abraça exatamente correto.

Eu sou uma mulher neste vestido.

Se Dare pudesse me ver neste vestido...

Ele tem que me ver neste vestido.

— Eu não teria pensado que a cor daria certo com o seu cabelo. — Ginger me diz. — Mas está perfeito.

— Posso ficar com este? — eu pergunto com esperança, e Ginger acena.

— Claro. Nós criaremos algo novo para a senhorita Aimes. Este vestido foi claramente feito para você. Vamos apertar no busto cerca de um centímetro, e servirá como uma luva.

Nós escolhemos sapatos e joias, e Finn está me esperando no carro.

— Gosto de ser extravagante. — ele decide, e ele diz isso com um sotaque britânico. Eu rio e começo a responder, mas eu vejo algo que me para, um pequeno café em uma esquina.

Um homem de cabelos escuros sentado na janela do café.

Dare.

Seu rosto é intenso, focado, e ele está olhando para o homem do outro lado da mesa dele. Ele não está feliz, longe disso, na verdade.

Eu não consigo ver o outro homem, não de forma clara, mesmo que eu estendesse meu pescoço. Eu posso ver apenas seu rosto parcialmente, o resto do corpo está escondido.

Mas ele é, com certeza, de meia-idade, talvez cinquenta e poucos anos? Cabelos escuros e a bochecha que eu posso ver parece corada, um flash vermelho escarlate de cor.

Por que eles estão chateados?

Dare deve sentir-me olhando para ele, e ele vira, os olhos escuros encontrando os meus. Há surpresa nos seus, então consternação. Eu vejo isso, eu sinto isso, e então ele olha para longe.

Ele está tentando fingir que não o vi, e eu me pergunto se eu deveria fazer o mesmo?

Mas ele não me dá a chance.

Após o jantar, enquanto Eleanor e Sabine estão engajadas em uma conversa tranquila na biblioteca, Dare se aproxima de mim com suas calças pretas e seu suéter claro de cashmere.

Ele é esmagadoramente bonito, e eu me esforço para fingir que ele não é.

— Esqueça que você me viu antes. — ele me diz, e sua voz é um pouco rígida.

— O que? — eu pergunto confusa, olhando para o rosto dele, ignorando o seu queixo esculpido. Ele olha para mim, tão facilmente capaz de me perturbar.

— Você não me viu na cidade. — é uma diretiva e ele fala sério.

Concordo com a cabeça, não sei mais o que fazer. Por que isso é tão importante?

— Tudo bem. — eu concordo. — Eu não vi você. O que você estava fazendo, que é tão secreto?

Ele olha para mim agora e eu quase me arrependo de perguntar, mas eu não me arrependo. O que ele *estava* fazendo?

— Você não pode saber disso agora. — ele estala, seus lábios exuberantes e seu tom feio. — Confie em mim, você não pode saber ainda.

— Por quê?

Ele faz uma pausa, em seguida, olha para mim, seus olhos sinceros e abertos e meus. — Porque você estaria perdida.

Quando ele vai embora com milhões de coisas escondidas em seus olhos, eu me pergunto se eu já estou.

Estou lendo um livro sozinha na biblioteca quando Sabine me encontra, uma xícara de chocolate quente na mão. Ela coloca ao meu lado, depois senta-se na cadeira ao lado.

— Dare está preocupado com você. — ela me diz.

— Ele disse isso? — eu pergunto em dúvida, porque ele estava muito aborrecido comigo antes. Ela balança a cabeça.

— Não. Mas eu posso ver.

Eu luto contra a vontade de revirar os olhos. — Não se preocupe com isso. Se ele estiver realmente preocupado, ele vai me dizer.

Talvez.

Mas talvez eu não saiba mais.

— Eu não sei o que ele faria. — responde Sabine. — Você o afastou. Ele não tem ideia de como alcançá-la agora.

Meu peito dói com isso, porque eu sei que é verdade.

— Eu não quero falar sobre isso. — eu respondo rigidamente.

Ela balança a cabeça e muda de assunto.

— Sua avó sabe que você mudou o seu vestido.

— Era um segredo? — pergunto surpresa. — Eu não gostei do que ela escolheu, ele ficou terrível em mim. Eu escolhi uma cor melhor.

Sabine olha para mim, humor em seus olhos velhos. — Ela não está satisfeita. — ela me diz, mas de alguma forma, parece que Sabine poderia estar.

— Você me faz lembrar a sua mãe. — ela acrescenta.

— Todo mundo fica dizendo isso. É uma coisa ruim? — pergunto, hesitante.

Ela sorri. — Não. É uma coisa boa. Tão curiosa e gentil. Espero que Whitley não a mude.

— Não vai. — eu respondo fortemente.

Sabine ergue a cabeça, mas não responde. Ela olha pela janela do outro lado do corredor, e não faz qualquer movimento para sair. Encaro-a por cima do meu livro.

— Havia algo mais?

Eu não quero ser rude, mas eu realmente quero um minuto a sós, e alguma coisa sobre essa mulher me coloca no limite. Ela conhece mais coisas do que eu... ela conhece Dare melhor, e ela pode até *me* conhecer melhor. É inquietante.

Ela vira o olhar para mim, sábio e velho, e eu luto contra a vontade de recuar.

— Devemos ler suas cartas novamente. — ela sugere. Eu recuo agora, e ela ri.

— Não é uma coisa assustadora. — ela me assegura. — Minha família tem feito isso há centenas de anos. Minha mãe, a mãe dela, a mãe da mãe dela. E assim por diante.

— Só as mulheres? — pergunto, curiosa agora. Ela balança a cabeça.

— Só as mulheres.

— Por quê?

Por que eu estou perguntando? Isso é claramente tudo loucura.

Ela não se incomoda em responder.

— Você está se sentindo bem? — ela pergunta, em vez disso. Hesito. Dare falou para ela que eu passei mal?

— Sim. — eu finalmente minto. — Perfeitamente bem.

— E dormindo? — ela continua. — Você está dormindo bem?

Não.

— Sim. — eu minto novamente. — Bem. Eu não preciso de nenhum dos seus chás.

Ela sorri novamente, seus dentes sempre grotescos.

— Não era por isso que eu estava perguntando. Se você tiver quaisquer... distúrbios, me conte.

Distúrbios?

Ela olha para mim com conhecimento de causa antes de se afastar e me pergunto o que exatamente ela sabe sobre mim, e *como ela sabe disso?*

Eu a observo desaparecer pelo corredor e não é até depois de muito tempo que ela saiu, que eu percebo que calafrios e arrepios levantaram o pelo no meu pescoço.

Eu esfrego meus braços e vou rapidamente para a segurança do meu quarto.

Ninguém pode me ver.

Eu sou invisível.

Há um lençol, sangue e água.

Há pedras, musgo e areia.

VejaMeVejaMeVejaMe.

Mas eles não veem.

Todo mundo se agita ao redor, seus rostos se transformando em borrões.

— Socorro! — eu grito.

Mas ninguém ouve.

Ninguém se importa, porque eu sou invisível.

Eu não existo mais.

Eu quero gritar e berrar para o céu, mas não adianta.

A noite é uma prisão, uma prisão, uma prisão.

Mas a manhã vai me matar.

Eu sei disso.

Eu sinto isso.

Eu estou.

Eu estou.

Eu estou.

Estou perdida.

E ninguém pode me salvar.

Capítulo Dezoito

Estou inquieta.

Muito inquieta.

Então, eu me visto com uma roupa simples, algo condizente com uma Savage para que Eleanor não possa reclamar, calça e uma blusa rosa de manga curta. Depois disso, encontro Jones lá embaixo.

— Você acha que pode me levar até a cidade? — pergunto-lhe. Sua resposta é imediata.

— É claro, senhorita.

Eu espero na frente pelo carro, e quando estamos saindo, em direção da estrada, eu tenho a sensação mais estranha... como se eu estivesse sendo observada.

O pelo no meu pescoço fica em pé, e eu viro para olhar pela janela traseira.

A cortina no andar mais alto da Whitley fecha, como se alguém estivesse de pé ali.

Como se alguém *estivesse* me observando.

Eu engulo em seco, e viro de novo.

Estou em um carro. Ninguém pode me machucar aqui.

É isso que eu digo a mim mesma, conforme nos dirigimos para a cidade.

— Onde, Srta. Price? — Jones me pergunta quando chegamos às imediações.

Eu não sei.

— Você pode me levar a algum lugar que minha mãe costumava ir? — eu pergunto, hesitante. Porque eu sinto falta dela. Eu quero me sentir perto dela, mesmo que seja apenas uma ilusão.

Jones encontra meus olhos no espelho, e os seus estão simpáticos.

— É claro. — ele me diz, sua voz áspera amolecendo um pouco. — Eu conheço exatamente o lugar.

O carro tece entre as ruas e, finalmente, para do lado de fora de uma igreja.

Com um exterior de tijolos à vista, estilo neogótico[9], a igreja emerge contra o céu nublado, de um jeito severo e imponente.

Hesito quando espio pelo vidro.

— É a Igreja de St. Thomas de Canterbury. — Jones fala. — Sua mãe costumava vir aqui com frequência.

Isso é um pouco difícil de acreditar, sabendo que ela não era católica. Digo-lhe *muito* educadamente.

— Ela *era* católica, senhorita. — ele insiste. — E ela realmente costumava vir aqui. Eu mesmo a trazia.

Eu terei que acreditar na sua palavra, e eu abro a porta do carro, saindo.

— Eu vou esperar, Srta. — ele me diz, estabelecendo-se no assento. Concordo com a cabeça e com os ombros para trás, eu ando direto para as portas.

Uma vez lá dentro, o comportamento da igreja muda, do gótico severo, para ricamente decorado, firme na linha da tradição católica.

Ela parece reverente aqui, santa e serena. E mesmo que eu não seja uma pessoa religiosa, eu gosto.

As estátuas de santos e anjos penduradas nas paredes são douradas e cheias de detalhes, incluindo o crucifixo de Cristo na

parte da frente.

Seu rosto está aflito, suas mãos e pés estão sangrando.

Eu olho para longe, porque, até hoje, é difícil para eu imaginar tal sacrifício.

— Você está aqui para confissão, criança?

Uma voz baixa vem de trás e me viro para encontrar um padre me observando. Seus olhos são gentis acima do colarinho branco, e é a primeira gentileza, verdadeira, sincera que eu encontrei desde que cheguei à Inglaterra.

Dare é gentil, mas a nossa relação é complicada.

Eleanor é rígida, Sabine é misteriosa, Jones é superficial. Todos querem algo de mim.

Esse homem, esse padre, é gentil, simplesmente por ser gentil.

Eu engulo.

— Eu não sou católica. — eu digo a ele, tentando manter minhas palavras suaves neste grande lugar. Ele sorri.

— Eu tentarei não usar isso contra você. — ele confessa, e estende a mão. Eu pego, e é quente.

— Eu sou o padre Thomas. — ele se apresenta. — E esta é a minha paróquia. Seja bem-vinda.

Mesmo as mãos são gentis, quando ele agarra as minhas, e eu me encontro imediatamente à vontade, pela primeira vez em semanas.

— Obrigada. — murmuro.

— Você gostaria de um passeio? — ele sugere, e eu aceno.

— Eu adoraria.

Ele não pergunta por que estou aqui ou o que eu quero, ele só me leva ao redor, apontando este artefato e aquele, este detalhe da arquitetura ou aquela janela de vitral. Ele conversa comigo por um longo tempo, e me faz sentir como se eu fosse a única pessoa no mundo, e que ele não tem outro lugar para estar.

Finalmente, quando ele termina, se vira para mim. — Você gostaria de se sentar?

Eu sento.

Assim, ele senta comigo, e nós estamos em silêncio por um longo tempo.

— Minha mãe costumava vir aqui, eu disse. — eu finalmente confesso. — E eu só queria me sentir como se estivesse perto dela.

O padre me estuda. — E você sente?

Meus ombros caem. — Não realmente.

— Eu estou aqui há um longo tempo. — ele diz gentilmente. — E eu acho que eu conheço a sua mãe. Laura Savage?

Fico surpresa e ele ri.

— Criança, você poderia ser o reflexo no espelho dela. — ele ri. — Não foi difícil descobrir.

— Você a conhecia? — eu respiro, e de alguma forma, eu me sinto mais perto dela, simplesmente porque ele esteve.

Ele balança a cabeça e olha para Maria. — Laura é uma bela alma. — diz ele gentilmente. — E eu posso vê-la em seus olhos. Por que ela não veio com você hoje?

— Ela se foi. — eu digo simplesmente. — Ela morreu recentemente.

Eu não menciono que a matei com um telefonema, que a culpa é minha.

Ele pisca. — Eu sinto muito. Ela está com o Senhor agora, no entanto. Ela está em paz. Ela recebeu os Últimos Sacramentos, criança?

Minha respiração me deixa. — Eu não sei. Ela não poderia, eu acho. Ela morreu em um acidente de carro. Isso é ruim?

Padre Thomas apressa-se para me tranquilizar. — Não. Nessa circunstância, é compreensível. Não tenha medo, criança. Deus, em Seu amor misericordioso não está vinculado a sacramentos. Ele abençoa seus filhos e os perdoa, e dá a vida eterna aos fiéis. Sua mãe era fiel.

Eu não quero dizer-lhe que ela não foi uma católica praticante, que eu nunca a tinha visto assistir uma missa. Apesar de que agora, o fato de que ela tinha dado a Finn um medalhão de um São Miguel faz sentido. Eu sinto isso agora, arrepiando a pele do meu peito.

— Você deve estar muito triste. — ele observa, e a maneira como seu rosto está voltado à luz me assusta, porque eu o vi antes e eu não sabia até agora.

— Você estava com Dare no café no outro dia. — eu percebo. — Você estava chateado.

Os olhos do Padre Thomas arregalam um pouco, então ele mascara sua expressão. — Não foi nada. — ele me assegurou. — Nós estávamos conversando no café. Nada para se alarmar.

Mas seus olhos contam uma história diferente.

O padre está mentindo, mas por quê?

Eu afasto a minha mão e ele percebe.

— Qual o problema, criança?

Sua conduta ainda é suave, ainda gentil, ainda convidativa, mas eu estive cercada por segredos por tanto tempo, que eu não posso aceitar isso de um homem de Deus. Falo isso para ele.

Ele está pensativo, enquanto me estuda.

— Eu entendo, Calla. Mas você tem que entender, também, que me disseram coisas em confissão. Eu dei a minha palavra, para Deus e para os membros da minha paróquia, que eu não quebrarei essas confidências.

Ele é tão gentil, e seus olhos são quentes.

— Vejo que você reza para São Miguel.

Eu ainda não tinha percebido que eu tinha puxado o medalhão da minha camiseta e estava girando-o em minhas mãos.

— Minha mãe deu ao meu irmão. Ele morreu também. Era para protegê-lo...

Padre Thomas concorda. — São Miguel irá protegê-la, Calla. Você apenas tem que confiar.

Confiar.

Isso é realmente um pouco ridículo em minhas circunstâncias atuais.

— Vamos rezar juntos, está bem? — ele sugere, e eu não discuto, porque não pode machucar.

Nossas vozes são suaves e uniformes como se elas se fundissem à luz do sol,

Na frente de Cristo no crucifixo,

e das duas Marias.

São Miguel Arcanjo, defendei-nos no combate. Seja nossa defesa contra as maldades e ciladas do demônio. Que Deus o repreenda, nós humildemente pedimos, e tu, ó Príncipe dos exércitos celestiais, pelo poder de Deus, envie para o inferno Satanás e todos os espíritos malignos que andam pelo mundo para perdição das almas. Amém.

— Você acredita no mal? — eu sussurro, quando acabamos, e por alguma razão, meus arrepios voltam. Eu sinto alguém me observando, mas quando abro os olhos, o próprio Cristo olha para mim. Do seu canto na parede, seus olhos são suaves e indulgentes, enquanto o sangue escorre dos seus pés.

— É claro. — o padre concorda. — Há o bem nesse mundo e há o mal. Eles equilibram-se mutuamente, Calla.

Realmente?

— Porque a energia não pode ser destruída? — eu sussurro. Porque ela vai de coisa para coisa para coisa?

O padre sacode a cabeça. — Eu não sei sobre energia. Eu só sei que existe o bem e o mal. E nós temos que encontrar o nosso próprio equilíbrio nisso. Você encontrará o seu.

Eu vou?

Agradeço-o e levanto e ele me abençoa.

— Volte para me ver. — ele instrui. — Eu gostei de nosso bate-papo. Se você não é católica, não posso ouvir a sua confissão, mas eu sou um bom ouvinte.

Ele é. Eu tenho que concordar.

Eu faço o meu caminho para fora da igreja, fora do silêncio puro e brilhante, e quando eu passo para o sol, eu sei que estou sendo observada.

Cada fio de cabelo na minha cabeça sente, e pica.

Viro-me, e o homem estranho está de pé na beira do pátio, do lado de fora da cerca. Ele está me observando, com as mãos nos bolsos, mas eu ainda não consigo ver seu rosto. O capuz está puxado para cima mais uma vez.

Com minha respiração na minha garganta, apresso-me pela calçada até o carro, praticamente mergulho dentro e bato a porta atrás de mim.

— Aquele cara ali de pé está lá há muito tempo? — pergunto ao Jones, sem fôlego.

— Que cara, senhorita? — ele questiona, confuso, apressando-se a olhar para fora da janela.

Eu olho também, apenas para descobrir que ele se foi.

Capítulo Dezenove

A mão de Dare se fecha sobre a minha na hora do jantar, quando estou chegando à porta da sala de jantar.

— Gostaria de dar um passeio? — ele pergunta, sua voz tão baixa e rica.

Concordo com a cabeça.

Porque, Deus, eu gostaria.

A mão de Dare está na parte inferior das minhas costas, enquanto ele me orienta para a varanda. Paramos aqui, onde as glicínias e plumerias[10] crescem, onde eu as respiro e ficamos olhando para as estrelas.

— Você se lembra de Andrômeda? — ele pergunta, e eu me lembro daquela noite em casa. Lembro-me de estar na praia e do seu discurso sobre amor eterno, mas agora, parece tão relevante.

— Lembro. — digo, e inclino-me para ele, sentindo seu calor e sua força. — E eu acredito em você. O amor é eterno.

Finn.

Minha mãe.

Eternos.

Ele olha para mim, e, em seguida, passa os dedos ao longo da minha bochecha. — Calla, você é tão amada. Você só não sabe disso agora. Por favor, não me afaste.

Eu fecho meus olhos, porque as razões pelas quais estava me afastando, de alguma forma, não parecem mais importantes. Mas ainda assim.

Porque segredos é a mesma coisa que mentiras.

E eu não posso ignorar seus segredos.

— Eu sei que você acha que minha mente é frágil. — digo a ele. — E eu acho que você pode estar certo.

Ele protesta, mas eu balanço a minha cabeça. — Não, eu sei que você acha. E isso é bom. Porque eu ainda falo com Finn, Dare. Eu ainda finjo que ele está comigo. Uma pessoa em sã consciência não faria isso.

Dare engole e segura minha mão, e não hesita.

— Elas fariam, se isso ajudasse. — ele me diz com firmeza. — Você sofreu uma grande perda, Calla. Mais do que a maioria das pessoas poderia entender. Se ajuda você fingir que Finn está aqui, então faça isso. Contanto que você saiba que está fingindo.

Concordo com a cabeça, porque eu sei, a maior parte do tempo, pelo menos quando se trata de Finn.

Mas há algo mais... algo que eu não vou mencionar.

O cara estranho com o moletom de capuz.

Porque eu não quero saber se ele é real.

— Não é justo esperar que você fique comigo quando eu estou em um estado tão desequilibrado. — murmuro, e tudo em mim quer que ele discuta, proteste, e puxe-me para perto.

Mas, para minha surpresa, ele não faz isso.

Ele apenas balança a cabeça. — Eu não quero apressá-la. — diz ele em voz baixa. — Quando estiver pronta, você saberá.

Suas palavras tocam o meu coração, mas eu as expulso.

É isso que eu pedi.

— Você ainda está desenhando aqui? — eu pergunto, tentando mudar de assunto.

Ele balança a cabeça. — Claro.

Continuamos andando, para fora dos jardins e caminho abaixo. A lua brilha em cima, iluminando os nossos passos.

— Posso ver seus desenhos?

Dare sorri. — Claro. Gostaria de um novo?

Lembro-me de posar para ele.

Quando ele me desenhou, me pintou,

esses sentimentos eram tão íntimos e familiares,

Eu não posso dizer que não.

Concordo com a cabeça. — Sim.

— Eu vou pegar meu caderno de desenho. — ele me diz. — Encontre-me na biblioteca.

Ele me deixa na porta, e eu enrolo na biblioteca e espero.

Eu espero em um assento na janela, banhada pela luz do luar.

Com a minha cabeça pressionada contra o vidro, eu olho para fora, para os estábulos, trilhas, pântanos.

Algo se move no escuro, e eu me concentro, espreitando mais de perto.

O capuz se destaca no meio da noite, o garoto dentro dele escondido.

Ele sai para as trilhas e olha para mim,

Mas ainda não posso ver seu rosto.

Eu respiro e conto,

Um,

Dois,

Três,

Quatro.

Quando eu olho de novo, ele se foi.

Ele não é real.

Claramente.

— Você está pronta?

Dare está atrás de mim, seu bloco debaixo do braço, uma cadeira na mão.

Eu tento estabilizar meus pulmões trêmulos, e aceno.

— Sim.

Porque este é real.

Dare é real.

Meus sentimentos por Dare são reais.

— Dobre as pernas debaixo de você. — ele sussurra, movendo-se para me ajudar a posar. Seus dedos são finos e fortes, frios

contra a minha pele. — Segure sua mão aqui. — ele me mostra, movendo os dedos para enquadrar a minha bochecha. — Aí. Você está perfeita.

Eu sorrio e ele me diz para olhar para a distância, olhar em direção às estrelas lá fora.

Eu faço, e me obrigo a não olhar para baixo,

Porque eu não quero ver ninguém parado lá.

A energia entre Dare e eu é intensa. Ela estala com tensão, com palavras não ditas. Eu fecho meus olhos e a sinto, deslizando sobre a minha pele, como o lápis na página.

Eu escuto o carvão roçando o papel,

Ouço as respirações superficiais de Dare, quando ele se concentra.

Olhando para ele, observo como ele empurra o cabelo dos seus olhos com uma mão impaciente,

Apressando-se para voltar para o meu desenho.

Ele desenha a minha perna,

Ele desenha o meu olho,

Ele desenha os meus lábios.

E quando ele desenha os meus lábios, eu me levanto da minha cadeira, e eu me ajoelho na frente dele.

Eu toco os seus com os dedos trêmulos.

Ele fecha os olhos, mas, em seguida, captura a minha mão com a sua.

— Não até que você esteja pronta, Calla. — diz ele, as suas palavras firmes. — Eu não posso... não apenas até que esteja pronta.

Tenho que aceitar isso porque é justo.

Eu não posso enrolar, para frente e para trás, eu não posso jogar, mesmo que seja comigo mesma.

— Tudo bem. — eu sussurro. — Me desculpe.

— Não se desculpe, Cal. — ele me diz. — Basta ficar pronta logo. Por favor.

Eu tenho que sorrir para isso, e eu examino o seu desenho.

Eu pareço triste, assombrada, quase como um fantasma, enquanto sento-me na janela, olhando para o céu.

— Eu realmente pareço com isso? — pergunto duvidosa e um pouco decepcionada.

— Você é linda. — ele me diz e acredita nisso.

Eu descanso minha bochecha contra o seu joelho.

— É horrível estar de volta aqui? Eu sei que você não gosta.

Mas ele veio aqui por mim. Isso diz alguma coisa.

Pode dizer tudo.

— Não é terrível. — ele responde. — Você está aqui.

Eu estou.

Estou aqui.

— O que aconteceu com você aqui. — eu pergunto a ele, trazendo à tona um assunto sensível. Ele hesita, mas desvia o olhar.

— Nada que você precise se preocupar.

— Mas eu me preocupo. — digo a ele. — Eu me preocupo.

Ele pega a minha mão e segura. — Não é sobre mim aqui. — diz ele, sério. — É sobre você.

Eu não gosto da resposta, mas ele caminha comigo para o meu quarto, e beija minha testa antes de me deixar.

Para minha surpresa, eu durmo. E quando eu acordo, o desenho de Dare está na minha mesa de cabeceira, mas eu não me lembro de colocá-lo lá.

Ele esteve aqui enquanto eu dormia?

Eu não ouvi.

Ele não está no café da manhã, então eu procuro por ele nos arredores. Nas trilhas, garagem, jardins. Ele está longe de ser encontrado, mas Sabine está, claro.

— Olá, criança. — ela me cumprimenta, com as mãos cheias de relva. Eu vejo como ela peneira o solo, planta e replanta e poda.

Por que todos me chamam de criança?

— Bom dia. — eu a cumprimento. — Você viu o Dare?

Ela balança a cabeça.

— Ele estava fora, andando mais cedo. — ela oferece. — Mas eu acho que o vi sair dirigindo.

Gostaria de saber aonde ele vai todos os dias.

Eu afundo de joelhos ao lado de Sabine.

— Como foi a infância dele? — eu pergunto, esperando que ela me diga o que ele não vai. — Você deve saber, porque você era a babá dele.

— Eu era. — ela concorda. — Mas Olivia era muito presente, muito envolvida. Não como Eleanor era com a sua mãe. Eleanor era desapegada. Olivia amava. A mãe dele o amava, criança, então é isso.

Mas algo está em sua voz, algo que me diz que Olivia amá-lo era a sua única coisa.

— E Richard? — eu pergunto, hesitante. Uma nuvem passa pelo rosto de Sabine.

— Richard nunca gostou de Dare. — ela responde honestamente. — Ele pensava que Dare competia pelo afeto de Olivia, o que é ridículo. Dickie era cruel com Dare, mas eu fiz o meu melhor para protegê-lo.

Meu coração dá uma pontada porque algo no tom da sua voz, revela que seu melhor não foi o suficiente.

— O que ele fez com ele? — eu pergunto, e estou honestamente com medo de saber.

Ela se vira.

— Isso não importa mais. É passado. Está acabado, e Dare já pagou pelo que fez.

Isso me alerta, fazendo minha cabeça virar de novo.

— O que você quer dizer com isso? O que Dare fez?

Ela balança a cabeça. — Está no passado. Não importa.

Mas eu sei que importa.

Vive no rosto de Dare,

Assombra os olhos dele.

Segredos são as mesmas coisas do que mentiras, e eu tenho que descobrir a sua verdade.

Deixo Sabine para trás, mas eu sinto que ela me observa enquanto vou.

Capítulo Vinte

Uma vez que eu estou em casa, luz da manhã inunda a sala de jantar, e através da janela, eu assisto Sabine passear pelos jardins, sua forma encurvada e lenta.

Ela examina algo crescente, algo viridem, *verde*, antes que ela se curve para olhar para ele. Rasgando uma folha, ela mastiga pensativa, antes de virar o olhar para o meu.

Seus olhos encontram os meus através do vidro, e então ela se afasta.

Ela sabe que vou caçar, eu percebo. E ela não vai me parar por uma razão.

Talvez ela quer que eu saiba.

Encontro-me vagando pelos corredores, ignorando o silêncio. As camareiras fingem que não me veem, e eu me dirijo para bem longe da ala com o escritório de Eleanor. Desço a ala leste, um corredor que eu ainda não havia explorado.

Imediatamente após colocar o pé no corredor, eu sinto uma calma, uma calma inexplicável. Sinto-me instantaneamente como se estivesse em outro lugar, em algum lugar remoto, em algum lugar onde não há vida. Eu nem sequer vejo nenhum empregado enquanto me movo pelos pisos de mármore polidos.

Hesito até em respirar aqui, e eu realmente não sei o porquê.

Faço uma pausa em uma grande porta dupla esculpida, e antes que eu possa pensar melhor sobre isso, eu a abro.

É o quarto de alguém. Estou de pé em uma área do quarto, no meio de cremes e beges e azuis. É como se alguém tivesse vomitado cores neutras e eu giro em um círculo, absorvendo-o.

Eu quase decido que é um quarto de hóspedes, é não vale a pena explorar, quando eu vejo a borda de uma foto na sala ao lado. Um retrato em uma moldura dourada, espessa.

Eu cruzo a soleira da porta e olho para a família na minha frente.

Dare, sua mãe e meu tio olham de volta para mim.

Dare está mais jovem, é claro. Muito mais jovem.

Ele parece ter apenas dez ou algo assim, magro e jovem, mas aqueles mesmos olhos escuros chateados da foto, assombrando e magoados. É evidente para qualquer um que olha que ele não está feliz. Ele foge, tanto quanto consegue do meu tio, embora ele permita que sua mãe coloque o braço em volta dos seus ombros. A expressão dela é suave, os olhos gentis. Pergunto-me, o que no mundo ela está fazendo com Richard?

Porque os olhos do meu tio são duros como o aço. Ele tem os olhos de Eleanor e sua postura rígida, também. Ele é imponente, ele é severo. E eu posso dizer que ele não era uma pessoa agradável.

Encontro-me dando um passo para trás, na verdade, o que é bobagem.

E quando me viro para olhar ao redor do resto do quarto, eu ainda sinto como se ele estivesse me observando, o que é bobagem também.

É tão tranquilo como as criptas aqui, e parte disso pode ser por que eu sei que dois dos três ocupantes desta suíte agora estão mortos. Vi suas alcovas no mausoléu, tracei os nomes deles sob meus dedos.

Também é evidente que Dare não ocupa mais este quarto. Ele deve ter se mudado quando seus pais morreram, com a intenção de evitar memórias.

Eu não posso dizer que o culpo.

Eu posso provar as memórias aqui no ar, e elas não são boas.

A energia não desaparece.

Há um sentimento ruim nesse quarto, embora não haja nenhuma razão tangível do porquê.

Não existem outras fotos. Os armários estão todos desprovidos de coisas pessoais, as paredes cheias apenas com uma decoração ornamental. Eu olho para dentro do armário e o encontro ainda cheio de roupas. Fileiras de ternos, vestidos e sapatos. Tudo exatamente do jeito que foram deixados. Tem uma sensação estranha, como se estivesse congelado no tempo, e viro para sair.

Mas eu sou parada por uma coisa.

Um cinto marrom pendurado em um gancho perto da porta.

Normalmente, um cinto não atrairia a minha atenção, mas este cinto está velho e surrado, e coberto de manchas marrons.

É velho e surrado em uma casa cheia de coisas extremamente refinadas.

Mas o fato de ser surrado que me intriga. Em uma casa de perfeições, coisas ricas, por que alguém como Richard manteria algo tão roto?

Eu inclino para mais perto para examiná-lo, e eu traço as manchas com a minha mão.

Eu puxo meus dedos para longe quando eu percebo o que são as manchas.

Elas são de sangue.

E eu apostaria qualquer quantia de dinheiro que o sangue é do Dare.

Eu trago uma respiração, meus dedos tremulando para o meu peito quando imagino o pequeno Dare e aqueles olhos tristes, grandes, e o homem enorme que usou um cinto tão grosso em costas tão pequenas.

Na minha cabeça, eu vejo Richard, balançando o cinto, alto e rígido, e eu vejo Dare cair de joelhos, com a cabeça baixa, sua boca bem fechada, para evitar gritar.

Ele é teimoso e ele não vai chorar, e eu não consigo parar as visões na minha cabeça.

Eu não quero imaginar isso, mas as imagens ainda vêm e eu posso ouvir uma mulher chorando. A mãe de Dare grita para Richard parar, e ele a arremessa. Ela bate na parede atrás da mesa, batendo nela com força suficiente para derrubar a foto da parede.

O quarto rodopia e as náuseas retornam e eu caio de joelhos, sugando o ar.

O que está acontecendo comigo?

Estou realmente vendo isso?

Eu fecho os meus olhos com força, tentando encontrar consolo no escuro, tentando deixar de fora o horror deste quarto.

Mas eu não consigo.

Porque Richard fez isso com Dare. Eu não estou imaginando. Ele machucava o Dare mais e mais ao longo dos anos e ninguém impedia, ninguém podia.

Eu tentei o meu melhor para protegê-lo.

Mas Sabine falhou.

Um sussurro sibila ao meu redor, vindo dos cantos, do teto, do céu. *Ele fez isso. EleFezIssoEleFezIssoEleFezIsso.*

O sussurro se transforma em um rugido e isso me oprime, e eu fecho os olhos com força para bloqueá-lo.

Quando eu os abro novamente, o quarto está escuro.

Alguém está sentado na cadeira do outro lado, meio escondido nas sombras.

— O que você está fazendo aqui? — Dare pergunta, imóvel. Suas mãos estão nas suas coxas e parece que ele está esperando.

Esperando que eu acorde.

Eu pisco para afastar o sono, tentando determinar quanto tempo eu estive aqui.

Eu luto com os meus pés e voo para os braços de Dare, surpreendendo-o com todo o meu peso.

— Eu sinto muito. — eu sussurro para ele mais e mais e ele olha para mim como se eu fosse a pessoa louca que sou.

Estou tonta, mas eu não me importo.

Tudo o que importa é que Dare não é pequeno mais, e ele está nos meus braços e eu nunca vou deixar ninguém machucá-lo assim novamente.

— Eu sinto muito que ele fez isso com você. — eu digo a ele, e seus olhos se arregalam, antes que ele desvie o olhar.

— Eu não sei o que você quer dizer.

Suas palavras são afetadas, reservadas.

— Meu tio te machucou. — eu digo com firmeza. — Eu sei que ele fez isso. E Deus, eu sinto muito, Dare.

Ele é tão leonino, mesmo no escuro, gracioso e forte. Encaro-o impotente, enquanto ele tenta fingir que não é um grande problema, que ele não foi espancado quando criança.

— Você não deveria ter vindo aqui. — diz ele em voz baixa. — Não há nada aqui para ver.

Havia uma coisa.

Um cinto manchado de sangue.

E um sussurro: *Ele fez isso.*

Faço uma pausa, estudando o rosto sombreado de Dare. Ele está impassível, escondendo seus pensamentos, mas eu tenho que perguntar.

— Meu tio era uma pessoa horrível. — eu digo a ele desesperadamente, tentando adentrar no seu rosto impassível, o rosto que é tão bom em esconder as coisas. — E Eleanor é terrível. Você nunca conheceu a minha mãe, talvez por isso você ache que todos os Savages são assim... você acha que eles são terríveis, e também que eu sou uma pessoa detestável agora.

Ele fica surpreso com isso, mas ele para de tentar me afastar.

— Eu não acho que você é uma pessoa detestável. — ele argumenta, e suas mãos estão flácidas ao seu lado. — Eu nunca pensei isso.

— Tem certeza? — pergunto sem rodeios. — Porque agora que estamos aqui em Whitley, você mudou.

— Isso não é verdade. — ele nega de um jeito fervoroso, depois tempera o seu tom. — Você me disse que queria espaço, eu estou dando a você. Tenha cuidado com o que deseja, Calla.

— Você foi ferido aqui. — digo a ele. É uma afirmação, não uma pergunta, e eu estou fazendo o meu melhor para não deixar que suas palavras me machuque. — Neste quarto. Pelas mãos de pessoas que são relacionadas a mim. Eu realmente sinto muito por isso. Deus, eu sinto muito.

O rosto belo de Dare se fecha, e qualquer vestígio de suavidade desapareceu.

— Não sinta pena de mim. — ele diz friamente. — As pessoas geralmente merecem o que recebem.

— O que diabos isso significa? — eu pergunto confusa. — Isso é ridículo.

Ele balança a cabeça. — É apenas a verdade. Mas não com você. Você não merece nada disso. — ele faz uma pausa. — Você vem?

Ele, obviamente, não quer me deixar aqui sozinha, então eu vou atrás dele, fechando a porta atrás de mim.

Eu começo a caminhar na direção oposta, em direção ao meu quarto, mas Dare me para com a mão no meu braço.

— Espere. Eu quero lhe mostrar uma coisa.

— Você quer?

— Sim. Você precisa ver isso.

Confusa, intrigada e com um pouco de medo, eu o sigo pelos salões da ala leste, ao longo dos corredores e escadas, para o velho sótão. À medida que caminhamos, eu juro que posso ouvir sussurros... de todos os lugares, dos pisos e os cantos e os recantos.

Segredos.

Segredos.

Segredosssssssss.

Mas é claro que não há vozes.

Eu estou imaginando tudo.

O problema é que, a cada dia que passa, eu não tenho certeza do que eu estou imaginando mais e do que é real.

Uma vez que estamos no quarto escuro, eu respiro fundo e olho ao redor.

Móveis, caixas, engradados, e molduras velhas estão empilhadas, até onde posso ver. É claramente uma antiga dispensa, e nem mesmo os empregados vêm até aqui. Há uma espessa camada de pó em todos os lugares.

Dare acende uma luz, e leva-me pela desordem.

Ele me leva para um canto de trás, onde uma mesa maciça fica no meio de um espaço de escritório improvisado.

— Seu? — eu levanto minha sobrancelha. — Eu não posso imaginar você aqui em cima.

Ele revira os olhos e balança a cabeça. — Não, não é meu.

O chão range sob meus pés, e quando olho para baixo, encontro uma pilha de fotos emolduradas... de Dare, de Eleanor, do meu avô, da mãe de Dare. O vidro, de cada uma está quebrada.

Quem fez isso?

— Por que você me trouxe aqui? — eu sussurro, e de repente eu estou no limite. Algo está aqui, algo enorme, algo que eu preciso saber.

Dare desvia o olhar, a expressão perturbada.

— Olhe para o fundo dessa pilha, Calla. — ele faz um gesto para uma pilha de envelopes em cima da mesa. É uma pilha espessa, presas por um elástico.

Com os dedos hesitantes, eu vasculho os papeis.

Fico surpresa ao encontrar as cartas para o meu pai que eu tenho escrito ao longo das duas últimas semanas, fechadas, sem selos, não enviadas. Meu olhar horrorizado encontram os de Dare.

— Se as minhas cartas não foram enviadas, então como é que o meu pai sabe que eu estou bem? — pergunto devagar, tentando imaginar porque Sabine não as enviou.

— Ele não sabe. — Dare acena. — É isso.

— Eu... eu não sei o que está acontecendo. — eu digo em um sussurro quebrado, e olho para longe, ao redor da sala, o meu olhar para na cadeira atrás da mesa.

Um moletom de capuz cinza está lá, seus punhos arrastando no chão.

Eu já vi aquele moletom antes, sobre o homem que ninguém pode ver, exceto eu.

Meu coração martela.

Minha mente acelera.

— Eu não quero mais ficar aqui. — eu admito em voz alta. Eu quero ir para casa, eu quero ficar segura, eu quero ficar longe de *tudo isso.*

— Então vá. — as palavras de Dare são suaves, e seus olhos estão mais suaves, pretos fluidos, como uma noite estrelada.

E, neste momento, eu sei que não posso deixá-lo.

— Eu nunca o deixaria. — digo, e falo sério cada palavra.

A cabeça de Dare estala para trás e ele fica de pé, circulando a mesa e de pé na minha frente. Eu inspiro seu cheiro e sua

incerteza e eu combino com o seu olhar.

— Isto não é sobre mim, Calla. — ele responde, com a mão no meu braço. — Se você precisa sair, você deve ir.

— Eu não vou deixá-lo sozinho.

Na minha cabeça, eu me lembro do menino que ele costumava ser, o menino na foto e a dor que costumava viver em seus olhos. Ele era tão pequeno, tão vulnerável, tão sozinho. Ele aprendeu a esconder tudo agora, mas isso me deixa ainda mais triste.

Seu sorriso é sombrio. — Eu estou sempre sozinho, Calla. Eu estou acostumado com isso.

E de alguma forma, eu acredito nisso. Independentemente de quem o cerca, ele está sozinho, porque ele não deixa ninguém entrar.

— Você não tem que ser. — eu ofereço. — Eu posso ajudar.

Salve-me, e eu vou te salvar.

Ele sorri, mas não alcança seus olhos e ele se inclina, seus lábios tocando meu pescoço enquanto ele murmura em meu ouvido.

— Corra, pequeno rato. O falcão está chegando, e você será devorado.

Minha respiração vem em jatos quando ele me deixa em meio ao caos do sótão. Eu ouço seus passos na escada, e só quando eu não posso ouvi-lo mais que eu me sinto confortável para ir. Enfio as cartas do meu pai no bolso e rastejo para baixo, nas escadas, escondendo-as no meu quarto antes do jantar.

Capítulo Vinte e Um

Consigo Jones para me levar de volta para a igreja, antes do jantar, e para meu alívio, o Padre Thomas está lá, ajoelhado aos pés de Jesus.

Quando eu entro, ele fica em pé, suas vestes pesadas em torno dos seus tornozelos.

— Calla. — ele me cumprimenta calorosamente, e fica sinceramente feliz em me ver.

— Você sabe o que aconteceu em Whitley? — pergunto-lhe sem preâmbulo.

Ele hesita e olha para o lado, mas, finalmente, ele responde.

— Sim. — ele reconhece. — Foi terrível.

Caminhamos juntos, ele e eu, em direção à frente, onde nos sentamos em um banco. Minhas costas estão tão rígidas quanto às de Eleanor, minha respiração hesitante enquanto eu espero.

— Você pode me dizer? — pergunto e ele olha para Deus.

— Eu acho. — ele responde lentamente. — Que algumas coisas são deixadas sem explicações, e talvez ações são suas verdadeiras respostas.

Fico confusa e eu digo isso e ele concorda.

— Você quer saber o que aconteceu com Adair. Mas para ser honesto, a única coisa que importa é o que Adair é hoje. Você sabe quem ele é, e isso é que é importante.

Mas eu conheço o que sei.

Eu quero conhecer o que não sei.

— Eleanor Savage escondeu. — ele concorda. — Ela não deseja que seja conhecido ou falado. Talvez seja por isso que você encontra tantas paredes em Whitley.

— Padre. — eu digo devagar, observando seu rosto enquanto falo. — Você acreditaria em mim se eu dissesse que eu tenho sonhos... sonhos sobre coisas que aconteceram?

— O que quer dizer, minha criança?

Assim, porque ele é um Padre e ele prometeu manter as coisas confidenciais, para sua paróquia e para Deus, digo.

Conto tudo, como se eu estivesse confessando algum grande pecado.

— Eu não peço pelos sonhos. — eu digo a ele desesperadamente. — E, às vezes, eu não tenho certeza se eu estou louca. Talvez eu esteja imaginando o que vejo.

Assim como eu imagino o meu irmão morto.

O Padre suspira e ele segura minha mão, seu aperto tão caloroso e sincero.

— Eu não sei como explicar isso. — diz ele finalmente. — Mas o seu sonho, neste caso, é verdade. Uma coisa terrível aconteceu... com Dare e Richard e Olivia. Richard era cruel e ele danificou Adair de mil maneiras diferentes. E um dia, Dare não aguentou mais. Mas ele pagou por isso, minha querida. Mil vezes mais.

— Como? — pergunto, o medo no meu tom acentuando as minhas palavras.

— Se Dare quiser que você saiba, ele te contará. — Padre Thomas responde com cuidado. — Até então, você deve saber, ele é um bom menino.

Eu sei que ele é bom. Eu conheço seus olhos, eu conheço o seu coração.

Ele é muito bom para mim, mesmo que ele pense de outra maneira.

Mesmo que ele ache que é um monstro.

— Poucos sabem o que aconteceu. — o Padre continua. — Mas aqueles que sabem, sussurram que Adair pode ser perigoso. Não acredite neles.

Já fiz coisas horríveis, Dare disse uma vez.

Você não está segura.

Eu envolvo minha mente nessas coisas, ou tento. Mas é muito, muito, muito para focar.

— Há algo mais, Padre. — eu continuo, falando baixinho, porque Jesus está me observando da sua cruz sangrenta na parede.

O Padre espera.

— Eu vejo alguém. — eu digo, hesitante, porque eu sei o quão insano parece. — Quando eu estou fora, andando, a última vez que estive aqui, nas terras de Whitley. Um homem em um moletom com capuz cinza. Ele me observa, e ele quer alguma coisa de mim.

O Padre fica interessado por isso. — Ele fala com você? — ele pergunta, minha mão ainda envolvida na dele.

— Não. Ele parece querer que eu descubra algo, mas eu não sei o que é.

O Padre me examina, sua expressão suave.

— Você já passou por muita coisa, Calla. — ele diz, suas palavras tão compreensivas. — Talvez você ainda esteja tentando descobrir tudo.

Eu quero escorregar para o chão, porque ele está basicamente dizendo que eu sou louca.

— Eu não sou louca, sou? — eu pergunto e ele balança a cabeça.

— Claro que não. — ele diz com firmeza.

— Tem a ver com o segredo de Dare? — eu pondero e o sacerdote dá de ombros.

— Eu não sei.

Ele não me trata como se eu fosse louca ou como se as coisas que estou dizendo sejam tão absurdas. Ele só ouve e sorri e segura minha mão.

Ele é um verdadeiro conforto e eu digo isso a ele.

Hoje, quando eu saí, o garoto com o moletom não está à vista.

Graças a Deus.

No jantar, Eleanor se vira para mim.

— Não se esqueça, o evento é amanhã à noite. Seu vestido foi entregue, juntamente com suas joias e sapatos. Você está pronta para ir, eu presumo?

Como sempre, a pergunta não é uma pergunta.

Concordo com a cabeça. — Claro.

Ela acena a cabeça de volta e continuamos comendo, e Dare está atrasado novamente.

Desta vez, Eleanor olha para cima. — Não se preocupe em sentar. — ela lança. — Eu avisei antes. Se você estiver atrasado, não se preocupe em vir.

Sem uma palavra, ele se vira e vai embora.

— Licença. — murmuro, e eu sigo.

Ouço Eleanor me chamando, mas eu não viro.

Os passos de Dare são longos, mas eu corro para alcançá-lo.

— Espere. — eu digo, sem fôlego, e puxo-o pelo braço.

Ele é paciente quando olha para mim.

— Vamos comer na cidade. — sugiro. — Juntos.

Ele sorri para isso e olha para a sala de jantar.

— Você sabe que ela ficará chateada se fizermos isso.

— Eu não me importo. — eu respondo com sinceridade.

Nós vamos para a cidade no carro de Dare.

— Você ficará bem amanhã à noite? — ele pergunta. — Você não conhece ninguém.

— Eu conheço você. — digo a ele. — Você vai estar lá, não vai?

— Se você quiser que eu esteja.

— Eu quero.

— Considere-o feito, então. — ele diz em voz baixa, e faz um gesto para um garçom. — Ela vai querer sobremesa. — ele fala para o homem magro.

Eu fiz uma coisa terrível, ele disse.

— O que você fez? — pergunto sem rodeios, enquanto pego um pedaço do bolo. — Qual é o seu segredo?

Dare assusta, então quase ri.

— Isso não importa mais. — ele responde. — Porque você está aqui e o passado se foi.

Eu quase acredito que é assim tão fácil.

Nós terminamos nosso jantar, e dirigimos de volta para Whitley e quando estamos no carro, Dare cantarola.

Eu fecho meus olhos, ouço e mergulho no som. Eu acho que é a canção que ele tocou no piano, e quando chegamos em casa, peço-lhe para tocar.

Então ele toca.

O salão está silencioso e escuro, e suas notas derivam no ar como a neve.

Sento-me ao lado dele, feliz em mergulhar no som, no seu cheiro, seu ar.

Se ele for o ar, eu serei feliz em respirá-lo.

Eu quase flutuo na sua canção, e quando ele acaba, o silêncio é alto.

Ele me leva para o meu quarto.

— Algumas coisas são melhores serem deixadas em paz. — ele me lembra na minha porta.

— Mas o que...

Ele balança a cabeça, me interrompendo.

— Confie em mim.

Eu gostaria de poder.

Mas *ele fez uma coisa terrível.*

E eu tenho que saber.

Capítulo Vinte e Dois

Quando olho para o espelho, uma mulher olha de volta. Uma mulher vestida em seda vermelha, uma mulher com cílios grossos e lábios carnudos.

— Você está linda. — Finn me diz enquanto endireita o fecho do meu colar.

— Obrigada, mas qualquer pessoa ficaria bem neste vestido.

Ele não pode argumentar porque ele não é real.

— O que você acha que acontecerá hoje à noite? Uma dança? Um sacrifício? Você terá que beber sangue de cabra ou banhar-se com mil virgens?

Eu reviro meus olhos.

— Duvido. Mas se você estivesse aqui, você teria que fazer a Macarena.

Ele agarra seu peito e cai em cima da cama. — Eu recusaria.

— Então é uma coisa boa que você não esteja aqui.

— Você vai conseguir. — ele anuncia. — Mesmo sem mim.

Eu não tenho tanta certeza.

Mas eu não tenho outra escolha, exceto, apenas ir.

Acho a grande sala e descubro que ela foi transformada em um salão de baile.

Está coberto com tule branco e luzes cintilantes, com velas e flores pungentes.

Acho Eleanor, usando um vestido preto conservador e pérolas, conversando com um pequeno grupo de homens de terno. Seu lábio é tão rígido quanto suas costas, e eu decido que ela nunca deve relaxar. Eu faço a varredura do espaço pelo rosto mais importante, e não demora muito para encontrá-lo.

Dare está na parte de trás, sentado a uma mesa nas sombras.

Ele está aqui, assim como prometeu.

Ele está me observando, seu olhar escuro impenetrável. Em seu smoking preto, ele está incrivelmente bonito e eu acho que não consigo desviar o olhar.

Ele tem um copo de vidro na mão e ele bebe o líquido âmbar, e parece ser algo forte, como scotch.

Minha respiração fica superficial e não sou capaz de agarrá-la. Dou um passo em sua direção, depois outro, depois faço uma pausa. Porque a sua expressão é tão ilegível.

Sem quebrar o nosso olhar, ele coloca o copo na mesa lateral mais próxima, e depois vira as costas, caminhando para as portas da varanda aberta. Ele dá um passo para a noite, e eu quero desesperadamente segui-lo.

Não só porque eu quero ficar com ele, mas porque é longe daqui, longe de Eleanor, longe dos olhares curiosos das pessoas que estão querendo saber quem eu sou.

Mas eu sou parada por pessoas esnobes, bem-intencionadas, que querem conversar.

De onde você é?

Você vai para Cambridge?

Você estará no jogo de polo esse fim de semana?

Você virá para o chá?

Eleanor, eu vejo, consegue contornar a multidão e sentar-se sozinha no canto com uma xícara do que parece ser de chá. Eu me pergunto se ele é fortificado. Então me pergunto qual é o propósito desta festa... outro que não seja para me forçar a interagir com as pessoas.

Por que ela faria isso? Ela tem que saber que eu não estou pronta.

As palavras de Dare voltam a me assombrar.

O falcão está chegando, e você será devorado.

Quem é o falcão? Ele?

Eu viro para encontrá-lo, e ele ainda está na varanda, junto com uma garota loira. Ela o conhece, isso é evidente. Ela está segurando em seu braço e minha barriga aperta, bile subindo na minha garganta. Ela é possessiva e ele não a afasta.

Eu viro as costas.

Eleanor está observando Dare também, um leve olhar de desgosto no rosto, mas é o mesmo olhar que ela sempre tem para ele. Ela o odeia por algum motivo, isso é evidente. Mas por quê?

Estou sendo vigiada, e eu verifico o mar de rostos para encontrar Sabine se misturando atrás, vestida de preto.

Seus olhos me encontram na loucura e *somos todos um pouco loucos, não somos?*

Eu engulo em seco e viro. Não há ninguém aqui que eu posso confiar.

Ninguém.

Ninguém.

Ninguém.

Eu corro para o banheiro.

Porque eu preciso me esconder.

Uma vez dentro do tranquilo toalete, eu afundo a um assento em um banco de veludo, minha respiração instável.

Eu não pertenço aqui.

Eu não pertenço aqui.

— Você não pertence aqui, não é?

É como se a voz calma lesse minha mente.

A voz pertence à loira voluptuosa, que estava pendurada em cada palavra de Dare.

Assustada, eu olho para ela.

Ela olha de volta para mim, friamente, mas sem maldade.

— Você está usando meu vestido.

Meu coração martela. *Este vestido foi feito para a senhorita Aimes, mas podemos fazer outro para ela.*

— Uh. — eu gaguejo. — Desculpe-me, eu não percebi.

Ela encolhe os ombros e ajusta seu batom no espelho. Ela está usando um vestido preto em vez disso, algo que abraça suas curvas. Ela não precisava desse vestido vermelho. Ela é perfeita em qualquer coisa que use. Eu posso muito bem ver isso.

— Eu sou Ashley. — ela me diz e sorri para o espelho. — E eu odeio essas coisas também. Eu posso ajudá-la, você sabe.

— Você pode?

Ela balança a cabeça.

— Vamos sair daqui. Eu vou te mostrar onde eu me escondo durante essas coisas horríveis.

Seu sorriso é de camaradagem, e qualquer porto em uma tempestade.

Eu a sigo direto para fora do salão de baile, e eu sinto os olhos de Dare em nós, conforme vamos.

Quando estamos na garagem, ela se vira para mim.

— Talvez você devesse ter trazido um agasalho. Você pode ficar com frio.

Mas ela abaixa o teto do seu carro de qualquer maneira, e a brisa é fria quando aceleramos durante a noite, para longe de Whitley.

— Para onde estamos indo? — eu finalmente pergunto, aliviada por estar tão longe.

Ela olha para mim.

— Em algum lugar que você deve ver. Se você acha que quer ficar com Dare, você deve saber tudo sobre ele.

Há algo em sua voz agora, algo rígido, e eu assusto, porque talvez eu não devesse ter escolhido este porto.

Ela vira em uma rua escura, uma rua tranquila, e, depois, estaciona na frente de um edifício velho, desmoronando.

— Vamos lá. — ela chama por cima do ombro, subindo as escadas com seus saltos altos pretos. Eu me atrapalho, conforme a sigo, e ela não abranda. A placa na porta diz Sanatório Oakdale e eu congelo.

— Que lugar é esse? — eu sussurro, enquanto ela abre a porta.

— Você vai ter que ver para crer. — ela murmura.

Na nossa frente, um longo corredor se abre mais longe do que eu posso ver, as paredes em ruínas com a idade, as luzes ofuscam quando ela aciona um interruptor.

Não há ninguém aqui, mas eu posso ouvir gemidos, gritos, choramingos.

— Eu não entendo. — eu sinto que estou choramingando. Ashley revira os olhos.

— Você realmente acha que alguém como Dare é sem bagagem? Cresce, menina.

Ela abre as portas conforme passamos, e elas estão todas vazias, cada uma delas.

Mas eu sinto presenças aqui,

Feiura.

Quando estamos quase no fim do corredor, Ashley se vira para mim, seu olhar feio e agora eu devia saber.

— A mãe dele esteve aqui por anos. — ela me diz, como se estivesse confidenciando um segredo. — Depois do que Dare fez, não é à toa.

Seus olhos são tão conhecedores e eu fecho os meus,

Porque os gritos são sufocantes.

Em minha cabeça, eu vejo Dare e ele é tão pequeno.

Ele está acima de uma cama, pairando acima de duas pessoas dormindo.

Algo brilha na sua mão, algo brilha na noite,

E eu tento falar não para ele, alertá-lo, para não se mover,

Mas é claro que ele não pode ouvir.

Depois, há gritos e sangue.

Meu tio está sangrando na cama, e uma mulher de cabelos escuros está gritando.

Eu vejo a alcova nas criptas e seu nome está esculpido na pedra.

Richard William Savage II.

Os olhos de Dare estão arregalados e escuros,

Assombrados,

Assombrados,

Assombrados.

Eu arfo e abro meus olhos e minha realidade não é melhor.

Eu não estou em uma clínica abandonada por muito mais tempo, e provavelmente nunca estive.

Eu estou em um quarto pequeno, mas bem equipado,

Um quarto em uma instalação.

Um quarto congelado no tempo.

O quarto é forrado com fotos de Dare.

Variando da primeira infância, para a escola primária, a escola secundária, a Universidade, Dare sorri para mim das paredes. Quando ele era pequeno, ele sorria, mas ao longo do tempo,

Mais e mais,

Ele ficou assombrado e triste.

A mudança em seus olhos é surpreendente.

E, em seguida,

De repente,

Uma mulher está na minha frente, de cabelos escuros. Ela tem os olhos de Dare, e eu sei quem ela é.

Olivia Savage.

Hesito, e ela sorri.

— Você está aqui para me trazer o meu filho? — ela pergunta educadamente. — O menino das fotos? Ele fez algo ruim, mas está arrependido.

Eu não consigo respirar.

Eu não consigo respirar.

Eu fico olhando para o rosto dela, seu sorriso, e para a porta destrancada.

Ela estende a mão para mim,

E eu estendo a mão para pegá-la,

Então eu abro meus olhos.

Eu nem sabia que eles estavam fechados.

Estou no toalete de novo,

E Ashley Aimes está na minha frente,

Aborrecimento em seu rosto bonito,

E *nós nunca saímos deste cômodo.*

Nós. Nunca. Saímos.

— O que está errado com você? Meu senhor, você precisa de ajuda.

Ela distancia e eu me esforço para respirar, tentando muito compreender a realidade.

O que está acontecendo comigo?

Eu preciso de ajuda.

Eu preciso de Dare.

Porque ele estava tão magoado, e eu estou machucando-o agora, mais e mais a cada dia, enquanto eu continuo empurrando-o para longe.

Ele não merecia isso.

Ele não merece *isso.*

Estou tropeçando,

Estou tropeçando.

O cômodo me pressiona para baixo, rodando e inclinando e sufocando. Eu arremeto para a porta, e cambaleio através das pessoas e para Dare na varanda.

Ashley está com ele agora, contando do meu colapso e ele se vira para mim, seu belo rosto congelado e com medo.

— Dare... eu...

Lágrimas escorrem nas minhas bochechas e ele me agarra, virando as costas para Ashley.

— Você não é um monstro. — eu sussurro. — Você não é.

Sem olhar para trás, ele me leva para longe,

Fora do salão de baile,

Longe de todos os olhares atentos.

— Eu vi o que aconteceu. — eu sussurro e viro para a jaqueta do seu smoking, escondendo o rosto. — Estou louca? Eu vi o que você fez. Eu sei que sua mãe não está morta.

— Você não está louca. — suas palavras são gentis, e é um tom suave que eu não ouvi dele há algum tempo. Minhas paredes ruem, e eu choro.

Os minutos seguintes são um borrão.

Estendo a mão para ele,

ele me puxa para perto.

Sua respiração é doce,

a camisa está engomada e com cheiro de chuva,

almiscarada,

e de homem.

Suas mãos estão em toda parte,

Firmes,

Fortes,

E perfeitas.

Seus lábios são plenos,

Ainda

Suaves.

Sua língua encontra a minha,

Úmida,

Mentolada.

Seu coração bate forte,

O som agressivo no escuro,

E me agarro ao seu peito,

Sussurrando seu nome.

— Dare, eu...

— Vamos sair desta sala. — ele sugere. — Vamos deixar tudo para trás.

Então, saímos.

Capítulo Vinte e Três

Ele pega a minha mão e eu o sigo,

Porque eu o seguiria até os confins da Terra.

Eu sei disso agora, e digo a ele.

Ele se vira para mim, seus olhos tão tempestuosos e escuros.

Ele me carrega no meu vestido de seda vermelho, e está caminhando pelos corredores de Whitley.

Seu quarto é escuro e masculino, a cama assomando contra a parede. Nós tombamos nela, e sua mão está por trás da minha cabeça enquanto caio no travesseiro.

Nossa roupa é arrancada e nossa pele é quente e corada e viva.

Eu estou viva.

Dare vive livre.

Nós respiramos essa liberdade, e ele acaricia seus dedos contra mim, dentro de mim, bem no fundo e eu ofego e suspiro e tremo.

— Eu... sim. — eu murmuro em seu ouvido.

As consequências podem ser malditas.

Eu não me importo com quem ele é.

Eu não me importo com o que ele fez.

Ele está aqui.

Ele me faz sentir.

Eu o quero.

Ele me quer.

Então, ele me leva.

Não há dor.

Ele está lá dentro e me enche, e suas mãos...

fazem magia.

Seus lábios...

respiram vida para dentro de mim,

Enchendo-me,

Criando-me.

Eu chamo o seu nome.

Ele chama o meu.

Eu estou intoxicada pelo som, pela cadência, pela batida.

Seu coração corresponde, em ritmo firme.

Nós estamos muito vivos,

E juntos.

Nossos braços e pernas emaranhados.

Nossos olhos se encontram e fixam.

Seu olhar nos meus enquanto ele desliza para dentro,

Em seguida, para fora.

Aperto seus ombros,

Para segurá-lo perto.

Ele estremece,

O luar derrama pela janela,

Na minha pele,

E na dele.

Seus olhos, emoldurados por cílios negros espessos, fecham.

Ele dorme.

Mas ele acorda no meio da noite e ficamos juntos de novo, e de novo e de novo.

Cada vez é novo,

Cada vez é reverente e cru e incrível.

Na parte da manhã, quando ele é banhado pelo sol, Dare finalmente olha para longe. Vergonha em seus olhos, a culpa em seu coração.

— Ela está morta agora. — Dare me diz quando pergunto novamente sobre sua mãe. — Mas ela não morreu com Richard.

Eu não pergunto sobre Richard,

Eu não peço que Dare confirme o que eu sei.

Ele matou seu padrasto,

E isso enlouqueceu a sua mãe.

— Você vê agora por que eu não mereço você? — ele pergunta, e sua voz é quase frágil.

Você é melhor do que eu mereço.

Ele disse isso antes, uma e outra vez, e eu nunca soube o que ele queria dizer.

Eu sei agora, mas ainda não é verdade. Eu não sou melhor do que ele merece, não por um longo tempo, nem nunca.

Ele senta-se na cama.

— Vem comigo. — ele diz, de repente. — Vamos deixar este lugar para trás. Você não precisa estar aqui para se recuperar. Nós podemos encontrar a paz e em qualquer lugar tranquilo. Podemos ir juntos, Calla.

Mas faço uma pausa e minha hesitação é resposta suficiente, e o rosto de Dare cai.

— Você não está pronta para sair. — ele percebe.

— Não é isso. — eu digo lentamente. — Eu vou... se não há mais nada que eu precise saber. Este era o seu único segredo, Dare? — minhas mãos trilham ao longo de seu peito, sentindo seu coração, onde ele bate só por mim. — Era isso que você não queria que eu soubesse?

Ele balança a cabeça.

— Não.

— Há mais?

Ele assente.

O quarto rodopia de novo e de novo, e eu mantenho minhas mãos para cima.

Eu estou caindo,

Caindo,

Caindo, e eu não sei onde vou pousar.

O mundo é um palco e todos nós somos falsos em cima dele.

Os dados foram lançados,

Foram lançados,

Foram lançados.

Eu sinto isso,

A verdade.

Ela está vindo,

E é escura,

E eu não vou gostar.

Eu sinto isso.

Eu sinto isso.

Todos temos os nossos papéis para atuar, e eu vou fazer bem o meu.

Mas qual é?

Concentro-me,

E penso,

E mais virão.

Somos todos um pouco loucos, não somos?

Sim.

Capítulo Vinte e Quatro

As coisas mudam com Dare.

Ele ainda é *meu Dare.*

Ele ainda é reservado, mas doce.

Forte, ainda vulnerável.

Ele está cauteloso agora, como se estivesse esperando por algo terrível,

o outro sapato para largar.

Isso me deixa desconfortável, e mesmo que estejamos juntos noite após noite, eu o sinto se distanciando de mim. É o suficiente para me fazer entrar em pânico.

No jantar, ele me observa.

Durante o dia, ele anda comigo.

Ele me esboça.

Ele me ama.

Mas sempre há algo em seus olhos, algo escondido, algo que ele não vai compartilhar.

— Não é o momento. — ele sempre diz quando pergunto. — Mas em breve.

Eu sinto que eu deveria estar progredindo.

Eu deveria estar crescendo.

Eu deveria estar recuperando.

Mas eu não estou.

E quanto mais eu penso sobre isso, mais eu decido o porquê.

Então, no meu quarto, depois que eu tomo um gole do meu chá, eu sei que há algo que eu tenho que fazer. Algo que eu estive adiando, algo que deixa meu coração pesado.

— Finn. — eu digo em voz alta, e instantaneamente ele está ao meu lado.

Ele sorri para mim, com seu sorriso torto, e meu coração se parte com o que eu tenho que fazer.

— Eu não posso mais te ver. — digo com tristeza, e ele olha para longe.

— Eu sei.

— Como eu ficarei sem você? — pergunto silenciosamente, pegando sua mão. É pálida, e eu conheço aquela sarda na sua articulação. Ele tem desde que tínhamos cinco anos.

Ele dá de ombros e tenta agir indiferente, mas este momento é enorme e ele sabe disso.

— Eu não sei, Cal. O que qualquer um faria sem mim? — ele sorri e eu choro, porque não consigo evitar.

Porque ele é a minha outra metade, mas *eu tenho que ficar sã.*

— Não chore. — ele diz em voz baixa e acaricia minhas costas. — Vai ficar tudo bem. Vai ficar tudo bem.

— Não vai. — fungo através das minhas lágrimas. — Há tantas coisas que eu não entendo, e eu não posso passar por elas

sem *você.*

Ele ri agora e se levanta, seus cachos castanhos caindo sobre o seu olho. — Isso é um absurdo. — ele me diz e humor deixa a sua voz fina. — Você pode fazer qualquer coisa, Calla.

— Eu não posso continuar dizendo adeus a você. — eu digo e ele sabe que eu estou certa. — Toda vez isso arranca o band-aid, e você leva um pedaço do meu coração com você.

— Então pare de falar comigo. — ele me diz, simplesmente, olhando através de minha alma. — Você é minha irmã e sempre será minha irmã. Eu não preciso estar com você para que você saiba disso.

Eu fecho meus olhos.

— Eu não posso.

Sua mão está sobre a minha.

— Você pode.

Há um silêncio, e sua mão está fria.

Sua mão está fria, porque ele está morto.

— Boa noite, doce Finn. — eu sussurro. — Boa noite.

Vejo sua lápide, a libélula, o túmulo.

Sua mão desaparece.

Abro os olhos.

Estou sozinha.

Eu pego um papel e uma caneta, e escrevo mais uma carta para o meu pai. Eu não sei por que eu continuo, porque ele nunca responde.

Mas eu escrevo e escrevo, e quando termino, eu dou para Sabine.

— Você vai enviá-la desta vez, não vai? — pergunto. Ela balança a cabeça.

— Sairá na parte da manhã. Vou fazer-lhe uma xícara de chá agora, criança. E eu vou trazê-la para você no salão.

Eu sento e espero, e enquanto faço isso, recebo uma visita.

Padre Thomas.

Jones o apresenta, e eu sorrio.

— É bom ver você, Padre. — porque é.

Ele se senta comigo no sol, conversando e segurando minha mão. Ele é uma presença reconfortante, e eu mergulho nisso, enquanto posso.

Ele olha para fora das janelas, para os jardins, estátuas e flores e caminhos. — Você gosta daqui? — ele pergunta baixinho, e eu tenho que balançar a cabeça.

— Não. Pensei que poderia acostumar com isso, mas eu acho que eu realmente não acostumo.

Padre Thomas sorri. — É um lugar assustador. — ele concorda. — E não é para todos. Talvez esteja na hora de você ir embora, criança.

Eu olho para longe. — Eu sei. Mas eu não sei para onde ir.

O Padre inclina a cabeça, a luz brilhando em seus olhos. — Vá para casa, criança.

Casa.

O lugar onde as memórias me atormentam. Onde os sapatos de Finn e seu diário e sua cama desfeita esperam, as coisas que ele nunca usará novamente.

Casa, um lugar cercado por morte.

— Talvez. — eu sussurro.

Ele sorri. — Deixe-me orar com você antes de ir.

Concordo com a cabeça, e ele descansa a mão na minha testa.

— Através desta santa unção, que o Senhor em seu amor e misericórdia ajude-a com a graça do Espírito Santo. Que o Senhor que liberta do pecado, salve-a e levante-a.

Ele retira a mão. — Amém.

— Amém. — murmuro também.

Eu levo Padre Thomas para fora e ele acena quando vai embora.

Então eu percorro as terras, porque Dare não está aqui e estou inquieta.

Os mausoléus estão silenciosos, os jardins parados.

E, em seguida,

Há o garoto com o moletom cinza.

Ele está de pé, bem do lado de dentro da cerca,

E a sua cabeça está inclinada apenas o suficiente para que eu não possa ver seu rosto.

Dou um passo em direção a ele, e ele dá um passo na minha direção.

Seu rosto é escuro, e eu o espreito,

Em seguida, outro passo.

Em seguida, outro.

Ele para.

— Quem é você? — eu grito, e as minhas palavras são levadas pelo vento. Ele inclina a cabeça, mas não responde, embora haja um rosnado baixo na sua garganta.

— O que você quer?

Ele é calmo, sua cabeça está abaixada. Mas o braço levanta,

E ele aponta para mim.

Ele me quer.

Eu corro para a casa, sem olhar para trás.

Capítulo Vinte e Cinco

Sinto que eu preciso ir para casa.

Eu sinto isso me rebocando, puxando.

Eu não estou segura aqui.

Mas, ainda assim, eu não posso deixar Dare.

Eu não posso deixá-lo, porque ele é meu.

Dare que ele mostra para o mundo é diferente do *meu Dare*, aquele que me segura em seus braços. Sinto seus segredos, no entanto, através da minha pele, através dos meus ossos, e isso não é algo que ele possa fingir.

Eu sofro para que ele confidencie para mim, confie em mim desse tanto, mas ele ainda não fez isso. Há algo para saber... uma última resposta para ter.

Preciso encontrá-lo.

Não vou muito longe, antes de Sabine me encontrar.

É como se ela estivesse só esperando por mim.

— É hora de ler as suas cartas novamente. — ela me diz, como se não fosse uma hora da manhã, como se fosse uma coisa muito normal.

Eu começo a balançar a cabeça, mas ela não vai ouvir.

— É importante. — ela insiste.

Seus dedos nodosos afundam na minha carne, suas unhas picando meu músculo. Eu a deixo me levar para o seu quarto, para onde está escuro e a luz da lua está brilhando sobre a mesa.

As cartas já estão espalhadas, do mesmo jeito estranho cruzado, o ouro reluzente berra na noite.

— Você começou sem mim. — eu indico suavemente. Ela olha para mim, e se senta.

— Eu as leio todos os dias. — ela admite. — Mas, recentemente, na noite da festa, elas mudaram.

A noite que eu estava com Dare.

A noite que eu descobri o que ele fez.

Claro.

Tudo mudou naquela noite.

Eu senti isso.

— Pegue uma carta. — ela me diz. — A de cima.

Eu faço. É fria sob meus dedos.

Um Padre se levanta contra uma janela de vitral.

— O Hierofante. — Sabine sussurra. — O professor. Isso significa que você tem que me escutar agora, o tempo para ensinar é este.

— Ensinar-me o que? — eu pergunto, minha voz um mero sussurro. Eu estou com medo agora, do tom da sua voz, destas cartas, deste lugar. Eu estava errada em ficar aqui. Eu sei disso agora.

Havia uma bifurcação na estrada, e eu escolhi o caminho errado.

— Eu tenho que ensinar o que você precisa saber. Sua mãe não me deixaria, ela foi embora. Mas você está aqui e você deve aprender de mim, criança.

Meu Deus. Isso só fica mais e mais estranho. Eu começo a levantar.

— Eu voltarei para a cama agora. — eu digo a ela. — Isso ficou muito estranho para mim.

— Sente-se. — Sabine direciona, sua voz inflexível, alta e indiscutível.

Sento-me.

Eu não posso fazer mais nada.

Sabine peneira através das cartas, seus olhos se movendo tão rápido que eu os vejo trabalhando para trás e para frente, cada vez mais rápido, como se estivesse vivendo um sonho.

Finalmente, ela olha para mim.

— Sua mente é um presente. — ela diz simplesmente. — Mas você tem que aprender com ela, ou você ficará louca com isso.

Suas palavras não fazem qualquer sentido.

Eu fico olhando para ela, sem compreender.

Seus olhos contêm mil vidas.

Eu olho para todas elas, para a sua mente cigana, e vejo que ela acredita que tudo o que ela está dizendo é verdade.

— É como uma grande parte da vida, como o vento ou o sol. — diz ela em sua voz rouca e antiga. — Não é estranho, não é anormal. Nós sabemos o que acontece, enquanto outros não.

Ela pausa e olha para fora das janelas, para as gramas negras ondulando do pântano escuro.

— Você pode ver coisas. — diz ela finalmente. — Pequenas coisas, coisas que podem parecer como sonhos. Você pode se sentir mal depois, você pode ter uma dor de cabeça. Você pode até se sentir louca. Você não é.

As criptas.

O quarto dos pais de Dare.

O Sanatório e a mãe de Dare.

Eu tento esconder a minha expressão, mas Sabine já viu e ela sorri com os dentes grotescos.

— Está vendo? Você sabe o que eu estou falando.

— Eu não estou... não é... real.

Ela ergue a cabeça.

— Seus sonhos são importantes. Mesmo quando você está acordada.

Eu quero gritar com a loucura disso, porque, na verdade, parece como um pesadelo.

— Por que estou aqui? — pergunto a ela, porque o tempo todo, eu senti como se houvesse uma razão maior.

— Para se recuperar. — ela me diz, mas eu sei que há mais.

Ela me dá um colar. Ele brilha dourado no meio da noite, um medalhão com uma flor gravada na frente. Um calla lilly[11].

Eu tento abri-lo, mas está bloqueado.

— É o seu segredo. — Sabine me diz, com os olhos escuros, tão sábios.

— Por que eu tenho um segredo?

— Porque nós não temos escolha. — ela responde enigmaticamente. — Porque temos que pagar pelos pecados daqueles que

vieram antes de nós.

Com um suspiro, eu saio do seu quarto, com as pernas trêmulas e volto para o meu. Contra o meu melhor julgamento, eu uso o medalhão quando vou para cama, e ele aninha-se contra o meu peito enquanto caio no sono.

E essa é a primeira noite que eu sonho com ela.

Com Olivia.

Com a mãe de Dare.

Ela veste uma camisola branca, transparente e leve, e ela fica na janela.

Seu cabelo cai pelas costas, todo molhado, e sua forma é pequena e leve.

Ela se vira, os olhos exatamente iguais aos de Dare, e por isso muito tristes.

— Eu não sei onde estou. — ela sussurra, e seus olhos me imploram por ajuda. — Eu não sei.

Ela se vira, olhando pela janela, para o mar.

Atrás de nós, as ondas batem.

Fotos de Dare penduradas na parede, desde a idade infantil até a idade adulta.

Ela olha para elas com saudade.

— Você pode trazê-lo para mim?

Eu quero responder, mas eu não consigo.

Meus lábios estão congelados.

Minhas palavras são de gelo.

Eu não posso derretê-las.

Eu não posso trazê-lo.

Salve-me, salve-se.

Eu acordei em uma poça de suor, sozinha.

— Finn? — eu grito, desesperada para sentir-me calma, mas ele não responde.

Chegará um dia em que eu não virei, ele disse uma vez. É hoje esse dia?

A luz da lua brilha na minha cabeceira, e a caixa de chá de Sabine está na luz. Agarro-o e faço uma xícara.

Eu tenho que ter calma,

Eu tenho que ter calma.

Este deve ser o caminho.

O chá cria esquecimento e eu durmo por horas e horas. Quando eu finalmente acordo e mais ou menos na tarde seguinte, Sabine me encontra na biblioteca.

— Você usou o medalhão para dormir? — ela pergunta.

Eu fico olhando para ela, irritada.

— Eu sonhei com Olivia Savage. É isso que você quer ouvir?

Algo passa através dos olhos de Sabine e eu não consigo entender.

— O que você sonhou?

— Não muito. — eu tenho que admitir. — Eu só vi o rosto dela. Ela tinha fotos de Dare na parede. Eu podia ver o mar pela

janela. É como se ela não soubesse onde Dare está. Ela fica pedindo que eu o leve para ela.

Ela balança a cabeça agora, satisfeita. — Isso é o suficiente por agora.

O suficiente para que?

Mas tenho medo de perguntar.

— Chegou uma carta para você hoje. — ela me diz e me entrega um envelope surrado.

Eu rasgo para abrir, para encontrar a letra do meu pai.

É hora de voltar para casa, ele diz simplesmente.

Eu acho que ele pode estar certo.

Logo.

Logo é hora de ir para casa.

Deixo Sabine em seu quarto, e procuro por Dare.

Acho-o no jardim secreto sozinho.

Meu coração pula quando eu o vejo, com a forma como ele se inclina contra uma estátua de anjo tão irreverentemente, com a familiaridade em seus olhos quando ele me vê. Eu luto contra a vontade de pular em seus braços, mas é claro que não pulo, porque o calor nos olhos dele esfriou.

— O que você está fazendo aqui? — ele pergunta, muito reservado.

Fico confusa.

— Procurando você.

— Eu não sou bom para você. — ele oferece. — Talvez você devesse parar de me procurar.

Meu coração dá uma pontada.

— Nunca.

Sua expressão vacila.

— Você precisa deixar que eu descubra o que é bom para mim. — eu acrescento.

Ele me olha com tristeza. — Eu não posso. Você não sabe todos os fatos.

— Então me diga.

— Eu não posso fazer isso, também.

Nós estamos em um impasse, uma bifurcação na estrada.

Existem dois caminhos, e eu sempre tomo o caminho errado.

— Você vai me destruir. — eu me lembro do presságio de Sabine. Dare fecha os olhos, e acena.

— O que isso quer dizer? — minha voz é crua.

Há dor nos olhos de Dare, dor real.

O tipo de dor que não pode ser escondida, não pode ser contida.

— Eu quero que você saiba. — ele me diz, cada palavra um ruído honesto.

— Mas você não pode me dizer. — eu adivinho. Ele balança a cabeça.

— Ainda não. Você vai chegar lá, em ordem.

Em ordem.

Em ordem.

Em ordem.

As coisas devem acontecer em ordem, Calla? Você não pode ver? Você não pode ver?

Eu me lembro dos gritos de Finn de antes, mas antes do que?

Tempo está esgotando agora, misturando, e eu não consigo dar sentido a nada.

Eu estou de pé sobre as falésias, estou olhando para o oceano, mas não estou.

É Finn.

Mas era eu.

Carros.

Sangue.

Sirenes.

Escuridão.

Boa noite, doce Finn. Boa noite, boa noite.

Proteja-me, São Miguel.

Proteja-me,

Protege-me.

Minha mente não suporta o estresse,

Não aguenta a flexão.

Minha mente é um elástico,

E está ficando pronta para quebrar.

Ele será a sua ruína, criança.

É a primeira coisa que faz sentido.

Capítulo Vinte e Seis

Sento-me no quarto de Olivia, seu medalhão em minhas mãos.

É dourado, é delicado, é real. É frio em minhas mãos.

Concentro-me sobre ele, sobre o calla lily gravado.

Simbólico? Irônico? Coincidência?

Nada é por acaso nesta casa. É algo que estou percebendo.

A luz solar da janela, derrama através das cortinas, jogando luz silenciosa para dentro do quarto. Eu viro o pingente mais e mais, assistindo-o brilhar, observando o calla lily ir e vir.

Para lá e para cá.

Para lá e para cá.

E, em seguida,

Eu a vejo.

Olivia.

Clara como o dia,

De pé na minha frente.

— Você pode trazê-lo para mim? — ela pergunta, com a voz baixa e suave. — Isso é tudo o que eu quero saber.

Confusão cresce como ondas, através de mim, sobre mim, ao meu redor.

Eu posso?

— Eu não sei. — eu digo a ela. — Onde você está?

Estou perplexa, mas a visão termina com náuseas, da maneira como terminam sempre.

Quando fico consciente de novo, eu estou em minhas mãos e joelhos no chão, o quarto girando a uma parada em torno de mim.

Assim que consigo, cambaleio para o meu quarto e faço uma xícara do chá de Sabine, porque ele me acalma. É a única coisa que faz isso.

No jantar, Dare está tocando o piano, as notas flutuando suavemente.

— O tempo aqui passa tão rapidamente. — menciono a Eleanor. Eu saboreio outra xícara de chá, porque parece que isso é tudo o que eu faço agora. Meu domínio sobre a realidade é tênue, e tudo o que posso fazer é protegê-lo.

Eleanor levanta uma sobrancelha, mas não discute.

— O tempo é seu inimigo, Calla. — é tudo o que ela diz. Eu abaixo minha xícara, e olho para ela, e as folhas de chá parecem ter formado um ponto de interrogação. Eu fico olhando para ela, hipnotizada até Jones vir para levá-la embora.

É aquela noite quando sonho novamente.

Mas eu não sonho com Olivia. Eu sonho com a minha própria mãe, Finn e meu pai, e Dare.

A noite está escura, o chão está frio.

É nisso que eu estou pensando quando amontoamos em nosso carro, Finn e meu pai e eu.

Alguém está nos perseguindo,

Mas isso é impossível.

Porque moramos em cima de uma montanha,

E ninguém mais está lá.

Meu telefone está no meu colo.

Minha mãe está gritando.

Dare está subindo a montanha, coberto de sangue.

Tudo fica preto.

Eu não sei.

Eu não sei.

Eu não sei.

Eu estou acordada e estou resmungando e é um minuto antes das minhas palavras se tornarem coerentes.

— A noite é escura, o chão está frio.

Eu não sei o que significa.

Tudo que eu sei é que eu sou o coelho e Whitley é o buraco e eu estou caindocaindocaindo.

Eu tenho pavor do escuro, porque parece que ele rosna do lado de fora da minha janela.

Eu tenho pavor de ficar sozinha, e então eu saio da cama como um tiro,

E ando para a cama de Dare.

Eu espero que ele me afaste, mas ele não faz isso.

Ele está em seus lençóis, enrolado nos cobertores, mas ele não fica surpreso ao me ver.

Ele simplesmente abre seus braços.

— Venha aqui. — ele diz,

então eu vou.

A voz de Sabine me acalma, me tranquiliza.

— Era para ser. — ela me diz, e eu não entendo.

— O que? — pergunto, e eu soo tão jovem, como uma criança. É a minha inocência brilhando e ela sorri.

— Tudo.

— Estou aqui por uma razão? — pergunto, embora eu já saiba a resposta.

— Sim. — ela concorda. — Você está. E você chegará a isso.

— Pode me ajudar?

Ela balança a cabeça novamente. — Eu já estou, criança. Eu já estou.

Ela me entrega o chá e eu pego.

— Tem Valium nisso? — eu pergunto, apenas metade brincando e ela sorri.

— Não.

— Pode ter?

Ela sorri novamente. — Você não precisa.

Imploro para discordar, mas não imploro.

— A verdade está chegando, criança. Esteja pronta para isso.

Eu tento estar, mas é difícil, porque eu não sei o que esperar.

Eu atravesso a rotina dos meus dias, sentando com Eleanor quando ela pede, e passo minhas noites com Dare.

Durante os dias, ele é distante e frio e reservado, mas à noite, ele é diferente.

Ele é quente e suave e meu.

À noite eu sou livre.

Nocte liber sum.

Hoje à noite, ele espera por mim.

Hoje à noite, ele deita ao meu lado, apoiado no cotovelo, olhando para mim.

— Você sempre foi minha. — ele me diz, com a voz baixa. — Mesmo antes que você soubesse.

Ele me beija, quase antes de eu poder responder, antes que eu possa dizer a ele que ele é meu também. Eu suspiro e ele suga-o, sua língua na minha boca. Seus lábios são macios, seus braços são duros, e eu não quero nunca deixar esta cama.

Pela primeira vez, eu caio no sono em seus braços, o ritmo de sua respiração e seu coração embalam o meu sono.

Seus braços não podem manter os sonhos à distância.

Há sangue, como sempre, mas não é meu.

Não é de Finn.

É do Dare.

Olivia está na minha frente de novo, os olhos acusatórios.

Surpresa, eu olho para ela.

— Por que você está aqui?

Ela olha de volta.

— Por que você está? Você não pertence a ele.

— Eu pertenço. — argumento. — Eu pertenço.

— Você não o merece. — ela sussurra, o rosto ficando branco. — Você é a ruína dele.

— Por que eu sou sua ruína? — eu quase grito isso. — Eu sou inofensiva. Eu não feri uma alma.

— Mas você feriu. — ela argumenta, simplesmente, acenando o braço. As falésias da minha casa aparecem e o carro esmagado da minha mãe está na ravina. Há sangue, há gritos e eles estão mortos.

— Liguei para minha mãe. — eu me lembro. — Ela bateu no meu irmão.

Olivia olha para mim. — O passado é uma prisão, e você nunca se libertará.

— Acorde, Cal. Acorde.

É Dare agora, e ele está murmurando em meus ouvidos e seu aperto é muito forte em meus braços. Eu esquivo.

— Por que você disse isso? — ele exige, seus olhos tão tempestuosos. Os lençóis estão ao redor da sua cintura e seu peito está nu.

— Disse o quê? — falo silenciosamente, lutando para sair da nuvem de sono.

— O passado é uma prisão. — ele responde com dureza. — Minha mãe costumava dizer isso.

Eu balanço a minha cabeça lentamente de um lado para o outro. — Eu não sei por que eu disse isso.

Eu não posso contar para ele que eu estou sonhando com sua mãe.

Ele vai pensar que estou louca,

porque eu estou.

Ele se afasta de mim e sua ausência é fria.

— O que está acontecendo, Calla? — ele pergunta, de costas para mim enquanto se senta ao lado da cama. — O que você sabe?

Eu sou uma péssima mentirosa, então eu decido não tentar.

As consequências podem ser malditas.

— Eu sei que todo mundo quer uma resposta minha. Eu sei que eu estou aqui por uma razão.

Dare me olha por cima do ombro e sua expressão é tão vulnerável.

— Estou cansada de me sentir louca. — digo a ele. — Essa é a resposta? É isso o que todo mundo está esperando? Que eu admita que sou louca?

Ele balança a cabeça e suspira.

— Você está mentindo para mim? — eu exijo e ele empurra meu cabelo para trás com os dedos.

— Não.

— Um segredo é a mesma coisa que uma mentira. — digo a ele.

Ele olha para longe, porque ele sabe.

Capítulo Vinte e Sete

Dia após dia, eu estou cada vez mais convencida de que estou deslizando da sanidade.

Dia após dia, Sabine me convence de que eu não estou.

— Feche os olhos. — Sabine me direciona, então eu fecho. Ela pega a minha mão e a dela está seca, é pequena e torcida e eu absorvo seu calor.

— Imagine o lugar onde você viu Olivia. — ela me diz, então eu faço.

Eu ouço o mar, eu vejo as fotos de Dare, eu vejo a camisola transparente, com o rosto em forma de coração. Eu ouço a acusação na sua voz.

— Traga-o para mim. — ela me fala.

— Onde você está? — pergunto.

— Estou perto. — ela responde, misteriosamente.

— Você pode me dizer?

Ela balança a cabeça e seu rosto está muito triste.

— Não. Você deve descobrir isso.

Sinto-me impotente e com medo, e esse sentimento aumenta e aumenta.

— Eu não consigo entender. — eu digo a ela desesperadamente. — Esse é o problema. Você está morta. Eu não sei onde você está.

— Você pode. — ela me assegura. — Você deve. A energia não pode ser destruída. Eu estou em todos os lugares.

Eu fecho meus olhos com força e quando eu faço isso, as imagens cintilam e mudam.

Eu estou entrando em um carro.

Finn está comigo, e meu pai também.

— Se eu vou, eu vou dirigir. — eu lhes digo.

E eu dirijo montanha abaixo.

E minha mãe,

Minha mãe,

Minha mãe.

A noite está escura, o chão está frio.

As palavras sussurram e se transformam e eu fico confusa.

Eu olho para Olivia.

— Não é isso que aconteceu.

Ela acena com a cabeça e ela está triste e seus olhos se tornam faróis.

Eu assusto, e os meus olhos abrem.

Sabine está esperando por mim, à espera de respostas.

Tudo o que tenho são perguntas,

E confusão,

E mentiras.

Não foi assim que aconteceu.

Sabine ainda está esperando, os olhos escuros.

— Você viu Olivia?

Concordo com a cabeça. Porque eu a vi realmente.

— O que estava ao seu redor? O mar? Havia mais alguma coisa?

Eu balanço a minha cabeça.

— Não. Ela estava em pé na minha frente.

Sabine desaprova, e ela é paciente. — Você tem que abrir sua mente, Calla. Deixe vir.

Tentei. Mas quando eu faço, absurdo vem.

Mentiras.

Mas eu aceno, porque o que mais eu posso fazer?

Eles precisam que eu descubra isso.

Olivia está perdida.

E eu também.

Isso não pode ser real.

Os sonhos não são reais.

— *Seus* sonhos são. — Sabine me diz. — Os sonhos são a maneira de levar você para a luz da sua mente. Siga-os, Calla.

A única coisa que eu sigo é Dare. Ele vem me pegar e andamos pelos corredores, e passeamos pelos jardins e nós voltamos para o nosso local.

O jardim secreto,

O nosso lugar.

Os anjos estão olhando para nós com olhos vazios, e eu inclino para Dare.

Ele é tão quente,

Tão forte, tão forte,

Tão real.

— Isso está acontecendo? — pergunto. — Porque, às vezes, eu não posso dizer a diferença.

Ele inclina minha cabeça para trás, com o polegar, levantando o meu rosto para o céu. Seus olhos me reivindicam, me afagam, me incendeiam.

Eu dobro em suas palmas,

E ele me sustenta.

— Eu sou real. — ele diz no meu cabelo. — Você é real.

Estamos de pé, no sol,

Não há nenhuma razão para ter medo.

Certo?

Dare me beija e os seus lábios são a luz solar. Ele me toca e seus dedos são a lua. É noite em algum lugar, e à noite nós somos livres.

Nós nos reunimos, como as estrelas,

Sob o abrigo do gazebo.

Longe da vista,

Longe de tudo.

Apenas nós.

Nossa pele é quente,

Nossas bocas são necessitadas.

Estamos sozinhos.

Exceto para os anjos esquecidos por Deus.

Os anjos me assustam. — eu sussurro para Dare, e eu agarro-o mais perto.

Ele me segura com força.

— Eu sei. — ele diz. — Por quê?

— Eu não sei. — eu respondo, e é a verdade. — Talvez sejam os olhos deles. Eles me veem.

— Eu vejo você. — ele me lembra, e seus olhos são negros.

Negros, negros,

Negros como a noite.

— Você sempre verá? — murmuro, e seu pescoço tem gosto de sal. Meus dedos encontram seu SEJA LIVRE.

— Sim. — ele promete.

— Repromissionem. — digo a ele. — É latim.

— Eu sei.

Capítulo Vinte e Oito

As cozinhas estão surpreendentemente brilhantes e eu pego o meu bagel, sentada em um banquinho, enquanto Sabine cozinha.

— Não há cozinheiros aqui? — eu pergunto, curiosamente, porque eu nunca estive aqui antes.

— É claro que sim, criança. — ela responde sem se virar. — Mas eu preparo meu próprio chá.

O pote que ela está mexendo é grande, e eu olho isso em dúvida.

— Esse é um pote grande de chá, Sabine.

Ela ri, então me estuda.

— Eu quero ler suas cartas de novo. — ela anuncia. Quando eu sou imediatamente resistente, ela acrescenta. — Uma última vez.

Uma última vez?

Tudo bem.

Eu a sigo para o quarto dela, e ela espalha minhas cartas em um círculo.

— Ah. — ela respira, puxando uma carta. — O Cavaleiro de Ouros. — ela olha para mim. Significa que algo está finalmente acontecendo. Está quase na hora, criança.

— O que está quase na hora?

Ela retira outra carta sem responder.

Ela a vira.

Uma mulher segura balanças, com o rosto sereno.

— Justiça. — diz Sabine. — Ela representa o equilíbrio. Uma mente equilibrada, um coração lógico. As coisas vão se encaixar para você em breve. Você verá as coisas como elas são.

Deus, eu espero.

Ela inclina a cabeça e seus dedos se movem, e ela vira a última carta.

É o crânio escuro.

A carta da morte.

— O que isso quer dizer? — minha voz é instável, e eu já sei, é claro.

Ela balança a cabeça. — Ela nem sempre significa morte, criança. Às vezes, isso significa apenas uma mudança na ordem das coisas, ou até mesmo um renascimento.

— Mas às vezes... isso apenas significa a morte, certo?

Minha voz é pequena, e Sabine acena com a cabeça.

— E, neste caso?

Ela encolhe os ombros. — Eu não sei. Nós teremos que esperar e ver.

Não é a resposta que eu queria.

Hesito, mas, em seguida, as minhas palavras saem antes que eu possa impedi-las.

— Você sabe o que aconteceu com o meu tio?

Sabine olha para a mesa, sem olhar para cima.

— Você sabe? — pergunto gentilmente.

— Só porque você acha que quer a resposta para alguma coisa não significa que você realmente tem. — ela responde, suas palavras um pouco quebradas.

Encaro-a para baixo.

Ela olha de volta, não intimidada. — Dare é um bom menino. — ela insiste, apesar de eu nunca ter dito o contrário. — E o que ele fez... bem, tinha que ser feito. Ele era jovem e ele pagou o preço. Ele nunca mereceu.

Mas ela não dirá mais, e eu não tenho certeza se quero saber.

Eu derivo para fora do seu quarto,

Para os estábulos.

Eu não posso ficar lá dentro,

Eu não posso ser contida.

Meus pensamentos são meus inimigos, porque eles pensam sobre as coisas que eu não quero saber.

Peço para o cavalariço selar o Júpiter.

— Você tem certeza, senhorita? — ele olha para mim, à espera que alguém apareça. — Você quer montar sozinha?

Concordo com a cabeça. É claro que eu tenho certeza.

A brisa empurra meu cabelo para longe do meu rosto enquanto me afasto de casa,

Enquanto eu passeio em direção ao lago.

O lugar que Dare me levou para nadar.

Eu enrolo as rédeas de Júpiter em um galho de árvore, e deixo-o comendo trevo.

Eu tiro minha camisa e bermuda, e entro na água.

Não está tão frio quanto antes,

Não tira o meu fôlego.

Eu deslizo para baixo,

Permito que a água cubra o meu rosto, cubra minha cabeça e as ondas do meu cabelo vão em direção à superfície. Eu fico embaixo enquanto posso, até que meus pulmões estão quentes e pesados, então eu chuto para a superfície. Fico de costas, eu olho para o céu, enquanto flutuo.

Sou flutuante,

Sou um barco.

Mas, então, ela está na minha frente novamente.

Olivia.

Seu cabelo está em chamas e seus olhos são selvagens.

— Ajude-o! — ela berra.

Eu olho para onde ela está apontando, mas há apenas um carro, uma bagunça prata esmagada.

— Você fez isso. — ela cantarola, balançando para frente e para trás, afundando em seus calcanhares. Sua camisola transparente arrasta na água.

De repente, o carro pega fogo, mesmo que esteja meio submerso. Ele se inflama como uma faísca em uma panela, e depois o resto está debaixo d'água, extinto.

Uma sombra pisca.

O garoto com o capuz.

O que ele quer?

Então eu saio da água,

E eu estou de volta a Whitley.

Eu estou na banheira, a água derramando sobre os lados.

Dare tem um pano na mão, correndo-o sobre meus braços. Eu paro sua mão com a minha, minha voz selvagem.

— O que aconteceu? Deus, diga-me. Eu não aguento mais, Dare.

Ele me olha com tristeza, e a frente da sua camisa está molhada.

Sua expressão me faz lembrar o seu rostinho de menino, o assombrado, o triste. O que ele tinha, porque o meu tio o espancava, porque a sua própria mãe deixava.

— Você está quase lá, Calla-Lily. Você está quase lá.

Suas palavras são cuidadosas e lentas, e eu hesito, porque eu tenho medo de que *lá* possa apenas me matar.

Capítulo Vinte e Nove

Os dias passam e eles se transformam em noites, e todas elas passam nos braços de Dare. Ele me segura, canta para mim, me ama.

E

Em seguida

Um

Dia,

Quando o céu está azul e por uma vez não está chovendo,

Fazemos uma viagem para a cidade.

Dare dirige e nós abaixamos as janelas, e o vento sopra através do nosso cabelo na estrada.

Eu compro-lhe uma camiseta, porque ele não tem uma.

Preta, com letras laranja.

Ironia está perdida em você.

— Mas não está. — ele ri, quando eu entrego para ele. — A vida é irônica. Não está perdida em mim.

Mas ele a coloca, bem em cima da sua de botões e ele fica ridículo. Ele não parece se importar, e segura minha mão na luz do dia.

— Vamos dirigir para o oceano.

— Está bem. — porque eu sinto falta. Porque apesar de Oregon ser chuvoso e cinza, eu adorava viver ao lado da água.

À medida que caminhamos para o carro, sou distraída por um vendedor de rua, um pequeno homem velho com olhos azuis e um sorriso amigável. Ele tem joias dispostas sobre um carrinho, e algo me chama a atenção.

Um anel de prata, brilhando na luz.

— Todas as minhas coisas são antiguidades. — ele me diz com orgulho. Eu pego o anel.

— Isso é um tamanho doze. Era o anel de casamento de um aristocrata. — explica. — Eu poli os arranhões, mas este anel é amado. Sua esposa jurou-me que o protegia, em mais de uma ocasião.

— Protegia de que? — eu pergunto, curiosa. O velho sorri.

— De tudo.

Eu compro-o na hora, e ofereço para Dare.

— Todo mundo pode usar proteção. — digo-lhe, meio brincando, meio não. Ele revira os olhos, mas desliza-o para o seu dedo do meio.

— Então eu devo ser protegido. — ele anuncia. — Eu vou considerá-lo um presente do dia dos namorados antecipado.

— O dia dos Namorados está a meses de distância. — eu indico. Ele sorri.

— Eu sei.

Eu sinto uma imensa sensação de déjà vu, como se eu soubesse o que vai acontecer a seguir... como se tudo isso já tivesse acontecido. Não aconteceu?

Eu não sei.

Eu não sei nada.

É o sentimento mais estranho, mais frustrante do mundo. Eu tento ignorá-lo.

Nos amontoamos dentro do carro, e a mão de Dare está na minha perna, seus dedos se enroscam na minha coxa. Ele é quente, e eu absorvo isso, e eu coloco minha cabeça de volta no assento, aquecendo no sol.

Eu acordo com o som das ondas.

— Você dormiu. — Dare diz, e ele está me observando dormir. — Eu pensei que você precisava descansar.

O sol se põe um pouco, e a brisa é fria, por isso, enquanto nós andamos na costa, Dare envolve seu braço nos meus ombros, me abraçando ao seu lado.

— Eu me sinto em casa aqui. — eu confidencio, enquanto assisto a água cinza quebrar na areia.

— Então, devíamos ter vindo aqui antes. — ele diz, e seus dedos são leves na minha pele.

A luz morrendo lampeja na água e por um minuto, parece fogo.

E aquele minuto, aquele exato minuto,

É

Tudo

Que

Precisa.

As coisas me atingem, uma após a outra.

Tudo está em chamas.

Através das chamas, vejo Dare.

Ele está gritando,

Ele está com medo.

— Eu... — a minha voz está horrorizada e eu vejo isso na minha cabeça. Tudo.

Eu vejo tudo.

Eu vejo o que aconteceu, mas eu não posso distinguir as memórias das visões.

Tudo é esmagador,

As emoções,

As memórias,

O temor.

Em um flash, vejo anos.

Anos de memórias.

Dare e Finn e eu brincando quando éramos pequenos,

Tortas de lama, e nadando na lagoa, e os verões na Inglaterra.

Vejo Olivia, porque eu a conhecia.

Longos cabelos negros, grandes olhos escuros.

Olhos como os de Dare.

Seus sussurros eram sempre tão suaves.

— Vocês não podem ficar juntos. — ela nos disse. — Isso não está certo. Não está certo. Você sabe que ele não pode sair daqui.

Dare não pode deixar Whitley.

Ele não pode deixar.

Ele não pode deixar.

Mas ele deixou.

Eu vejo isso.

Ele veio me buscar porque eu perdi tudo.

E quando nós chegamos aqui em Whitley, ele perdeu tudo também.

Vejo-o com sua mãe em seus braços,

Através das chamas de um fogo.

— Socorro! — ele grita. E Olivia está flácida e morta. — Socorro!

Mas ninguém pôde.

Por causa de um acidente é um acidente é um acidente.

— Foi *um acidente? — pergunto hesitante quando estamos nas criptas ao lado do nome dela.*

— Você sabe que não foi. — Dare me diz, sua voz tão rígida e dura. — Nós a direcionamos para isso. Fomos nós. Fomos nós.

Vejo Olivia gritando.

— Você o levou de mim. Ele não era seu, para levar. Ele não é seu, ele é meu.

Em seus olhos, eu vejo loucura.

Eu reconheço isso.

Ela é o coelho e eu sou o coelho e nós duas somos loucas.

Vejo suas lanternas traseiras saindo de casa,

Eu vejo o fogo.

Vejo Dare.

Abro os olhos, e é doloroso.

— Sua mãe se jogou de carro dos penhascos Seven Sisters por nossa causa.

Os olhos de Dare contêm coisas que eu nunca vi antes, níveis de tristeza impensáveis. Ele balança a cabeça.

— Sim.

— Você acha que a culpa é minha. — minhas palavras raspam a minha garganta e eu me sinto desesperada.

— Não.

— Você perdeu sua mãe e eu perdi a minha, e foram duas noites separadas. Duas coisas separadas.

Eu ouço o desespero em minha voz, porque eu não posso manter tudo em linha reta. Todas as minhas lembranças rodam juntas e nada faz sentido.

Dare assente. — Foram dois acidentes separados. Duas noites separadas.

— Mas sua mãe não foi um acidente. — eu aponto levemente, e novamente ele concorda.

— Nossa família é amaldiçoada. Porque temos que pagar pelos pecados dos nossos pais. — eu digo confusa, lembrando as palavras de Sabine. — Todo mundo está morto e isso não faz sentido.

Eu não posso dar sentido a isso na minha cabeça. Nada disso. Porque meu pai nunca cometeu um pecado. Sabine está errada sobre isso.

Mas a mãe de Dare ainda está morta.

— Leve-me para os penhascos. — eu digo ao Dare. — Eu tenho que vê-los. Eu tenho que entender.

Ele não quer, mas ele faz. Ele me leva e eu estou em pânico, e quando subimos a estrada torcida, eu não consigo respirar.

E então ele está lá.

O garoto com o capuz.

De pé na frente do nosso carro, ele inclina a cabeça.

— Ele está esperando por mim. — eu percebo em voz alta. — Ele esteve aqui por mim o tempo todo.

Dare me olha confuso e eu grito para parar o carro, então ele para.

Eu pulo fora e persigo o rapaz, em linha reta, em direção ao topo, até que eu estou na borda do mundo e tudo o que posso ouvir é o mar.

Ele rosna para mim.

Ele ruge.

O garoto brilha no meio da noite, uma memória que eu não posso agarrar. Minha mente oscila e vacila e diminui.

— Volte! — grito e o vento pega as minhas palavras e as leva para longe. — Eu preciso saber o que você sabe!

Eu já estive aqui antes, eu acho.

Eu já estive aqui antes.

O vento,

A água,

O pânico.

Ouço Dare chamando por mim, mas eu não paro.

Eu não posso.

Eu persigo o garoto, mas ele está me perseguindo o tempo todo.

Ele conhece o segredo.

Ele sabe.

Ele sabe.

Ele olha para trás, mas eu não consigo ver o rosto dele e eu corro em direção a ele, arremessado a mim mesma, lançando, meus dedos alongando.

E então eu estou caindo,

Caindo,

Caindo,

E a água está fria,

A areia está úmida.

E eu estou quebrada,

Estou quebrada,

Eu estou quebrada.

Dare está comigo, e há sangue por toda a sua camisa.

— Você está bem? — ele pergunta rapidamente, e as suas mãos estão nas minhas. — Deus, Calla, você está bem? Abra seus olhos, abra os olhos.

Finn e minha mãe e meu pai estão todos espalhados na areia. Mas aquela foi uma noite diferente.

Esta é a minha noite.

Não deles.

Eles já morreram.

Tempo gira e eu estou na areia com Dare, e eu estou em seu colo, e a espuma nos cobre, e a água é sangrenta, e o sangue é meu.

— Você vê? — ele pergunta calmamente, seu anel novo brilhando na luz, porque ele está protegido agora, mas eu não estou.

— Sim. — eu murmuro.

Proteja-me, São Miguel.

Reze por mim.

Reze por mim.

Minhas memórias.

— Minhas lembranças não eram reais. — eu digo a mim mesma, e eu já sabia que isso seria verdade. Mas eu não sabia a verdade.

Elas eram sempre uma bagunça desordenada.

Elas não eram completamente reais.

Mas elas são agora.

Dolorosamente,

Horripilantemente,

Real.

Eu executo na minha cabeça mais uma vez,

Mais uma vez,

E mais uma vez,

E mais uma vez.

— Meu amigo teve que cancelar. — Finn fala com uma carranca. — Então eu acho que levei um bolo. Você tem certeza que não quer vir?

Ugh. Eu gemo internamente, porque eu não sou uma fã de Quid Pro Quo, mas Finn está ansioso por este concerto por meses. Estou prestes a concordar em ir, quando meu pai entra.

— Eu vou. Eu não quero que você vá para a cidade sozinho tão tarde.

— Legal! — Finn grita de alegria, e eu não aponto que a maioria dos meninos preferem morrer a ir a um show com o seu pai. Ele não é como a maioria dos meninos e nós sabemos disso.

Meu pai coloca a mão no meu ombro.

— Ei, eu sei disso. — ele sugere. — Eu quero que você venha também. Eu não quero você aqui sozinha. Não esta noite. Você vem também, Calla. Eu vou comprar o seu ingresso.

— Inferno, sim. — Finn diz, e eu quero gritar, Nãoooooo. Não.

Porque esta é uma memória e é real e eu não posso mudá-la.

Nós amontoamos dentro do carro,

E eu não posso parar.

Eu não posso parar.

Vou matá-los,

E eu não posso parar.

Nosso carro desce a montanha.

E a minha mãe esqueceu seus óculos.

Eu não posso mudar isso agora.

A noite é destroçada pelos gritos.

Porque eu bati na minha mãe e eles estão todos mortos.

— Minha família está toda morta. Meu pai, meu irmão, meu Finn. E sua mãe também está morta, e é tudo culpa nossa.

Minhas palavras são finalmente verdadeiras. E eu vejo as coisas.

Eu vejo as coisas.

Eu vejo as coisas.

Dare concorda com a cabeça, e seu movimento é triste e eu estou murmurando. Eu não posso respirar e meus dentes estão vermelhos.

— Você sabia esse tempo todo? — eu pergunto, porque eu não sabia. Porque sou tão fodida que a minha mente criou histórias fora de histórias fora de histórias.

Ele balança a cabeça. — Sim. Mas você não.

Ele olha para o lado e por um segundo, eu acho que isso é tudo,

Isso é tudo o que há para saber,

Esse é o último dos segredos.

Mas seu rosto está machucado,

E magoado,

E eu sei no meu coração... que não é.

Há algo mais.

Há

Mais

Uma

Coisa.

Meus pulmões estão quentes e vermelhos e sangrando, e minha garganta está restrita. Eu mal posso mover e a dor,

A dor,

A dor.

Eu não posso respirar.

— Diga-me. — murmuro. — Estou pronta. Diga-me o último segredo.

Dare pega a minha mão e há uma sombra atrás dele,

O rapaz encapuzado.

Claro.

Ele está esperando por mim,

seguindo-me,

ele esteve aqui para mim o tempo todo.

De pé, no ombro de Dare, ele vira o rosto,

E eu finalmente posso vê-lo.

É negro como a noite,

E ele não tem olhos.

Eu suspiro, porque eu finalmente sei quem ele é.

Ele é a Morte.

Vi-o na carta de tarô de Sabine.

As palavras de Dare ficam mais silenciosas e eu me esforço para ouvi-las, porque ele está falando através de um túnel, através da luz e do vento e do meu batimento cardíaco.

— Você está morrendo. — ele sussurra. — Se você não acordar, você ficará perdida.

Capítulo Trinta

O mundo fica mais lento até parar.

Meu coração bate.

Está escuro.

Não há oceano.

Não há ondas.

Não há sol ou chuva ou lua.

Há apenas a minha respiração, e emite um sinal sonoro, e dedos envolvem a minha mão, e eu estou em uma cama. Eu não estou no oceano ou o sobre os penhascos.

— Volte para mim, Calla. — Dare sussurra, e angústia amarra as suas palavras, e suas palavras embalam o meu coração. — Por favor, Deus, volte para mim. O tempo está se esgotando. Não faça isso, por favor, Deus, não faça isso. Eles vão tirá-la das máquinas, e se você não respirar por conta própria, você vai morrer. Por favor, Deus. Por favor.

Ele implora a alguém, se é Deus ou a mim, não sei.

— Nós já perdemos todo o resto. — ele sussurra. — Por favor, Deus. Volte para mim. Venha para casa, para mim. Venha para casa.

Eu tento abrir meus olhos, mas é muito difícil.

Minhas pálpebras estão pesadas.

A escuridão é preta.

Dare continua a falar, suas palavras lentas e suaves e eu poderia flutuar sobre elas. Seria tão fácil.

Morte espera por mim.

Eu posso ver o seu rosto agora, e ela espera na luz, atrás do ombro de Dare.

Ela balança a cabeça.

Está na hora.

Mas não pode ser. Porque Dare está aqui, e ainda segurando minha mão. Ele fala comigo, conta tudo o que aconteceu, e quando ele se cansa de falar, ele cantarola.

A mesma canção sem palavras, desafinada, que eu tenho ouvido o tempo todo.

A morte se aproxima, um passo mais próximo.

Tento gritar, mas nada vem.

Tento novamente abrir os meus olhos, mas eu não posso. E eu não posso mover meus dedos.

É tudo demais.

Demais.

Eu penso em ficar frenética,

E eu quase consigo.

Mas para manter a calma,

Eu reproduzo os fatos na minha cabeça.

Meu nome é Calla Price.

Estou com 18 anos de idade, e eu sou metade de um todo.

A minha outra metade, o meu irmão gêmeo, meu Finn, é louco.

Finn está morto.

Minha mãe está morta.

Meu pai está morto.

A mãe de Dare está morta.

Eu passei todos os verões em Whitley toda a minha vida.

Eu amei Dare desde que eu era pequena.

Eu estive flutuando num mar de insanidade, e eu não consigo acordar.

Eu não consigo acordar.

Dare é a minha tábua de salvação.

Ele ainda está aqui.

Concentro toda a força que eu tenho, tentando forçar a minha mão a apertar a sua, as mãos que eu tanto amo, a mão que me sustentou por tanto tempo.

Mas eu estou impotente.

Eu estou fraca.

Morte dá mais um passo, mas eu não posso gritar.

É quando ela toca Dare, apoio a minha força naquilo.

Ele põe a mão no ombro de Dare,

E eu não posso aguentar isso.

Não toque em Dare, eu quero gritar. *Você levou a mãe dele, mas você não vai levá-lo! Ele é inocenteEleéInocenteEleéInocente!*

Mas seus dedos tamborilam na pele de Dare,

E tudo em mim ferve,

E grita.

E de alguma forma,

Alguma forma,

Eu aproveito a minha energia,

E meu dedo contrai.

O zumbido de Dare para.

— Calla? — ele pergunta rapidamente, esperança tão potente em sua voz.

Eu movo meu dedo novamente, e essa é toda a força que me resta.

Não posso me mover novamente, mas eu acho que foi o suficiente.

Dare saiu,

Saiu do meu lado,

Gritando para alguém,

Para qualquer um.

Outras vozes enchem meu quarto,

Circulam a minha cama,

E a voz de Dare é abafada.

Ele se foi,

mas outros o substituíram.

Eu sou picada,

Sou cutucada,

Minhas pálpebras flutuam e as luzes são brilhantes nos meus olhos.

— É um milagre. — alguém anuncia.

Eu não posso ficar acordada.

Minha força está desaparecendo.

Adormeço desejando que Dare volte.

Eu não sei quanto tempo eu durmo.

Eu só sei que eu sonho,

E agora, quando eu sonho,

Eles são lúcidos.

Eu já não sou louca.

Eu não sei o porquê.

Olivia se senta na minha frente, seu sorriso gentil e suave.

— Meu filho não era para você, mas você levou-o de qualquer maneira.

Eu engulo em seco, porque eu o levei.

— Você tem que saber que é o jeito das coisas. — eu ofereço. — Os meninos não podem ficar com suas mães para sempre. Não foi minha culpa você ter morrido.

— Eu me matei. — ela diz simplesmente. — Eu não queria, mas eu não aguentava mais a dor.

Eu entendo a dor.

Concordo com a cabeça.

— Meu irmão...

Minha voz falha. Pensar em Finn faz meu peito doer.

— Eu não posso viver sem meu Finn. — eu digo hesitante. E Olivia balança a cabeça.

— Você precisa. Ele se foi, mas você não.

— Por que eu continuo sonhando com você? — pergunto a ela, confusa agora, de uma maneira muito real.

Ela se levanta e sua forma é tão pequena, tão pequena. Ela é escura como Dare e seus olhos brilham como a noite.

Negros, olhos negros que examinam a minha alma.

Ela ergue a cabeça, da mesma forma que Dare faz.

— Porque você não conseguia se lembrar de mim. Você não conseguia se lembrar do que aconteceu. E do que aconteceu comigo, é por isso que Dare é quem ele é. Ele é um protetor, Calla. Ele vai protegê-la até dia da sua morte.

— Por que você quer que eu o traga para você? — pergunto. — Você está morta.

— Porque eu o deixei e eu não deveria ter feito isso. — ela diz, fechando os olhos escuros. — Ele não merecia isso. E agora ele está sofrendo, e ele vai ficar do seu lado até ele não poder se levantar mais.

Ela está certa.

Apesar da sua própria dor, ele estava ao lado da minha cama,

Ele esteve aqui o tempo todo,

cantarolando para mim.

Ela balança a cabeça. — Meu filho tinha que fazer o que fez. — ela me diz, e eu sei que ela está falando de Richard agora. — Eu não fui forte o suficiente para pará-lo, mas ele foi. Dare foi forte o suficiente.

Sua voz é baixa.

— Sua história é tão triste. — eu digo a ela, porque é. A coisa mais triste que eu já ouvi. Ela balança a cabeça com conhecimento de causa.

— Não é. O mais triste é saber que você acha que nada disso foi real. Seus sonhos são sempre reais, Calla. Mesmo que você não perceba isso. Você tem que abrir os olhos. Abra os olhos.

Abra os olhos.

Abra os olhos.

Eu acordo sobressaltada, por insistência da sua voz me chocando para dentro da lucidez.

Meus olhos abrem.

A luz é tão brilhante que está cegando.

O zumbido para.

— Calla? — a voz é familiar. É uma voz que eu amo, mais do que a vida, mais do que qualquer coisa.

Finn.

Ele agarra minha mão e aos poucos

aos

poucos,

Meus olhos se ajustam e eu posso vê-lo.

Concentro-me no rosto, nos cachos aleatórios que emolduram seu rosto como um halo, os olhos azuis pálidos e sardas na sua mão.

— Calla, você está acordada. — ele diz com espanto, tanta surpresa em sua voz. — Eu pensei... Deus, não importa o que eu pensei.

Ele pensou que eu fosse morrer.

Porque eu ia.

E ele *está* morto,

E eu tenho que parar de imaginá-lo. Eu pisco com força, segurando meus olhos fechados.

Eu tento falar, mas minha voz não vem, minha garganta muito seca. Há um tubo na minha garganta, eu percebo grogue. Eu puxo-o com a minha mão, mas alguém me para.

Abro os olhos para encontrar uma enfermeira loira.

Meus olhos se arregalam quando vejo seu crachá.

Ashley.

A Ashley dos meus sonhos, só que agora ela não é uma menina em um vestido de noite mais, ela é uma enfermeira com jaleco de cachorrinho. Ela sorri quando vê meus olhos abertos, e ela inclina sobre a minha cama.

— Não se preocupe. — ela me diz. — Eu chamei a médica e ela logo chega. Por agora, feche os olhos e eu vou tirar este tubo. Vou contar até três, então eu quero que você expire.

Eu faço, e no três, ela puxa o tubo para fora da minha garganta.

Parece como uma cobra na grama, deslizando à distância, e eu nunca estive tão feliz de ver algo ir.

Minhas mãos vibram na minha garganta, agarrando-a, e Finn segura um canudo nos meus lábios.

— Beba isso. — ele me diz, então eu bebo. Eu sinto como se não tivesse bebido nada em cem anos, e assim eu bebo, e bebo, e bebo, mesmo que doa para engolir.

Quando eu termino, eu limpo minha garganta.

Minhas palavras são secas, mas eu sou capaz de falar.

— Eu sinto muito, Finn.

Há dor em seu rosto, uma dor real, e ele fecha os olhos por um minuto.

— Foi um acidente. — ele finalmente diz. — Não foi culpa sua.

Mas foi.

Eu sei disso, e ele também.

— O que aconteceu comigo?

Tudo o que eu me lembro é ficar de pé sobre os penhascos,

Em seguida, caindo.

Finn olha para o lado, os olhos azuis de dor.

— Você não estava em seu juízo perfeito. Você perseguiu algo sobre o penhasco.

Eu fico surpresa, congelada. — Eu pulei dos penhascos?

O garoto de capuz.

Lembro-me agora, e meus olhos se arregalam.

— Você teve uma pausa mental, Calla. Era para você estar se recuperando em Whitley, se recuperando por nos perder. Mas muita coisa aconteceu, e sua mente não conseguiu suportar mais.

Meu peito parece instável quando respiro, e eu olho em volta do meu quarto de hospital. Duas cadeiras, uma mesa, um relógio. O quadro de aviso que diz *sua enfermeira hoje será Ashley.* Uma pilha de livros, um travesseiro, um cobertor.

Dare não está aqui.

Sinto falta dele.

Eu preciso dele.

Ele me puxou da insanidade. Eu sei que é verdade.

Minha mente faz truque após truque após truque, mas não, Dare ficou ao meu lado até o fim.

Eu tomo outra bebida, e olho para o relógio.

5:35.

Finn conversa comigo, sobre o pai, sobre a mãe, sobre os funerais, sobre a vida.

— E o Padre. — Finn faz uma pausa. — Um Padre a colocou sob sua asa. Ele esteve aqui para visitá-la várias vezes.

Eu pisco.

— O nome dele era Padre Thomas?

Finn acena com a cabeça lentamente. — Como você... não importa. Ele veio visitá-la, muito. A última vez ele... ele te deu a extrema-unção, Calla. — sua voz quebra e ele olha para longe.

Através desta santa unção, que o Senhor em seu amor e misericórdia ajude-a com a graça do Espírito Santo. Que o Senhor que liberta do pecado, salve-a e levante-a.

Eu lembro.

Todos pensavam que eu ia morrer.

Dare pensou?

6:02.

Ashley volta para dizer que a médica está atrasada, mas estaria aqui em breve.

Finn conversa sem rumo, e eu escuto, mas não realmente.

6:25.

A porta se abre, e meu coração pula, pensando que fosse Dare.

Não é.

É Sabine.

Só que não é.

— Eu sou a Dra. Andros. — ela me diz com uma voz gutural, uma voz familiar, uma voz que eu ouvi durante meses. Eu pensei que fosse em meus sonhos, mas era real. — E você nos deu um susto.

Ela me cutuca com as mãos pequenas, e fico maravilhada com o quanto ela é como Sabine, em quão interessantes são os nossos cérebros quando estão traumatizados.

— Você terá uma recuperação completa. — ela me diz, finalmente, e ela parece um pouco surpresa.

— Obrigada. — eu digo a ela. E os chás que ela me deu em meus sonhos devem ter sido a medicação na vida real, sedativos. Ela acena com a cabeça e ela se vai.

Eu estou sozinha com Finn, e é 06:42.

Eu não quero fazê-lo se sentir *inferior,*

Mas eu estou morrendo de vontade de ver Dare.

Cada molécula e fibra do meu ser precisam vê-lo.

6:43.

Então eu tenho que perguntar.

— Finn, quando Dare vem?

Finn está na janela e, quando ele se vira, os olhos estão envoltos em algo escuro, algo hesitante. Ele olha para mim, perguntando o que ele deveria dizer, com a intenção de me tratar com cuidado.

Temos que lidar com ela com cuidado.

Lembro-me das palavras de mais cedo, quando eu não podia ver o que eles falavam.

Um peso,

um pesado,

pesado

peso,

instala-se em meu estômago porque Finn é muito cuidadoso, porque ele não sabe o que dizer.

Medo vibra através de mim, e eu movo minha língua.

— Finn. — eu digo novamente, e horror está se formando em meu coração. — Quando Dare chegará aqui?

Meu medo decola como pássaros, porque Finn balança a cabeça.

Ele se senta, e pega a minha mão.

Seus dedos são frios.

Seu corpo está parado.

Meu coração é um peso,

caindo no meu peito,

quebrando todos os meus ossos.

— Calla. — Finn diz cuidadosamente, seus olhos azuis treinados no meu rosto. — Dare está...

Sua voz recortada quebra,

como pedaços de vidro quebrado.

Eu aperto a mão dele,

Tão forte quanto posso.

Porque eu acho que eu já sei a resposta.

Continua...

No terceiro e último livro da Nocte Trilogy.



[1] Jane Eyre é um romance da escritora inglesa Charlotte Brontë publicado em 1847. O livro foi lançado originalmente em Londres, pela Editora Smith, Elder & Co., Cornhill, em 16 de outubro de 1847, em 3 volumes. Apesar de possuir ainda vários elementos da literatura gótica, tais como a ambientação em castelos, o clima de mistério sugerido pelo segredo do passado, a tragicidade dos personagens, o período histórico do gótico já havia terminado, e Charlotte Brontë não tem sido considerada dentro desse tipo de literatura.

[2] Efeito causado pelo desequilíbrio do organismo de um indivíduo que viaja por diferentes fusos horários.

[3] Referência ao romance de Jane Eyre e Rochester, que quando fica cego, Jane o encontra e eles se casam novamente, e ele volta a enxergar, portanto, Jane pode ser considerada a salvadora de Rochester.

[4] Os lírios Stargazer foram criados na Califórnia pelo criador de lírios Leslie Wood em 1978. O nome "Stargazer" surgiu do fato de essas flores, ao contrário dos outros lírios, "olharem" para o céu. Essa espécie em particular pertence à família do lírio oriental e é uma das flores mais populares para jardins e arranjos.

[5] Medicamento indicado para alívio sintomático da ansiedade, tensão e outras queixas somáticas ou psicológicas associadas com a síndrome da ansiedade. Pode também ser útil como coadjuvante no tratamento da ansiedade ou agitação associada a desordens psiquiátricas.

[6] Referência ao filme Alice no País das Maravilhas.

[7] Fazendo referência à diferença da expressão inglesa e americana para o policial, sendo, respectivamente, coppers e police.

[8] Decote em formato de coração. Muito usado em vestidos de noivas.

[9] Neogótico ou revivalismo gótico é um estilo de arquitetura revivalista originado em meados do século XVIII na Inglaterra. No século XIX, estilos neogóticos progressivamente mais sérios e instruídos procuraram reavivar as formas góticas medievais, em contraste com os estilos clássicos dominantes na época.

[10] A glicínia é uma trepadeira volúvel, lenhosa e decídua, de florescimento muito decorativo. Suas folhas são pinadas, alternas e compostas por 9 a 19 folíolos, de coloração avermelhada e pubescentes quando novas, tornando-se glabras e verde-brilhantes com o tempo. As inflorescências são longas, pendulares e carregadas de numerosas flores azuis, róseas, brancas ou roxas.

Plumeria, também conhecido como Frangipani, é um arbusto ou uma árvore comum em climas tropicais ou subtropicais. Cerca de 8 variedades de flores tropicais perfumadas são encontrados que variam de um para o outro sobre a base de flores e forma da folha. Eles também têm uma fragrância forte, que fica mais forte à noite.

[11] Também chamado de lírio do Nilo, copo de leite. Muito usado em funerais.